
INDICADORES IBGE

volume 8
número 7
julho de 1989
publicação mensal

SUMÁRIO

5 LEITURA RÁPIDA

7 ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – INPC, ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO – IPCA E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR – IPC

11 Tabelas (variação geral; principais contribuições na variação mensal; números índices e variações; pesos, variação mensal dos grupos, subgrupos e itens).

21 PESQUISA MENSAL DE EMPREGO – PME

24 Tabelas (taxa de desemprego, ocupados, conta-própria e rendimento médio).

39 INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

52 Tabelas (produção física – Brasil e produção física por regiões).

67 SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL – SINAPI

69 Tabelas (custo médio, número índice e variações percentuais; custos de projetos; salários-hora das categorias – maio-89).

77 ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

83 Tabelas (área, produção e rendimento médio – um confronto entre safras e estimativas; confronto entre estimativas; abate de animais, produção de leite e ovos).

87 SUPLEMENTO I – PRODUÇÃO ANIMAL – RETROSPECTIVA DE 1988

101 SUPLEMENTO II – PRODUTO INTERNO BRUTO-BRASIL – 1º TRIMESTRE DE 1989

CONVENÇÃO

– Quando, pela natureza do fenômeno, não puder existir o dado.

EQUIPE DE REDAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

**Redatores: Bruno Marcus Rangel Pessanha
Elvío Valente
Jairo Augusto Silva
Terezinha Iza Cezar**

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

**Redator: Shyrlene Ramos
Colaboradores: Luciene Ferro da Silva Grilo
Mário Serres da Silva**

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

**Redatores: Eulina Nunes dos Santos
Luiz Fernando de Oliveira Fonseca
Vânia Maria Carelli Prata
Oreval Alves Moreira
Colaboradores: Equipe técnica do projeto SNIPC**

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

**Redatores: Ivan Gelabert Barbosa
José Leonídio M. Souza Santos
Maria Tereza Reis Ribeiro
Myrian Thereza Ferreira
Nilo Lopes de Macedo
Paulo Gonzaga M. de Carvalho
Rosângela Carnevale
Sílvio Sales de Oliveira Silva
Tereza Cristina Machado Mendes
Colaboradores: Carlos Alberto C. da Fonseca
Heloisa de V. Medina**

Programação visual

Pedro Paulo Machado

Produção Gráfica, Distribuição e Vendas

Centro de Documentação e Disseminação de Informações
Av. Beira Mar, 436 – 6º andar – Rio de Janeiro – RJ
CEP 20 021 – Tel.: (021) 533-3094

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE

DIRETORIA DE PESQUISAS

DIRETOR DE PESQUISAS

Lenildo Fernandes Silva

DIRETOR ADJUNTO DA DIRETORIA DE PESQUISAS

Fernando José de Araujo Abrantes

COORDENAÇÃO DO CENSO AGROPECUÁRIO

Manoel Antonio Soares da Cunha

COORDENAÇÃO DOS CENSOS ECONÔMICOS

Carmen de Jesus Garcia

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO

Eva Doris Rosental

NÚCLEO DE METODOLOGIA

Pedro Luis Nascimento Silva

NÚCLEO DE PLANEJAMENTO E SUPERVISÃO

Nuno Duarte da Costa Bittencourt

DEPARTAMENTO DE AGROPECUÁRIA

Elvio Valente

DEPARTAMENTO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Eduardo Luiz de Mendonça

DEPARTAMENTO DE CONTAS NACIONAIS

Claudio Monteiro Considera

DEPARTAMENTO DE EMPREGO E RENDIMENTO

Nelson de Castro Senra

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICAS E INDICADORES SOCIAIS

Marcia Bandeira de Mello Leite

DEPARTAMENTO DE ÍNDICES DE PREÇOS

Ricardo Augusto Braule Pinto

DEPARTAMENTO DE INDÚSTRIA

Luisa Maria La Croix

DEPARTAMENTO DE POPULAÇÃO

Valéria da Motta Leite

GRUPO EXECUTIVO DE ADMINISTRAÇÃO

Angela Rosenberg Freire

LEITURA RÁPIDA

Em junho, os índices de preços ao consumidor calculados pelo IBGE — INPC, IPCA e IPC, este último o indexador oficial da economia — passam a incorporar a nova estrutura de ponderação gerada a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada pelo IBGE no período de setembro de 1986 a fevereiro de 1988.¹

O IPC, em junho, foi de 24,83%, resultando em 175,62% o acumulado do semestre. Em função dos preços liberados e/ou reajustados, as maiores variações ocorreram no grupo Alimentação (34,57%), seguido pelo grupo Transporte e Comunicação (24,42%), e Vestuário (23,16%). Os feijões (86,91%) e as carnes frescas e industrializadas (58,03%) foram os produtos que exerceram as maiores pressões no resultado do grupo Alimentação. Quanto ao INPC de junho, o resultado foi de 29,40%, e o IPCA de 28,65%, fechando o semestre com o acumulado de 181,48% e 181,65%, respectivamente.

A taxa média de desemprego aberto (proporção da população economicamente ativa procurando trabalho na semana de referência da pesquisa), em maio, foi de 3,37%, sendo menor que a de maio-88 (4,04%). Isto devido ao pequeno aumento da População Economicamente Ativa — PEA e do número de pessoas ocupadas, versus o decréscimo significativo do número de pessoas desocupadas. Ainda em relação a maio-88, verificamos que o número de pessoas ocupadas aumentou mais expressivamente no setor da Construção Civil (8%) e no Comércio (7%).

A proporção da PEA desempregada e ocupada recebendo menos de um piso nacional de salários obedeceu à tendência de queda acentuada, registrada já há dois meses, ficando em 14,45% contra os 19,45% de março e os 16,75% de abril deste ano.

Quanto ao rendimento médio real das pessoas ocupadas, referentes a abril-89, aumentou, em relação a abril-88, na

¹ Ver seção de Índices de Preços, p.7

maioria das regiões metropolitanas, destacando-se Porto Alegre com acréscimo de 24%. Vale destacar também o aumento do rendimento que vem ocorrendo, pelo terceiro mês consecutivo, na categoria de pessoas que trabalharam por conta própria.

A indústria, em maio-89, apresentou uma expansão de 5,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Com isso, obtém seu primeiro resultado positivo dos últimos oito meses e o seu segundo melhor índice de desemprego mensal desde maio de 1987. Esse comportamento favorável pode ser verificado também através do resultado dessazonalizado, uma vez que o índice de base fixa de 122,3% registra o mesmo nível observado no período junho/agosto de 1988, fase em que a produção industrial passou por sensível recuperação. Observa-se ainda que, em relação a maio de 1988, o crescimento da produção atingiu todos os gêneros pesquisados, à exceção de material de transporte (-10,8%) e produtos alimentares (-1,0%).

O aumento da produção industrial foi ainda generalizado em termos regionais. Na comparação com maio do ano passado registraram-se acréscimos que variam de 0,1%, no Nordeste, a 10,6%, na Região Sul, revertendo o quadro dos primeiros quatro meses do ano, quando a produção encontrava-se em declínio na maioria dos locais pesquisados.

As estimativas da produção agrícola, em junho, não foram muito favoráveis quando comparadas à produção de 1988. Os

produtos que apresentaram crescimento foram: fumo (8,18%), mandioca (9,03%), milho (6,19%) e soja (32,14%); os demais assinalaram decréscimo na produção destacando-se arroz, feijão, mamona e trigo.

Em maio, o abate de bovinos sofreu um decréscimo de 7,4% em relação ao mesmo período de 1988, enquanto a produção de leite destinado às indústrias caiu 7,0%. Além do fato de maio ser o mês que antecede a entrada do inverno (estação de entressafra), a política de preços do governo e a retração da demanda também contribuíram para a diminuição do abate de bovinos e da produção de leite.

O custo do metro quadrado da construção civil atingiu, em maio, NCz\$ 259,64 por metro quadrado, dos quais NCz\$ 195,97 correspondem à participação dos materiais, e NCz\$ 63,67 à participação da mão-de-obra. Com esse resultado, a variação mensal foi de 15,32% e a acumulada no ano de 95,75%.

Suplementos

“Produção Animal — Retrospectiva de 1988”, de autoria de Bruno Marcus Rangel Pessanha, engenheiro agrônomo do Departamento de Agropecuária da Diretoria de pesquisas do IBGE.

“Brasil — Produto Interno Bruto Trimestral-1989 — 1º Trimestre”, elaborado pelo Departamento de Contas Nacionais da Diretoria de Pesquisas do IBGE.

Rio de Janeiro, RJ, julho de 1989

Edição
Núcleo de Documentação da
Diretoria de Pesquisas

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR, ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLO E ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR

NOTA SOBRE A NOVA ESTRUTURA DE PESOS

A partir do mês de junho de 1989, os índices de preços produzidos pelo IBGE passaram a ser calculados com as novas estruturas de pesos obtidas a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares — POF — realizada no período de março de 1987 a fevereiro de 1988¹. Na verdade, esta pesquisa teve a duração de dezoito meses, abrangendo o período de 01-09-86 a 28-02-88. No entanto, os seis primeiros meses da pesquisa foram abandonados para fins de cálculo dos índices, porque coincidiram com um período bastante atípico da economia, em consequência do Plano Cruzado. Produtos em falta, cobrança de ágio e aumento da demanda, principalmente de bens duráveis, foram alguns dos fatores que influenciaram a estrutura de consumo da população na-

quele período. Assim, os pesos da POF 87/88 substituíram os pesos anteriormente utilizados pelo IBGE, obtidos a partir da Pesquisa Estudo Nacional da Despesa Familiar — ENDEF — realizada, também pelo IBGE, entre agosto de 1974 e agosto de 1975. Os pesos do ENDEF foram utilizados para calcular os índices do período de março de 1979, quando o IBGE implantou o Sistema Nacional de Índices de Preços — SNIPC — até maio de 1989.

Além de alterar os pesos dentro de cada região, o IBGE, também a partir de junho de 1989, alterou os pesos entre as regiões para cálculo dos índices nacionais, passando a utilizar informações de população do ano de 1985 em substituição às informações do ano de 1980².

Nesta edição da revista Indicadores IBGE, encontram-se os novos pesos nacionais, a nível de item, atualizados para o mês de julho de 1989, que são os mais recentes. Encontram-se também, por região, os vinte

¹ Ver Textos para Discussão, nº 11, janeiro de 1989: "Pesquisa de Orçamentos Familiares: Metodologia para Obtenção das Informações em Campo", disponível Para consultas na Biblioteca da Diretoria de Pesquisas do IBGE, à Rua Visconde de Niterói, 1.246, Bloco B, 13º andar telefone: 284-3505.

² Ver Suplemento da revista Indicadores IBGE, vol. 8, nº 6, junho: "SNIPC: População Objetivo e Sistema de Pesos entre as regiões".

subitens de maiores pesos, além dos novos pesos entre regiões (Tabelas 3, 4 e 5).

A NOVA BASE DO INPC E DO IPCA

Os valores das despesas obtidos ao longo dos doze meses de duração da POF 86/87 foram corrigidos monetariamente (deflacionados ou inflacionados) para o mês de outubro/87, que passou a ser o mês base das novas séries do INPC e do IPCA. Desta forma, os índices foram recalculados a partir dos novos pesos para o período de novembro de 1987 (com base igual a 100 (cem) em outubro/87) a maio de 1989, último mês calculado com os pesos anteriores. Foi obtida, então, uma nova série histórica de números índices que permite calcular taxas acumuladas sem misturar a série antiga (março/86 = 100) com a série nova (outubro/87 = 100). Registre-se que o IBGE não adotou o mesmo procedimento para o IPC, que continuou com base igual a 100 (cem) em março/86, tendo em vista se tratar do indexador da economia do país.

As novas séries do INPC e do IPCA encontram-se nesta edição da revista Indicadores IBGE (Tabela 2).

RESULTADOS DO INPC E DO IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor — INPC — apresentou, no mês de junho, variação de 29,40% e o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo — IPCA — variou 28,65%. Os resultados acumulados encontram-se na tabela abaixo.

A taxa de variação do INPC no mês de junho foi bastante superior aos 18,60% registrados no mês de maio, devido ao expressivo crescimento de preços dos alimentos, tendo em vista que a maioria dos produtos foram liberados do controle, enquanto outros, ainda administrados, tiveram reajustes concedidos pelo Governo.

No grupo Alimentação (40,07%) os principais responsáveis foram: cereais (74,32%) — tanto o arroz (32,48%) quanto os feijões (133,65%) tiveram seus preços liberados no dia 16-06-89; carnes (70,90%) — os preços foram liberados no dia 08-06-89; carnes industrializadas (105,83%) — a alta deve-se aos aumentos das carnes bovina e suína no atacado; frango (61,91%) — os preços foram liberados no dia 08-06-89; ovos (37,77%) — os preços foram liberados no dia 12-05-89; leite pasteurizado (27,39%) — os preços foram reajustados em 15% e 21% nos dias 11-05-89 e 01-06-89, respectivamente; pão francês (23,98%) — os preços foram reajustados em 20% e 33% nos dias 29-05-89 e 29-06-89, respectivamente; refeição (40,41%), lanche (43,15%) e café da manhã em restaurante (39,08%) — os preços foram liberados no dia 05-05-89.

Os produtos não-alimentícios ficaram com a variação de 22,58%. Os comentários por grupo são: Habitação (15,57%) — os destaques foram os artigos para reparos (24,33%); Artigos de Residência (26,61%), devido principalmente ao aumento de preços verificados nos artigos de mobiliário (31,97%) e TV e Som (32,71%); Vestuário (21,49%), cujos destaques foram: calçados (23,32%), roupas femininas (22,19%) e roupas masculinas (20,08%); Transporte e Comunicação (24,14%),

VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA, COM ÍNDICES ACUMULADOS

ÍNDICES	VARIAÇÃO (%)				NÚMERO ÍNDICE (outubro/87 = 100)
	Acumulado em três meses	Acumulado em seis meses	Acumulado no ano	Acumulado em doze meses	
INPC.....	68,92	181,48	181,48	989,59	3 876,00
INPC.....	68,68	181,65	181,65	977,68	3 805,93

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Índices de Preços, Divisão de Planejamento e Estudos, pesquisa Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor.

destacando-se os reajustes nos preços das passagens dos ônibus urbanos (26,39%), nas tarifas de táxi (25,14%), além do aumento de preços dos automóveis usados (19,36%); Saúde e Cuidados Pessoais (22,09%), destacando-se os produtos farmacêuticos (16,24%), atendimento médico (36,49%) e artigos de higiene pessoal (17,90%); e finalmente no grupo Despesas Pessoais (26,94%), destacando-se os serviços pessoais (37,28%) e mensalidades de cursos formais (45,12%).

No INPC do mês de junho, a Região Metropolitana de Salvador registrou a maior variação (32,56%), enquanto a Região Metropolitana de Belém registrou a menor (24,30%).

RESULTADOS DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — do mês de junho apresentou variação de 24,83%, bastante superior aos 9,94% registrados no mês de maio. A alta deve-se à revisão do congelamento e à liberação de preços de produtos e serviços, conforme determinou a medida provisória nº 51, baixada em 27 de abril. Os produtos alimentícios exerceram as maiores pressões no IPC de junho, principalmente os feijões e as carnes frescas e industrializadas.

A taxa acumulada do IPC no ano situou-se em 175,62%. Nas perspectivas *últimos seis meses* e *últimos doze meses* as variações foram 175,62% e 964,05%, respectivamente.

Os produtos alimentícios apresentaram expressivas variações em todos os seus componentes, com exceção, apenas, das farinhas, féculas e massas. Os destaques foram:

Arroz (15,01%) — refletiu o reajuste de 17,9% concedidos em 26-05-89, após um período de reivindicação por maiores preços, quando os arroseiros realizaram boicotes nas estradas para impedir a livre circulação do produto para dentro e para fora do Rio Grande do Sul.

Feijões (86,91%) — os preços aumentaram significativamente devido à redução em 30% da produção da primeira safra, de acordo com a última estimativa do Levanta-

mento Sistemático da Produção Agrícola — (LPSA) — do IBGE.

Açúcar refinado (12,52%) — em função do reajuste da cana-de-açúcar, os preços do açúcar foram reajustados em 15,5% a partir de 22-05-89.

Carnes (58,03%) — no dia 12-05-89 foi concedido um reajuste de 15%, mas o desabastecimento continuou devido à acentuada elevação no atacado no período de janeiro a junho. Insatisfeitos com o reajuste de 15%, os supermercados suspenderam a venda do produto e os açougues continuaram a vender com ágio. Os pecuaristas, por outro lado, diminuíram a entrega de bois, aguardando melhores preços por ocasião do início da entressafra. Assim, com o setor pecuário apresentando problemas, o Governo decidiu liberar os preços da carne no dia 08-06-89, encerrando um período de tabelamento não respeitado, mas mantendo o controle das margens de lucro no varejo. Com o fim do tabelamento, o abastecimento foi normalizado e a carne voltou a aparecer, mas com preços bastantes elevados, o que se refletiu no IPC de junho.

Frango (58,38%) — reproduz o mesmo quadro verificado no caso da carne bovina. Com os preços reajustados em 15% no dia 12-05-89, entretanto o desabastecimento continuou devido à acentuada elevação no atacado, de estabelecimentos que ofertavam o produto e continuavam a cobrar ágio. Assim, o Governo decidiu liberar os preços do frango no dia 08-06-89, mantendo o controle das margens de lucro no varejo. O IPC de junho refletiu o aumento dos preços após a liberação, o que vem sendo propiciado pela maior demanda do mercado face à alta da carne bovina.

Ovos (109,78%) — os preços foram liberados em 12-05-89, com forte impacto no IPC de junho. Com a redução da produção, via descarte de poedeiras, o abastecimento ficou prejudicado, ocasionando a cobrança de ágio. A fim de normalizar a produção e a comercialização do produto, o Governo optou pela liberação dos preços.

Carnes e peixes industrializados (58,64%) — a alta deve-se aos aumentos ocorridos nas carnes em geral, destacando-se a carne de porco, cujos preços foram liberados em 08-06-89. Os produtos que mais pressionaram o resultado foram: ba-

con, salsicha, bacalhau, carne-seca e carne de porco salgada.

Leite pasteurizado (23,45%) — o preço do leite tipo C foi reajustado em 15% e 21% nos dias: 11-05-89 e 01-06-89, respectivamente.

Pão francês (11,22%) — em consequência dos aumentos nos preços da farinha de trigo, além de outros insumos, o pão francês teve seu preço reajustado em 20% a partir de 29-05-89.

Café moído (17,50%) — os preços de café moído foram reajustados em 25% a partir de 23-05-89.

Alho (87,66%) — a alta nos preços tem sido atribuída aos problemas econômicos na Argentina, que fizeram com que os exportadores suspendessem as entregas temporariamente, além da greve dos carreteiros no Brasil, que reteve a mercadoria na fronteira por 15 dias.

Refeição (49,94%), lanche (43,65%) e café da manhã (45,18%) — os preços dos serviços de alimentação em restaurantes, churrascarias, bares e lanchonetes foram liberados a partir de 05-05-89. Com a liberação, os altos preços dos produtos alimentícios provocaram acentuada elevação nestes serviços.

Os produtos não-alimentícios exerceram menor pressão sobre o IPC do que os alimentos. Foram verificados aumentos nos preços das passagens dos ônibus urbanos, intermunicipais, interestaduais nas dez regiões metropolitanas, além das tarifas de táxi, barca e trem. No Rio de Janeiro, os ônibus urbanos aumentaram 25% no dia

03-06-89 e, em São Paulo, o reajuste foi de 58,8% em 23-05-89.

NOTA EXPLICATIVA DO IPC

O Índice de Preços ao Consumidor — IPC — é o indexador oficial da economia brasileira, criado através do Decreto-Lei nº 2.284 de 10 de março de 1986. De 28 de fevereiro de 1986 até outubro do mesmo ano, o IPC foi calculado pela metodologia do IPCA, de novembro de 1986 em diante, passou a ser calculado pela metodologia do INPC.

O número índice de fevereiro refere-se à data de 28-02-86.

A variação de março de 1986 corresponde ao movimento de preços observados entre o dia 28 de fevereiro de 1986 e a base, definida pelos preços coletados em março de 1986.

Até maio de 1987, o IPC foi calculado com base nos preços coletados no mês civil. O IPC de junho de 1987 foi obtido comparando-se a média dos preços vigentes, no período de 16 a 22 de junho, com a média dos preços constatados no mês de maio, conforme determinação do Decreto-Lei nº 2.335 de 12 de junho de 1987 e a Portaria nº 186 de junho de 1987. A partir de junho, também, em cumprimento ao Decreto-Lei nº 2.335, o IPC passou a ser calculado, com base na média dos preços apurados, entre o início da segunda quinzena do mês anterior e o término da primeira quinzena do mês de referência.

1 – VARIAÇÃO GERAL E POR GRUPOS DE PRODUTOS, SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS
INPC – Junho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	24,30	27,88	20,76	18,57	25,01	4,31	19,89	28,41
Fortaleza.....	26,56	33,10	18,85	23,86	22,82	12,80	22,17	23,49
Recife.....	30,46	36,33	16,09	34,28	28,52	17,77	27,51	25,27
Salvador.....	32,56	42,68	23,24	26,66	26,02	21,43	19,36	26,94
Belo Horizonte.....	30,84	38,63	21,08	31,07	26,80	25,78	19,66	28,17
Rio de Janeiro.....	28,75	37,80	11,96	26,27	22,09	26,00	20,15	27,26
São Paulo.....	28,19	40,98	12,59	25,02	17,73	27,14	25,61	26,32
Curitiba.....	30,21	44,70	22,73	28,05	20,15	25,24	21,14	26,95
Porto Alegre.....	31,49	49,14	16,43	26,90	17,37	31,93	19,70	25,08
Brasília, DF.....	30,13	48,04	12,88	22,29	21,11	21,00	19,67	31,34
INPC.....	29,40	40,07	15,57	26,61	21,49	24,14	22,09	26,94

IPCA – Junho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	25,28	27,80	20,58	18,88	25,00	16,97	23,30	32,87
Fortaleza.....	26,56	33,39	17,63	23,27	22,95	18,79	23,24	27,25
Recife.....	30,93	36,18	17,61	34,85	28,87	20,03	36,91	29,50
Salvador.....	29,86	40,42	18,51	27,96	25,71	21,83	20,87	27,97
Belo Horizonte.....	30,01	38,38	20,90	31,92	25,79	23,88	21,01	31,71
Rio de Janeiro.....	28,57	37,70	14,45	26,08	21,64	24,52	21,51	32,76
São Paulo.....	28,15	41,22	11,77	22,89	17,65	24,96	27,96	33,30
Curitiba.....	29,08	42,98	22,87	28,47	19,88	22,86	24,13	31,95
Porto Alegre.....	29,45	46,13	15,13	27,84	17,55	25,99	21,91	32,21
Brasília, DF.....	28,54	45,75	12,18	22,17	21,23	21,73	20,05	35,70
IPCA.....	28,65	39,94	14,56	25,56	20,53	23,76	24,97	32,38

IPC – Junho de 1989

REGIÕES METROPOLITANAS	GERAL	GRUPOS DE PRODUTOS (%)						
		Alimen- tação	Habitação	Artigos de resi- dência	Vestuário	Transporte e comuni- cação	Saúde e cuidados pessoais	Despesas pessoais
Belém.....	22,17	26,56	18,14	17,23	23,37	18,70	15,85	19,47
Fortaleza.....	23,92	33,76	16,86	9,72	24,20	17,54	16,99	14,30
Recife.....	26,87	35,22	11,31	26,49	24,70	30,36	15,47	16,01
Salvador.....	25,92	35,49	9,14	21,29	23,05	22,38	17,68	20,48
Belo Horizonte.....	25,94	39,86	10,45	17,43	27,27	22,48	16,46	18,11
Rio de Janeiro.....	22,31	30,37	6,81	26,28	20,33	17,71	12,66	18,73
São Paulo.....	25,93	36,86	10,50	20,88	20,45	30,80	17,67	25,54
Curitiba.....	22,25	29,70	16,85	17,26	21,62	20,72	14,99	20,38
Porto Alegre.....	24,99	33,46	12,86	23,12	29,47	18,92	13,61	20,21
Brasília, DF.....	24,27	35,84	11,23	16,35	23,52	23,94	17,27	22,75
IPC.....	24,83	34,57	11,16	20,21	23,16	24,42	16,11	20,90

2 – SÉRIES HISTÓRICAS DOS NÚMEROS ÍNDICES E DAS VARIAÇÕES DO INPC E DO IPCA – 1987-89

MESES	ÍNDICES			
	INPC		IPCA	
	Número índice (outubro/87 = 100)	Variação mensal (%)	Número índice (outubro/87 = 100)	Variação mensal (%)
1987				
Outubro	100,00		100,00	
Novembro	114,92	14,92	114,73	14,73
Dezembro	130,86	13,87	130,91	14,10
1988				
Janeiro	154,28	17,90	153,61	17,34
Fevereiro	177,93	15,33	176,45	14,87
Março	209,69	17,85	207,05	17,34
Abril	249,51	18,99	248,34	19,94
Maió	292,73	17,32	290,88	17,13
Junho	355,73	21,52	353,16	21,41
Julho	432,21	21,50	424,22	20,12
Agosto	523,75	21,18	515,43	21,50
Setembro	665,37	27,04	659,70	27,99
Outubro	838,83	26,07	826,54	25,29
Novembro	1 071,94	27,79	1 050,70	27,12
Dezembro	1 377,01	28,46	1 351,31	28,61
1989				
Janeiro	1 854,28	34,66	1 818,46	34,57
Fevereiro	2 134,65	15,12	2 090,50	14,96
Março	2 294,54	7,49	2 256,28	7,93
Abril	2 525,60	10,07	2 492,51	10,47
Malo	2 995,36	18,60	2 958,36	18,69
Junho	3 876,00	29,40	3 805,93	28,65

NOTA -- Considerando a nova base em outubro/87.

3 - NÚMEROS ÍNDICES E VARIAÇÕES - 1988-89
INPC

MESES	NÚMERO ÍNDICE (outubro 87 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro.....	154,28	17,90	54,28		17,90	
Fevereiro.....	177,93	15,33	54,83		35,97	
Março.....	209,69	17,85	60,24		60,24	
Abril.....	249,51	18,99	61,73	149,51	90,67	
Maió.....	292,73	17,32	64,52	154,73	123,70	
Junho.....	355,73	21,52	69,65	171,84	171,84	
Julho.....	432,21	21,50	73,22	180,15	230,28	
Agosto.....	523,75	21,18	78,92	194,36	300,24	
Setembro.....	665,37	27,04	87,04	217,31	408,46	
Outubro.....	838,83	26,07	94,08	236,19	541,01	738,83
Novembro.....	1 071,94	27,79	104,67	266,19	719,15	832,77
Dezembro.....	1 377,01	28,46	106,95	287,09	952,28	952,28
1989						
Janeiro.....	1 854,28	34,66	121,06	329,02	34,66	1 101,89
Fevereiro.....	2 134,85	15,12	99,14	307,57	55,02	1 099,71
Março.....	2 294,54	7,49	66,63	244,85	66,63	994,25
Abril.....	2 525,60	10,07	36,20	201,09	83,41	912,22
Maió.....	2 995,36	18,60	40,32	179,43	117,53	923,25
Junho.....	3 876,00	29,40	68,92	181,48	181,48	989,59

IPCA

MESES	NÚMERO ÍNDICE (outubro 87 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro.....	153,61	17,34	53,61		17,34	
Fevereiro.....	176,45	14,87	53,80		34,79	
Março.....	207,05	17,34	58,16		58,16	
Abril.....	248,34	19,94	61,67	148,34	89,70	
Maió.....	290,88	17,13	64,85	153,53	122,20	
Junho.....	353,16	21,41	70,57	169,77	169,77	
Julho.....	424,22	20,12	70,82	175,17	224,05	
Agosto.....	515,43	21,50	77,20	192,11	293,73	
Setembro.....	659,70	27,99	86,80	218,62	403,93	
Outubro.....	826,54	25,29	94,84	232,83	531,38	
Novembro.....	1 050,70	27,12	103,85	261,21	702,61	726,54
Dezembro.....	1 351,31	28,61	104,84	282,63	932,24	932,24
1989						
Janeiro.....	1 818,46	34,57	120,01	328,66	34,57	1 083,82
Fevereiro.....	2 090,50	14,96	98,96	305,58	54,70	1 084,75
Março.....	2 256,28	7,93	66,97	242,02	66,97	989,73
Abril.....	2 492,51	10,47	37,07	201,56	84,45	903,67
Maió.....	2 958,36	18,69	41,51	181,56	118,93	917,04
Junho.....	3 805,93	28,65	68,68	181,65	181,65	977,68

IPC

MESES	NÚMERO ÍNDICE (março 86 = 100)	VARIÇÃO (%)				
		No mês	Acumulada em três meses	Acumulada em seis meses	Acumulada no ano	Acumulada em doze meses
1988						
Janeiro.....	663,90	18,51	50,06	84,16	16,51	364,72
Fevereiro.....	783,14	17,96	56,87	104,24	37,44	381,13
Março.....	908,52	16,01	59,44	124,40	59,44	387,90
Abril.....	1 083,68	19,28	63,23	144,94	90,18	381,12
Maió.....	1 276,36	17,78	62,98	155,67	123,90	359,92
Junho.....	1 525,63	19,53	67,92	167,74	167,74	336,09
Julho.....	1 892,39	24,04	74,63	185,04	232,10	424,92
Agosto.....	2 283,36	20,66	78,90	191,56	300,72	495,49
Setembro.....	2 831,59	24,01	85,60	211,67	396,93	598,78
Outubro.....	3 603,20	27,25	90,40	232,50	532,34	714,43
Novembro.....	4 573,18	26,92	100,28	258,30	702,57	816,05
Dezembro.....	5 889,80	28,79	108,00	286,06	933,62	933,62
1989						
Janeiro.....	10 029,15	70,28	178,34	429,97	70,28	1 410,64
Fevereiro.....	10 390,20	3,60	127,20	355,04	76,41	1 226,74
Março.....	11 022,96	6,09	87,15	289,29	87,15	1 113,29
Abril.....	11 828,74	7,31	17,94	228,28	100,83	991,53
Maió.....	13 004,52	9,94	25,16	184,36	120,80	918,88
Junho.....	16 233,54	24,83	47,27	175,62	175,62	964,05

4 – ESTRUTURA DE PONDERAÇÕES, SEGUNDO IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS Julho de 1989

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)
INPC (1)			
INPC	100,0000	CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	3,8674
ALIMENTOS E BEBIDAS	42,2164	Calçados e outros apetrechos	3,8674
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	33,9461	JÓIAS	0,5084
Cereais, leguminosas e oleaginosas	4,0492	Jóias	0,5084
Farinhas, féculas e massas	1,2419	TECIDOS E ARMARINHO	0,6399
Tubérculos, raízes e legumes	1,7084	Tecidos e armarinho	0,6399
Açúcares e derivados	1,7292	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	9,0586
Hortaliças e verduras	0,3485	TRANSPORTE	8,8012
Frutas	1,1045	Transporte público	4,9174
Carnes frescas e vísceras	6,2807	Veículo próprio	2,9283
Pescados	0,5803	Combustíveis (transporte)	0,9555
Carnes e peixes industrializados	1,8626	COMUNICAÇÕES	0,2574
Aves e ovos	4,9326	Comunicações	0,2574
Leite e derivados	3,1057	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,7743
Panificados	2,3993	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,6443
Óleos e gorduras	0,9230	Produtos farmacêuticos	2,3934
Bebidas e infusões	2,5575	Óculos e lentes	0,2509
Enlatados e conservas	0,2353	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	1,9844
Sal e condimentos	0,8873	Atendimento médico	1,2527
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	8,2703	Serviços médicos	0,7317
Alimentação fora do domicílio	8,2703	CUIDADOS PESSOAIS	2,1457
HABITAÇÃO	9,2719	Higiene pessoal	2,1457
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	7,7564	DESPESAS PESSOAIS	9,8654
Habitação	5,7415	SERVIÇOS	2,5604
Reparos	0,7492	Serviços pessoais	2,5604
Artigos de limpeza	1,2657	RECREAÇÃO E FUMO	4,8041
OPERAÇÃO	1,5156	Recreação	2,6867
Combustíveis para uso doméstico	0,4997	Fumo	2,1174
Energia elétrica	1,0158	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,5009
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	8,3364	Educação	2,0374
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	4,9003	Leitura e papelaria	0,4634
Mobiliário	1,9779		
Utensílios e enfeites	1,9904		
Cama, mesa e banho	0,9321		
APARELHOS ELÉTRICOS	3,4361		
Eletrodomésticos e equipamentos	1,7210		
TV e som	1,7151		
VESTUÁRIO	14,4789		
ROUPAS	9,4612		
Roupas masculinas	3,4933		
Roupas femininas	3,7241		
Roupas infantis	2,2438		

4 - ESTRUTURA DE PONDERAÇÕES, SEGUNDO IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Julho de 1989

(continua)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)
IPCA (2)		CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	3.8674
IPCA.....	100,0000	Calçados e outros apetrechos	3.8674
ALIMENTOS E BEBIDAS	42.2164	JÓIAS	0,5084
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	33,9461	Jóias.....	0,5084
Cereais, leguminosas e oleaginosas.....	4,0492	TECIDOS E ARMARINHO	0,6399
Farinhas, féculas e massas	1,2419	Tecidos e armarinho	0,6399
Tubérculos, raízes e legumes	1,7084	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	9,0586
Açúcares e derivados.....	1,7292	TRANSPORTE.....	8,8012
Hortaliças e verduras	0,3485	Transporte público	4,9174
Frutas	1,1045	Veículo próprio	2,9283
Carnes frescas e vísceras	6,2807	Combustíveis (transporte)	0,9555
Pescados.....	0,5803	COMUNICAÇÕES	0,2574
Carnes e peixes industrializados	1,8626	Comunicações	0,2574
Aves e ovos	4,9326	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,7743
Leite e derivados.....	3,1057	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,6443
Panificados.....	2,3993	Produtos farmacêuticos	2,3934
Óleos e gorduras	0,9230	Óculos e lentes	0,2509
Bebidas e infusões	2,5575	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	1,9844
Enlatados e conservas	0,2353	Atendimento médico	1,2527
Sal e condimentos.....	0,8873	Serviços médicos.....	0,7317
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	8,2703	CUIDADOS PESSOAIS	2,1457
Alimentação fora do domicílio	8,2703	Higiene pessoal	2,1457
HABITAÇÃO	9,2719	DESPESAS PESSOAIS	9,8654
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	7,7564	SERVIÇOS	2,5604
Habitação	5,7415	Serviços pessoais	2,5604
Reparos.....	0,7492	RECREAÇÃO E FUMO	4,8041
Artigos de limpeza.....	1,2657	Recreação	2,6867
OPERAÇÃO	1,5156	Fumo	2,1174
Combustíveis para uso doméstico.....	0,4997	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,5009
Energia elétrica.....	1,0158	Educação	2,0374
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	8,3364	Leitura e papeleria	0,4634
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	4,9003		
Mobiliário	1,9779		
Utensílios e enfeites	1,9904		
Cama, mesa e banho	0,9321		
APARELHOS ELÉTRICOS	3,4361		
Eletrodomésticos e equipamentos.....	1,7210		
TV e som	1,7151		
VESTUÁRIO	14,4769		
ROUPAS	9,4612		
Roupas masculinas	3,4933		
Roupas femininas	3,7241		
Roupas infantis	2,2438		

4 – ESTRUTURA DE PONDERAÇÕES, SEGUNDO IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS
Julho de 1989

(conclusão)

IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)	IDENTIFICAÇÃO DOS NÍVEIS	PESOS (%)
IPC (1)		CALÇADOS E OUTROS APETRECHOS	4,2707
IPC	100,0000	Calçados e outros apetrechos	4,2707
ALIMENTOS BEBIDAS	39,4334	JÓIAS	0,5492
ALIMENTAÇÃO NO DOMICÍLIO	31,8807	Jóias	0,5492
Cereais, leguminosas e oleaginosas	3,5233	TECIDOS E ARMARINHO	0,6945
Farinhas, féculas e massas	1,3162	Tecidos e armarinho	0,6945
Tubérculos, raízes e legumes	2,0245	TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO	9,7617
Açúcares e derivados	1,8044	TRANSPORTE	9,5132
Hortaliças e verduras	0,4368	Transporte público	5,0645
Frutas	1,1862	Veículo próprio	3,2105
Carnes frescas e vísceras	5,2547	Combustíveis (transporte)	1,2382
Pescados	0,6042	COMUNICAÇÕES	0,2485
Carnes e peixes industrializados	1,3922	Comunicações	0,2485
Aves e ovos	4,5706	SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	6,6015
Leite e derivados	3,0039	PRODUTOS FARMACÊUTICOS E APARELHOS DE TRATAMENTO	2,5307
Panificados	2,3422	Produtos farmacêuticos	2,2780
Óleos e gorduras	0,8296	Óculos e lentes	0,2527
Bebidas e infusões	2,4694	ATENDIMENTO E SERVIÇOS	1,9115
Enlatados e conservas	0,2059	Atendimento médico	1,2389
Sal e condimentos	0,9165	Serviços médicos	0,6725
ALIMENTAÇÃO FORA DO DOMICÍLIO	7,5527	CUIDADOS PESSOAIS	2,1593
Alimentação fora do domicílio	7,5527	Higiene pessoal	2,1593
HABITAÇÃO	9,3878	DESPESAS PESSOAIS	9,8398
ENCARGOS E MANUTENÇÃO	7,8516	SERVIÇOS	2,3715
Habitação	5,8898	Serviços pessoais	2,3715
Reparos	0,7124	RECREAÇÃO E FUMO	4,9092
Artigos de limpeza	1,2494	Recreação	2,8292
OPERAÇÃO	1,5362	Fumo	2,0799
Combustíveis para uso doméstico	0,4901	EDUCAÇÃO E LEITURA	2,5591
Energia elétrica	1,0461	Educação	2,1153
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	8,3648	Leitura e papeleria	0,4438
MÓVEIS E UTENSÍLIOS	5,0355		
Mobiliário	1,8826		
Utensílios e enfeites	2,1315		
Cama, mesa e banho	1,0213		
APARELHOS ELÉTRICOS	3,3294		
Eletrodomésticos e equipamentos	1,6709		
TV e som	1,6585		
VESTUÁRIO	16,6110		
ROUPAS	11,0967		
Roupas masculinas	3,9637		
Roupas femininas	4,0141		
Roupas infantis	3,1189		

(1) Famílias com rendimentos de 1 a 8 pisos salariais e chefe assalariado. (2) Famílias com rendimentos de 1 a 40 pisos salariais e chefe assalariado.

5 – CLASSIFICAÇÃO DOS VINTE PRINCIPAIS SUBITENS E RESPECTIVOS PESOS PARA A FAIXA DE RENDA RESTRITA, POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO
Julho de 1989

(conclusão)

DESCRIÇÃO DOS SUBITENS	UNIDADES DA FEDERAÇÃO									
	Distrito Federal		Bahia		Pernambuco		Ceará		Pará	
	Peso	Ordem	Peso	Ordem	Peso	Ordem	Peso	Ordem	Peso	Ordem
Aluguel de moradia	4,54	2	1,92	6	3,12	3	2,56	4	1,77	9
Ônibus	5,31	1	4,01	1	4,45	1	2,78	3	3,99	1
Refeição (restaurante)	3,39	3	3,09	3	2,80	4	4,50	2	2,58	5
Frango	1,73	5	3,54	2	3,82	2	4,55	1	3,54	2
Cigarro	1,71	6	1,30	14	2,13	7	2,09	6	1,70	10
Leite pasteurizado	1,99	4					1,89	9		
Lanche (restaurante)	1,19	18	2,36	4	1,66	10	1,97	8	1,63	12
Calça comprida de homem	1,23	16	1,82	7	1,61	11	1,71	11	1,79	8
Pão francês	1,27	14	2,26	5	2,44	5	1,87	10	1,82	7
Arroz	1,65	7					2,32	5	1,18	18
Conserto de aparelhos	1,59	8	1,45	12	1,72	9	1,18	19		
Ovos de galinha	1,33	11	1,37	13	1,54	12	2,05	7	1,19	17
Automóveis usados										
Gasolina	1,49	9								
Camisa de homem	1,25	15	1,16	17	1,52	13	1,20	17	1,68	11
Taxa de água e esgoto	1,17	19							1,17	20
Cerveja	1,32	12	1,75	8	1,45	15	1,68	12	1,55	13
Luz										
Cursos formais			1,22	16			1,40	14		
Camiseta e blusa de mulher	1,21	17								
Costela					1,25	16				
Agasalho de mulher										
Sapato de mulher										
Agasalho de homem										
Tênis de homem e mulher										
Calça comprida de mulher										
Roupa de cama										
Sapato de homem										
Agasalho de criança										
Feijão rajado									1,22	16
Acém			1,02	20					2,72	4
Feijão preto										
Açúcar refinado										
Batata inglesa										
Televisor										
Carne de porco										
Dentista										
Açúcar cristal					1,22	17				
Móvel para sala	1,45	10								
Móvel para quarto	1,31	13								
Empregado doméstico	1,15	20								
Carne-seca			1,61	9	2,29	6			1,23	15
Feijão mulatinho			1,61	10	1,74	8				
Automóveis novos			1,56	11						
Farinha de mandioca			1,24	15	1,06	20			1,44	14
Pá (carne)			1,16	18					3,34	3
Desodorante e perfume			1,11	19	1,49	14	1,31	15	2,28	6
Leite em pó					1,17	18				
Banana prata					1,13	19	1,17	20		
Tecido							1,62	13		
Refrigerante							1,26	16		
Feijão macassar							1,18	18		
Coco açúcar									1,18	19

6 – NOVAS PONDERAÇÕES DOS ÍNDICES NACIONAIS,
SEGUNDO AS REGIÕES METROPOLITANAS

REGIÕES METROPOLITANAS	ÍNDICES	
	INPC	IPCA
Belém	0,0420	0,0344
Fortaleza	0,0561	0,0275
Recife	0,0710	0,0420
Salvador	0,0910	0,0603
Belo Horizonte	0,1136	0,0907
Rio de Janeiro	0,1252	0,1358
São Paulo	0,2846	0,3900
Curitiba	0,0690	0,0664
Porto Alegre	0,0783	0,0808
Brasília, DF	0,0692	0,0721

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO

PESQUISA MENSAL DE EMPREGO ESTIMATIVAS PARA O MÊS DE MAIO DE 1989

A estimativa da População Economicamente Ativa — PEA, para o mês de maio-89, foi de 16 663 518 pessoas, das quais 16 099 040 estavam ocupadas (trabalhando) e 564 478 estavam desocupadas (procurando trabalho).

Em relação ao mês de maio do ano passado, a PEA e o número de pessoas ocupadas aumentaram 2% e 3%, respectivamente, enquanto o número de pessoas desocupadas diminuiu 14%, o que contribuiu para a queda da taxa de desemprego aberto que passou de 4,04% (maio-88) para 3,37% este mês.

A Região Metropolitana de Recife foi a única que apresentou aumento simultâneo da PEA (4%), do número de pessoas ocupadas (4%) e do número de pessoas desocupadas (9%). O aumento proporcionalmente maior do número de pessoas desocupadas em relação às pessoas ocupadas fez com que a taxa de desemprego aberto aumentasse 5%. Nas demais regiões, com exceção do Rio de Janeiro que apresentou

uma certa estabilidade, a PEA e o número de pessoas ocupadas apresentaram crescimento entre 3% e 5%. O número de pessoas desocupadas caiu significativamente em todas as regiões, o que contribuiu decisivamente para o declínio expressivo da taxa de desemprego, cujos valores obtidos foram:

Recife	—	5,29%
Salvador	—	3,95%
Belo Horizonte	—	3,67%
Rio de Janeiro	—	2,61%
São Paulo	—	3,56%
Porto Alegre	—	2,76%

Analisando os indicadores por setor de atividade, verificamos que o número de pessoas ocupadas aumentou mais expressivamente no setor da Construção Civil (8%) e no Comércio (7%) ainda em relação a maio-88. Na Construção Civil, com exceção de Belo Horizonte que apresentou estabilidade e do Rio de Janeiro com acréscimo de 4%, nas demais regiões as variações ficaram em torno de 12%. Quanto ao Comércio, as variações foram maiores em Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, 11%, 9% e 8%, respectivamente. A taxa de desemprego caiu, significativamente, na maioria dos setores, em relação as regiões

metropolitanas. Dos poucos acréscimos ocorridos, sobressaíram-se as variações da taxa de desemprego da Construção Civil em Recife (74%), no Rio de Janeiro (14%) e em Porto Alegre (13%).

No que diz respeito à taxa de ocupação (proporção de pessoas ocupadas por setor de atividade) no conjunto das seis regiões metropolitanas, as maiores variações ocorreram no Comércio (4%) e na Construção Civil (2%). A indústria e o setor de Serviços apresentaram ligeira queda. No âmbito das regiões metropolitanas, na indústria, as variações mais significativas ocorreram em Porto Alegre e Recife, enquanto a taxa caiu em Porto Alegre, passando de 27,38% em maio-88 para 25,78% este mês, em Recife subiu de 13,50% para 14,65% no mesmo período. No setor da Construção Civil houve pequenos aumentos em todas as regiões, com exceção de Belo Horizonte, cuja taxa passou de 10,07% para 9,43%. O mesmo aconteceu com o setor de Comércio, com exceção apenas de Porto Alegre, onde o indicador ficou estável. No setor de Serviços a taxa foi menor na maioria das regiões metropolitanas.

Dos indicadores de subocupação, destacamos, a proporção da PEA desempregada e ocupada recebendo menos de um Piso Nacional de Salários que há dois meses vem apresentando queda acentuada, enquanto em março este percentual foi de 19,45%; em abril e maio atingiu 16,76% e 14,45%, respectivamente. Em abril e maio do ano passado as proporções foram de 20,24% e 18,63%.

O rendimento médio real das pessoas ocupadas referente a abril-89, aumentou em relação ao mesmo mês do ano passado, na maioria das regiões metropolitanas, destacando-se Porto Alegre com acréscimo de 24%. Deste resultado chamamos atenção para a categoria das pessoas que trabalharam por conta própria que há dois meses vem apresentando acréscimo substanciais. Em março e abril, considerando como base o mesmo mês do ano anterior, as variações foram de 34% e 43%, respectivamente. Nas demais regiões a categoria, em abril, sobressaiu-se com acréscimos de 18% em Recife, 10% em Salvador, 16% em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro e 9% em São Paulo.

NOTA EXPLICATIVA

As informações da Pesquisa Mensal de Emprego — PME — são obtidas através de uma amostra probabilística de domicílios situados nas Regiões Metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Principais Conceitos

Os principais conceitos utilizados na pesquisa são os seguintes:

Trabalho — Considera-se como trabalho o exercício de:

a) ocupação econômica remunerada em dinheiro, produtos ou outras formas não monetárias, como pode ser o caso dos empregados domésticos; e

b) ocupação econômica sem remuneração, exercida normalmente pelo menos durante 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Pessoas Ocupadas — Consideram-se como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período ou em parte dele, trabalharam, ou tinham trabalho, mas não trabalharam, como, por exemplo, pessoas em férias.

Pessoas Desocupadas — Consideram-se como pessoas desocupadas aquelas que não tinham trabalho na semana de referência, mas estavam dispostas a trabalhar e que, para isto, tomaram alguma providência efetiva para conseguir trabalho (na semana de referência ou no período de referência de 30 dias, conforme o período considerado).

Pessoas Economicamente Ativas — PEA — Consideram-se como economicamente ativas as pessoas ocupadas e as desocupadas.

Pessoas Não-economicamente Ativas — Consideram-se como não-economicamente ativas as pessoas que não são classificadas como ocupadas ou desocupadas.

Empregados — Consideram-se como empregados as pessoas que trabalham para

empregador, geralmente cumprindo uma jornada de trabalho e recebendo em contrapartida uma remuneração em dinheiro, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, vestuário, etc.). Incluem-se entre os empregados as pessoas que prestam serviço militar obrigatório e os clérigos.

Conta-próprias — Consideram-se como conta-próprias as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, não tendo empregados.

Empregadores— Consideram-se como empregadores as pessoas que exploram uma atividade econômica ou exercem uma profissão ou ofício, com auxílio de um ou mais empregados.

Não Remunerados — Consideram-se como não remunerados as pessoas que exercem ocupação econômica, sem remuneração, pelo menos 15 horas por semana, ajudando a membro da unidade domiciliar em sua atividade econômica, ou em ajuda a instituições religiosas, beneficente ou de cooperativismo, ou, ainda, como aprendiz ou estagiário.

Rendimento de Trabalho — Para os empregados, considera-se a remuneração efetivamente recebida no mês de referência. Assim sendo, inclui-se as parcelas referentes ao 13º salário (14º, 15º, etc.) e a participação nos lucros paga pela empresa que tiver sido recebida no mês de referência. Para os empregadores e trabalhadores por conta própria, considera-se a retirada feita ou ganho líquido (rendimento bruto menos as despesas efetuadas com o negócio ou profissão — salário de empregados, matéria-prima, energia elétrica, telefone, etc.) recebido, efetivamente, no mês de referência. Para a pessoa que recebe, pelo seu trabalho, em produtos ou mercadorias, considera-se o valor de mercado, efetivamente recebido no mês de referência. Para a pessoa que estiver licenciada por instituto de previdência, considera-se o rendimento bruto do benefício (auxílio-doença, auxílio por acidente de trabalho, etc.), efetivamente recebido no mês de referência.

Semana de Referência — É aquela que antecede à semana fixada para a entrevista.

Período de Referência de 30 dias — São os 30 dias que antecedem à semana fixada para a entrevista.

Mês de Referência — É aquele que antecede ao mês de realização da pesquisa.

ESTIMATIVAS DE VALORES ABSOLUTOS

As estimativas dos valores absolutos apresentadas foram obtidas através de um estimador de razão. De uma forma simplificada, este estimador pode ser descrito como o produto de uma estimativa independente da população residente pela relação entre o valor da variável considerada e o total de pessoas residentes, ambos estimados através da amostra.

$$\hat{X} = P \frac{\hat{X}^*}{\hat{Y}^*}, \text{ onde:}$$

P — população residente obtida por estimativa independente;

\hat{X}^* — valor da variável estimado através da amostra; e

\hat{Y}^* — total de pessoas residentes estimado através da amostra.

A metodologia adotada para a revisão da estimativa da população residente considerou que a participação relativa das regiões metropolitanas, em relação à população total das respectivas Unidades da Federação, obedecia, no tempo, a um comportamento logístico.

Os limites dessas curvas logísticas foram determinados levando-se em conta a evolução das referidas participações no período 1970-85, conforme procedimento metodológico proposto por Frias¹. A partir dos valores das participações e das populações das Unidades da Federação, foram obtidas, por multiplicação, as populações residentes nas regiões metropolitanas, no dia 15 de cada mês.

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Emprego e Rendimento (DEREN), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 10º andar, telefone: 284-6539.

¹ FRIAS, Luiz Armando de Medeiros. Determinação do limite superior ou inferior de curvas logísticas em projetos de população com base na tendência passada. Rio de Janeiro, DEPOP/IBGE, 1987 (a ser publicado).

1 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO (SEMANA) — 1988/89

Pessoas desocupadas em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,23	5,71	4,91	5,21	4,34	4,21	2,78	2,89	3,96	4,19	3,43	3,00	3,80	3,87
Fevereiro	6,04	5,60	4,82	4,03	4,28	3,99	3,42	2,98	4,67	4,53	4,21	3,45	4,33	3,99
Março	6,25	6,85	4,93	5,12	4,13	4,20	3,40	3,21	4,58	4,45	4,30	3,39	4,30	4,18
Abril	5,87	5,82	5,07	4,47	4,35	3,98	3,26	3,16	4,22	4,28	3,91	2,99	4,08	3,94
Mai	5,06	5,29	4,82	3,95	4,64	3,67	3,19	2,61	4,35	3,56	3,66	2,76	4,04	3,37
Junho	5,00		5,17		4,60		3,03		4,00		4,05		3,90	
Julho	5,67		4,93		4,14		2,96		4,01		3,80		3,84	
Agosto	6,26		5,24		4,25		3,30		4,32		3,76		4,16	
Setembro	5,57		3,84		3,74		3,15		4,10		3,57		3,84	
Outubro	5,17		3,76		3,61		3,20		3,80		3,33		3,65	
Novembro	5,05		4,01		3,10		3,01		3,30		2,93		3,32	
Dezembro	4,56		4,02		3,11		2,39		2,88		2,79		2,92	

2 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE BUSCAM TRABALHO PELA PRIMEIRA VEZ — 1988/89

Pessoas desocupadas que nunca trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,11	0,82	0,59	0,58	0,52	0,65	0,21	0,28	0,27	0,27	0,38	0,22	0,35	0,35
Fevereiro	1,30	0,80	0,57	0,42	0,59	0,36	0,25	0,28	0,30	0,32	0,39	0,38	0,40	0,35
Março	1,16	1,05	0,55	0,53	0,48	0,43	0,16	0,25	0,29	0,32	0,41	0,22	0,34	0,36
Abril	0,90	1,02	0,63	0,73	0,40	0,47	0,22	0,29	0,22	0,30	0,36	0,19	0,31	0,37
Mai	0,87	0,69	0,69	0,47	0,43	0,43	0,27	0,24	0,25	0,18	0,32	0,12	0,33	0,27
Junho	0,84		0,47		0,43		0,30		0,25		0,31		0,33	
Julho	0,81		0,50		0,42		0,31		0,18		0,29		0,31	
Agosto	0,87		0,56		0,48		0,33		0,33		0,34		0,39	
Setembro	1,01		0,30		0,36		0,36		0,21		0,16		0,32	
Outubro	0,81		0,30		0,48		0,20		0,18		0,17		0,25	
Novembro	0,76		0,38		0,25		0,15		0,19		0,19		0,23	
Dezembro	0,77		0,18		0,29		0,20		0,15		0,17		0,22	

3 — TAXA DE DESEMPREGO ABERTO: PESSOAS QUE JÁ TRABALHARAM — 1988/89

Pessoas desocupadas que trabalharam anteriormente, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	5,12	4,88	4,32	4,62	3,82	3,55	2,57	2,60	3,69	3,92	3,05	2,78	3,45	3,52
Fevereiro	4,74	4,79	4,25	3,60	3,69	3,63	3,17	2,70	4,37	4,21	3,82	3,06	3,93	3,63
Março	5,09	5,79	4,38	4,59	3,65	3,77	3,24	2,95	4,29	4,13	3,89	3,16	3,96	3,82
Abril	4,97	4,79	4,44	3,73	3,95	3,50	3,04	2,87	4,00	3,98	3,55	2,79	3,77	3,56
Mai	4,19	4,59	4,13	3,47	4,21	3,23	2,92	2,37	4,10	3,37	3,34	2,64	3,71	3,10
Junho	4,16		4,70		4,17		2,73		3,75		3,74		3,57	
Julho	4,86		4,43		3,72		2,65		3,83		3,31		3,53	
Agosto	5,39		4,68		3,77		2,97		3,99		3,42		3,77	
Setembro	4,56		3,54		3,38		2,79		3,89		3,41		3,52	
Outubro	4,36		3,46		3,13		3,00		3,62		3,16		3,40	
Novembro	4,29		3,63		2,85		2,86		3,11		2,74		3,09	
Dezembro	3,79		3,84		2,82		2,19		2,73		2,62		2,70	

4 – TAXA DE DESEMPREGO: CHEFES DE DOMICÍLIO – 1988/89

Chefes de unidades domiciliares, desocupados, em relação às pessoas desocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CHEFES DE UNIDADES DOMICILIARES, DESOCUPADOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	18,33	24,23	27,69	26,81	15,16	19,70	24,26	20,51	25,63	26,92	20,47	31,96	23,33	24,88
Fevereiro	18,42	25,77	27,86	33,81	15,30	18,33	23,43	20,20	21,94	25,22	24,55	29,04	21,92	24,35
Março	23,13	24,10	24,70	31,03	17,33	18,95	25,85	19,59	23,65	26,48	22,65	25,70	23,57	24,32
Abril	20,09	21,19	22,57	30,58	20,25	18,14	22,82	20,78	25,58	22,26	27,02	24,90	23,85	22,19
Maior	22,16	22,77	23,51	33,52	19,96	21,04	26,13	22,63	23,01	23,51	25,61	28,36	23,58	24,03
Junho	21,83		25,00		20,63		21,98		25,95		27,83		24,28	
Julho	24,48		26,23		15,07		23,77		27,36		26,39		24,98	
Agosto	21,63		24,92		15,75		23,03		23,03		24,66		22,52	
Setembro	20,52		31,60		20,00		22,60		24,42		27,44		23,93	
Outubro	21,20		32,02		18,45		24,16		24,43		24,81		24,08	
Novembro	18,21		29,96		20,68		23,21		23,10		29,52		23,40	
Dezembro	19,85		33,18		20,00		24,66		26,39		25,36		25,22	

5 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da indústria de transformação, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,80	3,85	5,41	6,09	4,08	4,17	3,35	3,17	4,97	5,04	3,80	3,09	4,56	4,53
Fevereiro	8,72	5,74	5,99	4,55	5,04	4,38	4,43	3,89	5,72	5,32	4,57	3,16	5,37	4,77
Março	8,70	8,58	5,66	7,28	4,77	4,90	4,38	3,98	5,45	5,05	4,35	3,63	5,22	4,92
Abril	7,47	6,11	6,17	5,14	4,75	4,11	4,07	3,95	5,22	4,68	4,74	3,57	5,03	4,46
Maior	7,83	7,99	5,87	3,53	4,71	3,66	3,94	2,68	5,89	4,28	4,47	3,53	5,34	3,97
Junho	6,27		5,73		5,04		3,82		5,45		4,62		5,06	
Julho	8,15		6,22		4,35		3,98		5,20		4,35		4,95	
Agosto	7,41		5,51		4,00		3,36		5,32		3,87		4,80	
Setembro	7,23		4,81		4,28		3,31		4,89		5,11		4,63	
Outubro	6,48		5,60		3,32		3,59		4,54		3,61		4,29	
Novembro	6,52		4,45		3,35		3,39		3,98		2,83		3,82	
Dezembro	5,34		5,60		3,63		2,80		3,42		2,57		3,37	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

6 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89

Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor da construção civil, em relação às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	9,81	6,89	6,57	6,77	4,97	5,47	2,91	1,93	3,66	4,83	2,53	4,13	4,09	4,28
Fevereiro	8,70	7,03	7,31	5,05	4,05	5,04	3,00	3,44	3,63	4,80	3,54	4,57	4,06	4,57
Março	8,82	13,09	7,86	8,64	5,31	4,85	3,24	4,02	3,44	4,30	2,58	3,25	4,20	5,12
Abril	6,52	8,45	8,33	6,40	4,74	4,67	2,31	4,00	2,41	3,99	3,70	2,05	3,44	4,38
Maior	4,30	7,49	7,21	4,83	4,89	2,93	2,84	3,23	2,91	2,56	3,04	3,43	3,51	3,34
Junho	6,02		8,18		5,56		3,55		3,10		3,10		4,08	
Julho	8,08		7,23		4,30		2,58		2,97		4,21		3,73	
Agosto	9,26		6,87		4,95		3,79		2,95		3,55		4,14	
Setembro	7,42		5,13		3,48		3,75		3,07		3,13		3,74	
Outubro	4,95		5,70		4,88		3,13		3,87		1,71		3,83	
Novembro	8,69		6,76		3,33		2,38		2,82		2,73		3,44	
Dezembro	3,57		6,37		3,37		2,55		3,18		2,68		3,23	

NOTA – Excluídas as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

7 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DO COMÉRCIO – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor do comércio, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,95	5,76	5,30	6,19	4,81	3,64	3,52	3,89	3,53	3,67	3,92	3,86	3,87	4,07
Fevereiro	5,08	4,79	5,47	4,04	5,10	4,77	2,75	3,62	4,27	4,31	6,31	3,60	4,18	4,12
Março	5,61	5,26	5,30	4,21	4,26	4,43	3,67	4,52	4,83	4,79	6,41	4,51	4,66	4,66
Abril	4,32	5,87	7,14	4,35	5,31	4,93	4,10	4,44	5,05	4,19	4,15	4,61	4,80	4,49
Maió	4,51	3,79	4,67	4,47	6,44	4,78	4,40	3,51	4,66	3,96	3,79	3,20	4,66	3,87
Junho	4,44		5,07		4,91		4,12		4,08		5,34		4,36	
Julho	4,84		4,91		4,88		3,29		4,31		4,19		4,14	
Agosto	5,77		6,28		4,95		3,96		5,00		4,53		4,82	
Setembro	4,90		4,72		4,54		4,50		4,52		3,26		4,45	
Outubro	4,86		5,43		3,73		4,21		4,46		4,19		4,41	
Novembro	4,25		5,44		2,88		3,82		3,71		3,36		3,80	
Dezembro	3,71		4,32		2,94		2,54		3,38		2,90		3,14	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

8 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DOS SERVIÇOS – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor dos serviços, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS %													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	4,77	4,41	4,01	4,00	3,47	3,19	2,29	2,34	2,95	3,23	2,69	2,28	2,95	2,99
Fevereiro	4,09	4,52	3,39	3,42	3,02	2,90	3,08	2,12	3,65	3,49	3,00	2,89	3,37	3,01
Março	3,84	4,47	3,79	3,99	2,99	3,21	3,00	2,37	3,50	3,38	3,47	2,54	3,33	3,09
Abril	4,68	4,11	3,30	3,28	3,46	2,60	2,80	2,29	3,25	3,55	3,13	2,13	3,21	2,97
Maió	3,86	3,90	3,46	3,28	3,67	2,88	2,53	2,05	3,00	2,71	2,78	1,95	2,97	2,58
Junho	3,86		4,31		3,54		2,16		2,71		3,16		2,81	
Julho	4,13		4,11		3,20		2,33		2,86		2,60		2,85	
Agosto	5,01		4,37		3,15		2,76		2,98		3,07		3,16	
Setembro	4,23		3,11		2,94		2,43		3,28		2,74		2,99	
Outubro	4,28		2,60		2,79		2,81		2,85		3,20		2,93	
Novembro	3,79		3,09		2,78		2,78		2,56		2,78		2,78	
Dezembro	3,86		3,33		2,42		2,13		2,02		2,84		2,35	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

9 – TAXA DE DESEMPREGO NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
 Pessoas desocupadas cujo último trabalho foi no setor das outras atividades, em relação
 às pessoas economicamente ativas neste setor, por Regiões Metropolitanas,
 segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS CUJO ÚLTIMO TRABALHO FOI NO SETOR DAS OUTRAS ATIVIDADES, EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS NESTE SETOR (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	2,22	2,18	1,93	1,24	2,45	1,69	0,87	1,34	1,21	1,49	1,30	1,23	1,38	1,48
Fevereiro	2,79	3,64	1,74	1,41	1,88	2,43	1,68	1,54	1,73	2,22	1,87	1,73	1,86	2,02
Março	3,59	4,33	1,92	1,12	1,95	1,77	1,64	1,14	2,13	1,92	1,41	2,40	2,02	1,88
Abril	3,32	2,67	1,22	1,30	1,35	3,32	1,53	0,92	1,01	2,50	0,48	1,03	1,46	1,76
Maió	1,02	2,83	2,01	1,69	1,35	1,78	1,32	0,98	0,49	1,56	1,69	1,80	1,18	1,55
Junho	0,96		1,96		3,05		1,18		0,67		1,26		1,26	
Julho	2,22		1,36		2,48		1,06		2,03		1,39		1,62	
Agosto	2,19		1,24		2,91		1,54		1,93		1,45		1,80	
Setembro	1,42		1,15		2,04		0,70		1,78		1,63		1,30	
Outubro	1,86		0,43		1,61		1,15		0,93		0,79		1,12	
Novembro	1,56		0,30		1,17		1,37		0,46		0,91		1,01	
Dezembro	2,25		1,42		1,82		0,59		1,41		0,76		1,17	

NOTA – Exclui-se as pessoas desocupadas que nunca trabalharam ou que trabalharam antes somente sem remuneração.

10 – TAXA DE DESEMPREGO (30 DIAS) – 1988/89
 Pessoas desocupadas, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – 30 dias

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,70	6,16	5,15	5,62	4,82	4,73	3,27	3,23	4,15	4,46	3,78	3,31	4,14	4,21
Fevereiro.....	6,92	6,17	5,12	4,45	4,93	4,52	3,96	3,53	5,16	4,83	4,62	3,80	4,86	4,40
Março.....	6,76	7,40	5,25	5,72	4,86	4,80	3,88	3,51	5,00	4,74	4,66	3,57	4,76	4,53
Abril.....	6,20	6,35	5,46	4,70	4,68	4,51	3,55	3,44	4,43	4,55	4,30	3,16	4,36	4,24
Maió.....	5,26	5,74	5,00	4,32	5,06	4,08	3,42	2,81	4,63	3,75	4,01	2,97	4,32	3,61
Junho.....	5,33		5,45		5,00		3,37		4,18		4,45		4,18	
Julho.....	6,36		5,14		4,70		3,29		4,29		4,09		4,19	
Agosto.....	6,84		5,46		4,77		3,44		4,41		4,11		4,36	
Setembro.....	6,07		4,02		4,33		3,46		4,43		4,02		4,19	
Outubro.....	5,58		3,82		4,07		3,48		3,99		3,58		3,91	
Novembro.....	5,48		4,28		3,57		3,24		3,55		3,20		3,80	
Dezembro.....	5,09		4,26		3,71		2,72		3,33		3,24		3,34	

11 – TAXA DE ATIVIDADE – 1987/88
 Pessoas economicamente ativas em relação às pessoas de 15 anos ou mais de idade, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	54,29	54,69	59,87	60,26	62,35	63,53	57,97	58,28	62,73	63,26	61,58	62,42	60,40	60,94
Fevereiro.....	55,25	54,25	60,77	59,88	62,07	62,48	58,11	58,06	63,27	63,42	60,20	62,61	60,68	60,80
Março.....	54,44	55,88	60,55	60,14	61,92	62,77	58,07	57,48	63,77	63,20	61,57	62,90	60,89	60,72
Abril.....	54,53	55,20	60,29	59,92	62,20	62,79	58,16	57,09	63,27	63,09	61,61	62,37	60,75	60,43
Maió.....	53,93	55,33	60,22	60,22	63,13	63,59	58,41	56,74	63,59	63,66	63,12	62,56	61,18	60,71
Junho.....	54,18		60,80		63,56		57,75		63,81		63,51		61,13	
Julho.....	54,25		61,00		62,94		58,34		63,68		63,55		61,22	
Agosto.....	56,91		63,25		64,38		59,21		65,25		64,10		62,59	
Setembro.....	56,91		62,86		64,14		59,16		65,27		63,75		62,51	
Outubro.....	56,66		63,12		63,91		59,30		64,67		63,82		62,29	
Novembro.....	57,02		62,15		63,37		59,47		64,69		64,30		62,30	
Dezembro.....	55,50		61,33		63,53		58,85		63,69		63,62		61,50	

12 – TAXA DOS OCUPADOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO – 1988/89
 Pessoas ocupadas na indústria de transformação, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,61	14,66	12,78	13,06	19,55	19,51	17,59	17,40	34,21	32,22	27,16	26,72	25,08	24,14
Fevereiro.....	14,16	14,41	13,04	13,09	19,59	19,06	17,33	16,89	34,15	31,99	27,46	26,67	25,01	23,76
Março.....	13,56	14,25	13,00	13,60	20,26	19,28	17,05	16,50	33,93	32,55	26,92	26,18	24,89	23,95
Abril.....	14,28	14,67	12,06	13,23	19,23	20,01	17,11	17,00	33,65	33,03	25,93	26,68	24,62	24,34
Maió.....	13,50	14,65	12,57	12,95	19,47	19,30	17,11	17,37	33,07	32,95	27,38	25,78	24,60	24,42
Junho.....	14,00		12,42		19,42		17,07		33,33		27,17		24,63	
Julho.....	14,37		11,98		19,39		17,49		33,46		27,09		27,74	
Agosto.....	14,23		12,57		18,84		17,43		33,82		27,55		24,90	
Setembro.....	14,66		13,01		18,75		17,59		33,37		26,82		24,73	
Outubro.....	14,18		12,71		19,44		17,84		33,67		26,77		24,89	
Novembro.....	13,64		12,47		19,44		17,41		33,21		26,46		24,50	
Dezembro.....	14,27		13,28		19,02		17,44		32,23		26,07		24,10	

13 – TAXA DOS OCUPADOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL – 1988/89
Pessoas ocupadas na construção civil, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	6,50	7,79	8,13	9,05	9,50	10,13	7,34	7,55	6,65	6,20	5,98	6,57	6,70	7,23
Fevereiro	6,85	7,22	8,75	9,00	9,58	9,89	7,18	7,19	6,09	6,16	6,09	6,09	6,91	7,02
Março	6,75	7,08	8,60	8,27	9,56	9,81	7,16	7,28	6,15	6,53	6,03	5,84	6,91	7,12
Abril	7,28	6,75	8,89	7,88	9,72	9,00	7,28	7,53	6,34	6,16	6,20	6,07	7,10	6,95
Maió	7,09	7,12	8,33	8,89	10,07	9,43	7,37	7,67	6,28	6,42	5,89	6,22	7,06	7,21
Junho	7,09		8,81		10,08		7,06		6,39		5,92		7,05	
Julho	6,85		8,92		10,63		7,24		6,20		6,06		7,07	
Agosto	6,66		8,99		10,12		7,40		6,84		5,81		7,32	
Setembro	6,60		9,27		10,44		7,44		6,52		5,79		7,23	
Outubro	6,62		8,79		9,94		7,56		6,66		6,13		7,29	
Novembro	7,32		8,98		10,46		7,28		6,54		6,16		7,26	
Dezembro	7,73		8,82		10,60		7,68		6,26		6,49		7,31	

14 – TAXA DOS OCUPADOS NO COMÉRCIO – 1988/89
Pessoas ocupadas no comércio, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	16,75	17,21	14,47	15,50	12,30	13,77	13,46	13,09	13,46	13,70	14,64	15,08	13,70	13,95
Fevereiro	16,47	16,88	14,89	14,60	12,36	13,38	12,97	13,52	13,48	13,80	13,87	14,21	13,51	13,95
Março	16,11	16,14	14,50	15,36	12,49	13,62	13,08	13,43	12,69	13,90	13,51	15,11	13,27	14,06
Abril	16,52	16,26	14,47	16,26	12,85	13,61	13,11	12,99	12,80	13,77	15,43	14,85	13,40	13,92
Maió	15,86	15,92	14,45	15,48	13,20	13,67	12,76	13,70	13,08	13,26	14,82	14,78	13,35	13,84
Junho	16,18		14,98		12,85		12,87		12,62		14,30		13,18	
Julho	17,08		14,83		13,07		12,97		13,46		14,63		13,67	
Agosto	16,37		14,59		13,65		12,52		12,79		14,64		13,26	
Setembro	16,21		13,63		13,03		12,77		12,71		14,68		13,18	
Outubro	17,22		14,61		12,84		12,61		12,77		14,96		13,28	
Novembro	17,24		14,99		13,36		12,56		12,67		14,95		13,30	
Dezembro	17,19		14,97		13,66		13,72		13,23		15,63		13,95	

15 – TAXA DOS OCUPADOS NOS SERVIÇOS – 1988/89
Pessoas ocupadas em serviços, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,14	47,13	52,49	51,51	51,05	49,30	52,00	52,39	42,13	43,52	43,18	42,36	46,87	47,23
Fevereiro	48,80	47,82	51,78	51,74	50,93	50,21	53,02	52,78	41,78	43,55	42,91	43,61	47,00	47,59
Março	49,06	48,66	51,95	51,58	49,98	49,79	52,93	53,05	42,30	42,30	43,94	43,56	47,15	47,12
Abril	47,59	48,32	52,23	51,44	50,57	50,07	52,49	52,53	42,62	42,31	43,10	43,00	47,07	46,96
Maió	49,58	48,64	52,17	51,25	49,98	50,21	52,86	51,94	43,02	42,82	42,96	43,89	47,36	47,02
Junho	48,06		51,93		50,54		53,17		43,20		44,03		47,57	
Julho	47,49		51,95		49,69		52,99		42,50		43,87		47,11	
Agosto	48,32		52,74		50,03		53,33		42,52		43,83		47,32	
Setembro	47,12		52,20		50,18		52,74		43,04		44,85		47,35	
Outubro	47,47		52,05		50,35		52,44		42,67		43,71		47,09	
Novembro	47,83		51,87		49,66		53,13		43,28		43,78		47,51	
Dezembro	47,63		51,16		49,20		51,77		43,95		42,80		47,25	

16 – TAXA DOS OCUPADOS EM OUTRAS ATIVIDADES – 1988/89
 Pessoas ocupadas em outras atividades, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	14,00	13,18	12,13	10,86	7,60	7,26	9,61	9,55	4,56	4,34	9,04	9,23	7,64	7,42
Fevereiro	13,92	13,65	11,54	11,54	7,55	7,44	9,50	9,80	4,50	4,47	9,67	9,40	7,57	7,66
Março	14,53	13,84	11,95	11,17	7,72	7,48	9,78	9,72	4,66	4,70	9,60	9,28	7,79	7,72
Abril	14,34	13,97	12,34	11,16	7,62	7,28	10,01	9,92	4,59	4,72	9,36	9,38	7,81	7,80
Maior	13,96	13,65	12,48	11,60	7,28	7,37	9,90	9,28	4,55	4,51	8,96	9,30	7,63	7,49
Junho	14,68		11,86		7,13		9,84		4,48		8,58		7,58	
Julho	14,21		12,33		7,22		9,33		4,38		8,36		7,41	
Agosto	14,42		11,10		7,36		9,32		4,03		8,16		7,21	
Setembro	15,41		11,90		7,60		9,46		4,36		8,06		7,51	
Outubro	14,51		11,84		7,44		9,54		4,23		8,43		7,45	
Novembro	13,96		11,69		7,08		9,62		4,29		8,65		7,45	
Dezembro	13,18		11,76		7,31		9,39		4,33		9,02		7,40	

17 – TAXA DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA – 1988/89
 Empregados com carteira de trabalho assinada, em relação às pessoas ocupadas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	48,61	48,74	54,78	52,43	55,48	54,91	54,26	55,43	61,54	61,67	60,72	61,22	57,61	57,89
Fevereiro	47,67	49,48	54,60	53,23	56,15	55,49	54,54	55,08	60,78	62,08	61,05	61,02	57,38	58,07
Março	47,85	49,94	54,40	53,31	55,30	55,46	54,86	54,80	61,51	61,68	59,77	60,26	57,67	57,79
Abril	47,89	49,23	52,68	54,94	55,33	55,84	54,22	55,29	61,41	62,10	59,26	59,96	57,32	58,16
Maior	49,00	49,39	51,91	55,50	55,41	55,72	54,63	55,60	61,48	61,44	59,80	59,53	57,63	58,03
Junho	48,03		52,46		54,67		54,89		61,32		60,07		57,52	
Julho	48,47		53,59		55,24		54,38		61,32		60,00		57,48	
Agosto	48,52		55,03		55,85		53,70		61,19		60,30		57,38	
Setembro	49,66		55,17		55,65		53,97		60,73		60,18		57,31	
Outubro	49,84		54,26		56,44		54,56		61,54		59,63		57,79	
Novembro	48,48		54,35		56,44		54,32		62,09		59,16		57,83	
Dezembro	48,52		53,28		55,88		55,36		61,82		59,72		57,95	

18 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS SEM RENDIMENTOS – 1988/89
 Conta-próprias que, efetivamente, não receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	1,00	1,24	0,20	0,45	1,55	1,53	0,57	0,54	0,76	0,79	0,88	0,85	0,76	0,79
Fevereiro	1,55	1,16	0,27	0,61	1,76	1,91	0,69	0,64	0,89	0,88	1,18	1,22	0,94	0,93
Março	1,21	1,41	0,42	0,42	1,40	1,66	0,56	0,51	0,85	0,91	1,32	1,34	0,85	0,90
Abril	1,15	1,04	0,33	0,44	1,58	1,69	0,49	0,40	0,74	0,79	1,02	1,16	0,77	0,78
Maior	0,64	0,86	0,29	0,42	1,20	1,47	0,60	0,43	0,85	0,63	1,13	1,07	0,79	0,69
Junho	0,81		0,25		1,40		0,46		0,73		0,92		0,71	
Julho	1,02		0,28		1,24		0,45		0,55		1,19		0,65	
Agosto	1,16		0,43		1,57		0,38		0,73		0,94		0,73	
Setembro	1,24		0,32		1,24		0,54		0,77		0,93		0,76	
Outubro	0,93		0,36		1,08		0,42		0,72		1,14		0,69	
Novembro	1,02		0,36		1,17		0,59		0,66		0,89		0,70	
Dezembro	1,23		0,43		1,32		0,52		0,56		0,99		0,68	

19 – TAXA DOS CONTA-PRÓPRIAS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS 1988/89

Conta-próprias que, efetivamente, receberam rendimento de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salário, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	CONTA-PRÓPRIAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	8,40	11,28	8,43	8,62	5,65	7,62	5,53	6,10	1,65	2,45	3,42	4,14	4,07	5,01
Fevereiro.....	9,57	10,71	9,00	9,13	6,03	7,46	5,38	6,11	2,16	2,79	4,08	3,41	4,42	5,08
Março.....	10,17	10,37	8,61	8,42	6,77	6,95	5,14	5,60	2,20	2,72	4,17	3,73	4,44	4,83
Abril.....	10,15	10,26	8,63	7,78	6,90	6,50	5,77	4,35	2,42	2,13	4,41	3,19	4,75	4,10
Mai.....	8,67	8,32	8,98	5,90	6,11	6,00	5,08	3,75	2,11	1,71	4,65	2,80	4,25	3,42
Junho.....	9,85		8,96		6,70		4,88		2,20		4,16		4,35	
Julho.....	10,52		9,80		7,05		5,75		2,52		4,64		4,91	
Agosto.....	10,37		8,83		6,77		5,81		2,32		4,64		4,77	
Setembro.....	10,16		9,13		6,88		5,78		2,34		4,36		4,76	
Outubro.....	9,35		8,66		5,47		5,39		1,95		3,62		4,23	
Novembro.....	10,47		9,16		6,26		5,82		2,50		4,16		4,81	
Dezembro.....	10,52		9,47		7,36		6,04		2,73		3,99		5,06	

NOTA – A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

20 – TAXA DOS DESEMPREGADOS E OCUPADOS COM MENOS DE UM PISO NACIONAL DE SALÁRIOS – 1988/89

Pessoas desocupadas e pessoas ocupadas que, efetivamente, não receberam rendimento ou auferiram remuneração de todos os trabalhos, no mês de referência, inferior a um piso nacional de salários, em relação às pessoas economicamente ativas, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses da pesquisa

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESEMPREGADAS E PESSOAS OCUPADAS (%)													
	Recife		Salvador		Belo Horizonte		Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Taxa média	
	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989	1988	1989
Janeiro	30,78	33,70	24,42	28,18	23,55	24,76	16,86	19,33	12,63	15,46	15,65	17,15	16,85	19,42
Fevereiro.....	35,21	33,79	25,75	26,85	25,31	24,82	18,94	20,98	15,12	17,21	19,58	18,04	19,29	20,64
Março.....	35,59	34,75	26,97	25,44	28,27	24,03	19,24	18,51	16,10	16,36	19,72	17,16	20,14	19,45
Abril.....	34,35	30,53	28,86	22,84	27,67	22,57	20,46	15,42	15,74	13,87	20,05	14,74	20,24	16,76
Mai.....	28,11	27,42	25,27	19,97	26,35	20,70	18,09	13,12	15,30	11,57	18,70	13,21	18,63	14,45
Junho.....	32,88		28,53		27,88		17,56		14,74		18,01		18,82	
Julho.....	34,86		28,73		26,09		19,01		15,05		18,87		19,42	
Agosto.....	34,58		28,27		25,77		19,02		15,63		18,80		19,65	
Setembro.....	32,53		27,47		24,46		18,29		15,40		18,30		19,01	
Outubro.....	31,91		26,08		22,33		16,95		14,17		16,67		17,68	
Novembro.....	32,52		26,97		22,99		18,96		14,35		16,43		18,48	
Dezembro.....	30,88		26,72		22,92		17,94		13,58		16,13		17,68	

NOTA – A partir de setembro de 1987 o piso nacional de salários substituiu o salário mínimo.

21 – RENDIMENTO MÉDIO DAS PESSOAS OCUPADAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, das pessoas ocupadas que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Março.....	16 869	21 252	20 442	23 557	30 468	21 952	1,75	2,21	2,13	2,45	3,17	2,28
Abril.....	19 442	24 728	23 813	27 982	36 153	25 271	1,71	2,17	2,09	2,46	3,18	2,22
Maió.....	21 861	27 175	27 971	32 869	43 754	32 567	1,61	2,02	2,08	2,45	3,26	2,42
Junho.....	26 173	32 714	33 824	38 462	51 440	38 965	1,59	1,99	2,06	2,34	3,13	2,37
Julho.....	35 349	44 391	43 123	46 926	64 361	48 093	1,75	2,19	2,13	2,32	3,18	2,38
Agosto.....	44 444	54 344	53 314	60 509	80 053	61 934	1,82	2,23	2,19	2,48	3,28	2,54
Setembro.....	55 311	69 951	66 173	75 707	99 057	77 936	1,79	2,26	2,14	2,44	3,20	3,52
Outubro.....	66 948	89 930	82 344	95 036	125 463	97 332	1,70	2,29	2,10	2,42	3,20	2,48
Novembro.....	92 632	119 673	113 354	135 112	171 550	134 338	1,84	2,38	2,25	2,69	3,41	2,67
Dezembro.....	132 631	153 610	175 704	191 780	250 083	197 964	2,05	2,38	2,72	2,97	3,87	3,06
1989												
Janeiro (2)	150,93	174,02	195,54	213,00	257,17	221,62	1,72	1,99	2,23	2,43	2,94	2,53
Fevereiro.....	176,37	197,46	208,77	241,47	295,80	246,59	1,73	1,94	2,05	2,37	2,91	2,43
Março.....	188,92	215,88	237,67	264,58	336,91	280,50	1,75	2,00	2,21	2,46	3,13	2,60
Abril.....	214,94	247,28	273,59	298,51	390,12	320,88	1,84	2,12	2,35	2,56	3,35	2,75

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

22 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS COM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados com carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Março.....	19 913	25 415	21 976	24 628	29 458	20 726	2,07	2,65	2,29	2,56	3,07	2,16
Abril.....	23 615	29 573	26 170	29 248	35 297	24 312	2,08	2,60	2,30	2,57	3,11	2,14
Maió.....	26 350	32 499	30 355	34 485	43 888	31 080	1,96	2,42	2,26	2,57	3,27	2,31
Junho.....	30 503	40 431	35 916	40 897	51 800	38 270	1,85	2,46	2,18	2,48	3,15	2,33
Julho.....	40 212	52 411	45 474	50 628	63 486	47 191	1,99	2,59	2,25	2,50	3,14	2,33
Agosto.....	50 266	65 727	55 323	64 176	80 127	61 284	2,06	2,69	2,27	2,63	3,29	2,51
Setembro.....	62 442	83 119	71 753	81 465	99 694	75 829	2,02	2,68	2,32	2,63	3,22	2,45
Outubro.....	79 379	111 004	89 819	104 248	128 498	94 386	2,02	2,83	2,29	2,66	3,27	2,40
Novembro.....	107 249	140 351	126 929	142 880	180 635	133 257	2,13	2,79	2,52	2,84	3,59	2,65
Dezembro.....	158 142	188 117	202 688	208 851	273 778	200 795	2,45	2,91	3,14	3,23	4,24	3,11
1989												
Janeiro (2)	176,42	207,46	207,80	224,74	265,20	214,71	2,01	2,37	2,37	2,57	3,03	2,45
Fevereiro.....	203,03	227,64	223,28	247,14	296,56	224,15	2,00	2,24	2,20	2,43	2,92	2,20
Março.....	206,02	255,88	249,27	265,62	334,42	248,80	1,91	2,38	2,31	2,47	3,11	2,31
Abril.....	236,09	261,86	279,85	298,53	373,98	281,53	2,02	2,25	2,40	2,56	3,21	2,41

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.
(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

23 – RENDIMENTO MÉDIO DOS EMPREGADOS SEM CARTEIRA

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos empregados sem carteira de trabalho assinada que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Março.....	11 974	15 136	14 886	21 549	23 453	22 966	1,24	1,57	1,55	2,24	2,44	2,39
Abril.....	13 473	16 560	16 091	24 859	26 222	24 558	1,18	1,45	1,41	2,19	2,31	2,16
Maió.....	14 142	20 137	18 321	28 889	31 575	28 828	1,05	1,50	1,36	2,15	2,35	2,14
Junho.....	16 697	21 527	22 306	32 975	36 614	34 889	1,01	1,31	1,35	2,01	2,23	2,12
Julho.....	23 391	22 790	28 889	37 807	46 123	40 941	1,15	1,12	1,43	1,87	2,28	2,02
Agosto.....	30 447	31 351	34 713	49 720	56 130	56 952	1,25	1,28	1,42	2,04	2,30	2,33
Setembro.....	36 486	40 668	44 396	59 453	68 637	71 023	1,18	1,31	1,43	1,92	2,15	2,29
Outubro.....	42 656	49 343	50 100	70 472	84 023	96 264	1,08	1,25	1,27	1,79	2,14	2,45
Novembro.....	63 560	71 807	75 818	114 622	108 283	130 758	1,26	1,43	1,51	2,28	2,15	2,60
Dezembro.....	89 184	84 263	115 912	151 465	153 590	181 011	1,38	1,30	1,79	2,34	2,38	2,80
1989												
Janeiro (2)....	94,82	100,81	144,03	174,98	174,91	223,55	1,08	1,15	1,64	2,00	2,00	2,55
Fevereiro.....	117,05	133,29	150,93	201,15	220,13	270,96	1,15	1,31	1,48	1,98	2,16	2,66
Março.....	119,69	136,40	157,46	222,19	251,20	283,21	1,11	1,27	1,46	2,06	2,33	2,63
Abril.....	146,14	166,17	186,97	237,90	292,22	320,57	1,25	1,42	1,60	2,04	2,51	2,75

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

24 – RENDIMENTO MÉDIO DOS CONTA-PRÓPRIAS

Rendimento médio, nominal e real, do trabalho principal, dos conta-próprias que, efetivamente, receberam remuneração no mês de referência, por Regiões Metropolitanas, segundo os meses de referência 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	RENDIMENTO MÉDIO											
	Nominal (Cz\$)						Real (Cz\$ 1.000,00) (base – março de 1986) (1)					
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre
1988												
Março.....	10 129	12 640	14 465	16 255	24 015	16 578	1,05	1,31	1,50	1,69	2,50	1,72
Abril.....	12 910	14 671	16 580	19 180	27 998	19 615	1,13	1,29	1,46	1,69	2,46	1,72
Maió.....	14 537	15 504	20 366	22 289	34 592	25 249	1,08	1,15	1,51	1,66	2,57	1,88
Junho.....	16 903	18 019	23 155	27 088	43 141	30 109	1,03	1,09	1,41	1,65	2,62	1,83
Julho.....	22 314	24 651	29 724	30 110	52 127	36 674	1,10	1,22	1,47	1,49	2,58	1,81
Agosto.....	27 057	28 981	39 359	38 653	65 101	47 065	1,11	1,19	1,61	1,58	2,67	1,93
Setembro.....	34 129	35 694	44 137	47 700	80 651	62 396	1,10	1,15	1,42	1,54	2,60	2,01
Outubro.....	40 952	50 040	53 831	59 097	91 391	70 638	1,04	1,27	1,37	1,50	2,33	1,80
Novembro.....	53 690	65 674	71 785	88 735	131 554	100 723	1,06	1,30	1,42	1,76	2,61	2,00
Dezembro.....	75 705	87 309	103 757	110 375	169 471	133 644	1,17	1,35	1,60	1,71	2,62	2,07
1989												
Janeiro (2)....	103,95	100,14	118,81	139,85	191,77	163,97	1,19	1,14	1,36	1,60	2,19	1,87
Fevereiro.....	115,81	132,06	150,98	157,48	227,95	193,11	1,14	1,30	1,48	1,55	2,24	1,90
Março.....	120,77	136,14	175,85	191,60	257,50	247,22	1,12	1,28	1,63	1,78	2,39	2,30
Abril.....	155,42	165,70	197,24	228,94	311,40	286,51	1,33	1,42	1,69	1,96	2,67	2,46

NOTA – Os rendimentos médios das pessoas ocupadas são calculados incluindo-se os rendimentos auferidos pelos empregadores.

(1) Deflacionado pelo INPC (sem o empréstimo compulsório instituído no período de julho de 1986 a setembro de 1988). (2) Em cruzados novos.

25 – PESSOAS DESOCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1988							
Março	63 748	44 188	58 230	151 217	322 453	51 441	691 277
Abril.....	60 918	44 663	60 776	143 449	298 963	46 769	656 538
Maió.....	52 085	40 276	67 537	141 240	308 329	44 612	654 079
Junho.....	49 610	45 582	66 197	134 408	291 697	51 197	638 691
Julho.....	59 356	43 111	60 662	134 970	289 426	44 231	631 758
Agosto.....	66 908	48 673	63 101	151 863	322 499	48 371	701 415
Setembro.....	61 038	35 794	55 771	143 749	306 856	46 386	649 594
Outubro.....	56 652	35 156	54 276	148 672	283 772	43 187	621 715
Novembro.....	56 265	36 696	46 362	140 004	245 018	38 066	562 411
Dezembro.....	49 322	36 633	46 474	110 265	208 195	36 324	487 213
1989							
Janeiro.....	60 440	46 057	62 954	134 523	308 260	37 907	650 141
Fevereiro.....	58 555	35 509	58 477	138 069	335 208	43 751	669 569
Março.....	73 222	45 700	61 355	147 059	328 871	43 490	699 697
Abril.....	61 994	39 873	58 220	143 621	314 690	38 202	656 600
Maió.....	56 513	35 716	54 272	118 953	263 441	35 583	564 478

26 – PESSOAS DESOCUPADAS, QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS DESOCUPADAS QUE NUNCA TRABALHARAM ANTERIORMENTE						Total
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	
1988							
Março	12 067	4 430	6 576	6 906	20 560	5 066	55 605
Abril.....	9 637	5 246	5 448	9 378	14 818	4 212	48 739
Maió.....	8 276	5 883	6 459	12 249	17 756	4 113	54 736
Junho.....	8 026	4 074	6 433	14 189	17 749	4 034	54 505
Julho.....	8 322	4 273	5 840	14 981	12 849	3 394	49 659
Agosto.....	9 381	5 216	7 038	15 085	23 474	4 272	64 466
Setembro.....	11 136	2 792	5 424	16 361	15 287	2 412	53 412
Outubro.....	8 806	2 748	7 150	9 208	12 495	2 450	42 857
Novembro.....	8 494	3 420	3 610	6 911	14 136	2 623	39 094
Dezembro.....	8 388	1 626	4 306	9 126	11 006	2 267	36 719
1989							
Janeiro.....	8 712	5 211	9 845	13 232	19 883	2 836	59 719
Fevereiro.....	8 459	3 763	5 286	13 041	23 842	4 895	59 286
Março.....	11 254	4 777	6 324	11 889	23 962	2 869	61 075
Abril.....	10 918	6 585	6 929	13 258	22 307	2 441	62 438
Maió.....	7 449	4 282	6 496	11 051	13 849	1 655	44 782

**27 – PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS,
SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS ECONOMICAMENTE ATIVAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	1 025 690	878 456	1 400 495	4 513 670	7 169 389	1 214 584	16 202 284
Abril.....	1 027 870	874 489	1 409 877	4 533 539	7 131 817	1 220 193	16 197 785
Maió	1 027 568	870 378	1 430 958	4 558 966	7 158 270	1 249 400	16 295 540
Junho.....	1 025 942	884 743	1 453 037	4 520 599	7 221 737	1 261 378	16 367 436
Julho.....	1 029 039	882 075	1 448 559	4 583 176	7 283 781	1 263 252	16 442 882
Março	1 069 815	925 481	1 478 956	4 637 315	7 489 059	1 279 133	16 879 759
Setembro.....	1 080 029	924 685	1 489 107	4 623 036	7 492 196	1 287 649	16 896 702
Outubro.....	1 086 412	933 597	1 497 644	4 661 097	7 418 766	1 290 934	16 888 450
Novembro.....	1 103 483	916 826	1 490 391	4 706 522	7 441 926	1 301 681	16 960 829
Dezembro	1 072 781	900 243	1 497 586	4 680 157	7 328 302	1 291 319	16 770 388
1989							
Janeiro.....	1 058 470	883 626	1 493 848	4 651 410	7 352 505	1 261 529	16 701 388
Fevereiro.....	1 045 247	880 222	1 462 760	4 621 794	7 389 962	1 268 092	16 668 077
Março	1 068 434	891 191	1 458 268	4 574 272	7 375 942	1 281 693	16 649 800
Abril.....	1 064 577	890 864	1 461 691	4 536 632	7 336 677	1 277 379	16 566 820
Maió	1 067 767	903 881	1 477 686	4 540 780	7 388 562	1 284 842	16 663 518

**28 – PESSOAS OCUPADAS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES
DA PESQUISA – 1988/89**

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	961 942	834 267	1 342 265	4 362 454	6 846 936	1 163 143	15 511 007
Abril.....	966 953	829 825	1 349 100	4 390 091	6 832 853	1 173 422	15 542 244
Maió	975 482	830 102	1 363 421	4 417 725	6 849 941	1 204 788	15 641 459
Junho.....	976 333	839 161	1 386 840	4 386 190	6 930 038	1 210 180	15 728 742
Julho.....	969 683	838 963	1 387 897	4 448 207	6 947 351	1 219 020	15 811 121
Agosto.....	1 002 907	876 808	1 415 865	4 485 452	7 166 560	1 230 762	16 178 344
Setembro.....	1 018 990	888 891	1 433 336	4 479 287	7 185 340	1 241 263	16 247 107
Outubro.....	1 029 759	898 441	1 443 368	4 512 425	7 134 994	1 247 747	16 266 734
Novembro.....	1 047 218	880 130	1 444 029	4 566 517	7 196 909	1 263 615	16 398 418
Dezembro	1 023 459	863 610	1 451 112	4 569 892	7 120 107	1 254 995	16 283 175
1989							
Janeiro.....	998 029	837 569	1 430 895	4 516 887	7 044 245	1 223 622	15 051 247
Fevereiro.....	986 692	844 713	1 404 284	4 483 725	7 054 754	1 224 341	15 998 509
Março	995 213	845 492	1 396 913	4 427 213	7 047 071	1 238 204	15 950 106
Abril.....	1 002 583	850 991	1 403 471	4 392 011	7 021 987	1 239 177	15 910 220
Maió	1 011 254	868 165	1 423 414	4 421 827	7 125 121	1 249 259	16 099 040

29 – PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	129 561	108 768	271 573	752 152	2 331 540	300 478	3 894 072
Abril.....	139 955	99 778	258 370	760 028	2 304 677	298 570	3 861 378
Maió.....	132 680	102 915	268 493	769 970	2 254 723	315 743	3 844 524
Junho.....	136 385	103 862	269 586	758 998	2 295 883	318 298	3 883 112
Julho.....	137 248	104 724	271 481	780 227	2 304 117	324 224	3 922 021
Agosto.....	144 542	109 995	268 705	785 948	2 420 023	332 465	4 061 678
Setembro.....	150 753	115 442	270 246	780 099	2 390 893	327 202	4 044 635
Outubro.....	147 313	114 263	281 682	813 468	2 398 470	328 534	4 083 730
Novembro.....	144 179	109 787	281 997	800 589	2 385 509	328 742	4 050 803
Dezembro.....	147 220	114 956	277 717	806 151	2 289 823	321 882	3 957 749
1989							
Janeiro.....	146 394	109 393	279 260	786 283	2 270 001	326 982	3 918 313
Fevereiro.....	142 234	110 590	267 757	748 536	2 256 986	326 642	3 852 745
Março.....	141 899	115 036	269 328	730 878	2 294 044	324 264	3 875 449
Abril.....	147 143	112 636	280 878	748 964	2 319 417	330 698	3 937 736
Maió.....	148 215	112 501	274 730	768 309	2 348 023	322 136	3 973 914

30 – PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NA CONSTRUÇÃO CIVIL						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	62 633	69 945	125 209	311 608	413 379	68 655	1 051 429
Abril.....	67 809	73 041	126 075	322 638	422 204	70 574	1 082 141
Maió.....	64 918	67 651	134 213	328 278	412 801	68 729	1 076 590
Junho.....	68 427	72 571	135 459	302 937	428 979	69 117	1 075 490
Julho.....	62 230	70 113	142 862	318 629	419 319	72 722	1 085 875
Agosto.....	66 472	78 114	143 058	336 983	486 573	72 398	1 183 598
Setembro.....	66 823	81 797	149 569	340 181	465 065	72 601	1 176 036
Outubro.....	67 620	78 119	143 467	342 621	470 701	77 231	1 179 759
Novembro.....	76 574	78 674	150 609	332 827	469 100	78 348	1 186 132
Dezembro.....	79 072	75 273	153 532	348 660	444 781	82 247	1 183 565
1989							
Janeiro.....	77 777	75 852	145 088	341 146	437 043	80 505	1 157 411
Fevereiro.....	71 267	76 107	138 929	322 397	434 756	74 579	1 118 036
Março.....	70 538	69 931	137 119	322 429	460 422	72 365	1 132 804
Abril.....	67 692	67 100	126 403	331 043	432 847	75 293	1 100 378
Maió.....	72 030	75 456	134 316	339 593	458 052	77 781	1 157 228

31 — PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS NO COMÉRCIO						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	156 486	119 440	167 791	562 580	880 969	156 215	2 043 481
Abril.....	157 940	117 987	173 169	568 378	868 246	180 465	2 066 185
Maió	155 699	121 365	178 707	559 222	892 103	179 003	2 086 099
Junho.....	157 938	123 511	177 170	561 505	875 950	173 204	2 069 278
Julho.....	164 428	125 820	178 816	575 550	936 482	178 108	2 159 204
Agosto	163 908	128 101	193 230	558 789	917 207	181 283	2 142 518
Setembro.....	165 281	121 620	186 918	567 005	913 889	183 238	2 137 951
Outubro.....	177 439	131 458	185 567	567 323	913 596	188 227	2 163 610
Novembro.....	180 446	132 080	193 122	573 999	913 463	189 598	2 182 708
Dezembro.....	176 214	129 415	201 121	626 148	842 140	196 112	2 271 150
1989							
Janeiro.....	171 856	129 876	197 071	591 546	965 395	184 634	2 240 378
Fevereiro.....	166 606	123 406	187 996	606 457	974 023	174 045	2 232 533
Março	160 682	129 899	190 322	594 770	979 875	187 195	2 242 743
Abril.....	163 097	138 450	191 152	570 760	966 955	184 032	2 214 446
Maió	160 996	134 447	194 630	606 123	945 382	184 667	2 226 245

32 — PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA — 1988/89

Idade mínima — 15 anos

Período de referência — Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM SERVIÇOS						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	472 531	436 441	671 853	2 314 567	2 900 819	523 479	7 319 690
Abril.....	462 320	442 109	686 483	2 306 945	2 922 150	514 457	7 334 464
Maió	483 945	439 965	683 543	2 330 265	2 974 844	531 743	7 444 305
Junho.....	472 039	444 915	706 074	2 337 092	3 016 897	544 541	7 521 558
Julho.....	468 643	437 940	694 792	2 367 155	2 980 242	542 139	7 490 911
Agosto	483 850	462 752	706 895	2 388 213	3 053 252	543 152	7 638 114
Setembro.....	479 678	464 439	717 704	2 362 218	3 101 478	557 509	7 683 026
Outubro.....	488 871	468 209	725 363	2 360 950	3 049 141	548 212	7 640 746
Novembro.....	500 876	456 618	716 070	2 422 755	3 118 712	557 002	7 772 033
Dezembro.....	486 931	442 672	712 510	2 363 691	3 134 054	540 557	7 680 415
1989							
Janeiro.....	470 418	431 476	705 521	2 366 524	3 066 029	518 449	7 558 417
Fevereiro.....	471 889	437 082	705 120	2 366 667	3 072 939	533 940	7 587 637
Março	484 348	436 108	695 561	2 348 638	2 981 489	539 435	7 485 579
Abril.....	484 511	437 806	702 731	2 307 300	2 971 037	532 901	7 436 286
Maió	491 881	445 004	714 742	2 297 100	3 051 625	548 409	7 548 761

33 – PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	PESSOAS OCUPADAS EM OUTRAS ATIVIDADES						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	140 730	99 670	105 836	421 543	320 226	114 312	1 202 317
Abril.....	139 125	96 907	105 001	432 098	315 573	109 354	1 198 058
Maió	138 237	98 203	98 464	429 987	315 466	109 568	1 189 925
Junho.....	143 542	94 198	98 550	425 657	312 326	105 018	1 179 291
Julho.....	137 132	100 362	99 943	406 641	307 189	101 826	1 153 093
Agosto.....	144 135	97 846	103 967	415 518	289 505	101 464	1 152 435
Setembro.....	156 455	105 592	108 899	419 783	314 017	100 713	1 205 459
Outubro.....	148 516	106 392	107 288	428 062	303 087	105 543	1 198 888
Novembro.....	145 143	102 972	102 230	436 348	310 126	109 925	1 206 744
Dezembro.....	134 022	101 295	106 231	425 242	309 310	114 197	1 190 297
1989							
Janeiro.....	131 585	90 971	103 954	431 389	305 777	113 052	1 176 728
Fevereiro.....	134 696	97 529	104 482	439 667	316 051	115 135	1 207 560
Março.....	137 745	94 518	104 582	430 499	331 241	114 944	1 213 529
Abril.....	140 141	94 999	102 307	435 944	331 731	116 253	1 221 375
Maió	138 132	100 757	104 995	410 702	322 038	116 266	1 192 890

34 – EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS MESES DA PESQUISA – 1988/89

Idade mínima – 15 anos

Período de referência – Semana

ANOS E MESES DA PESQUISA	EMPREGADOS COM CARTEIRA DE TRABALHO ASSINADA						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	464 289	452 440	744 379	2 408 282	4 211 947	688 401	8 969 738
Abril.....	468 795	439 354	746 330	2 404 031	4 193 977	689 687	8 942 174
Maió	462 637	438 910	757 743	2 429 227	4 201 630	713 339	9 023 486
Junho.....	473 422	446 143	760 929	2 429 555	4 247 686	722 179	9 079 914
Julho.....	474 952	457 352	770 576	2 433 029	4 249 040	728 443	9 113 392
Agosto.....	487 609	481 524	791 109	2 415 585	4 386 947	740 068	9 302 842
Setembro.....	506 638	490 212	797 926	2 421 823	4 365 533	745 910	9 328 042
Outubro.....	513 791	486 539	814 410	2 469 428	4 392 861	743 284	9 420 313
Novembro.....	508 204	477 981	815 010	2 484 111	4 470 274	747 216	9 502 796
Dezembro.....	496 908	459 863	811 284	2 541 060	4 397 315	748 214	9 454 644
1989							
Janeiro.....	486 487	439 143	785 805	2 504 095	4 344 769	749 103	9 309 402
Fevereiro.....	488 272	449 686	779 278	2 469 952	4 380 100	747 093	9 314 381
Março.....	497 107	450 747	774 830	2 426 376	4 346 778	746 188	9 242 026
Abril.....	493 619	467 612	783 743	2 428 752	4 361 239	743 070	9 278 035
Maió	499 517	481 914	793 165	2 458 626	4 377 988	743 690	9 354 900

**35 – POPULAÇÃO RESIDENTE, POR REGIÕES METROPOLITANAS, SEGUNDO OS
MESES DA PESQUISA – 1988/89**

ANOS E MESES DA PESQUISA	POPULAÇÃO RESIDENTE						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total
1988							
Março	2 870 308	2 287 125	3 399 249	10 838 957	16 443 303	2 833 666	38 672 608
Abril.....	2 876 259	2 293 182	3 410 091	10 859 104	16 481 360	2 841 138	38 761 134
Maio	2 882 213	2 299 246	3 420 963	10 879 241	16 519 417	2 848 610	38 849 690
Junho.....	2 888 188	2 305 306	3 431 850	10 899 396	16 557 504	2 856 097	38 938 321
Julho.....	2 894 127	2 311 373	3 442 751	10 919 541	16 595 624	2 863 584	39 027 000
Agosto.....	2 900 086	2 317 446	3 453 666	10 939 691	16 633 744	2 871 088	39 115 721
Setembro.....	2 906 049	2 323 516	3 464 596	10 959 858	16 671 863	2 878 590	39 204 472
Outubro.....	2 912 016	2 329 604	3 475 541	10 980 015	16 710 013	2 886 101	39 293 290
Novembro.....	2 917 979	2 335 689	3 486 499	11 000 176	16 748 163	2 893 618	39 382 124
Dezembro.....	2 923 946	2 341 768	3 497 488	11 020 342	16 786 344	2 901 144	39 471 032
1989							
Janeiro.....	2 929 959	2 347 895	3 508 517	11 040 650	16 824 738	2 908 712	39 560 471
Fevereiro.....	2 935 924	2 353 987	3 519 517	11 060 801	16 862 937	2 916 251	39 649 417
Março.....	2 941 899	2 360 085	3 530 544	11 080 963	16 901 123	2 923 797	39 738 411
Abril.....	2 947 868	2 366 188	3 541 588	11 101 121	16 939 329	2 931 339	39 827 413
Maio.....	2 953 838	2 372 296	3 552 603	11 121 261	16 977 521	2 938 886	39 916 405

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA — BRASIL

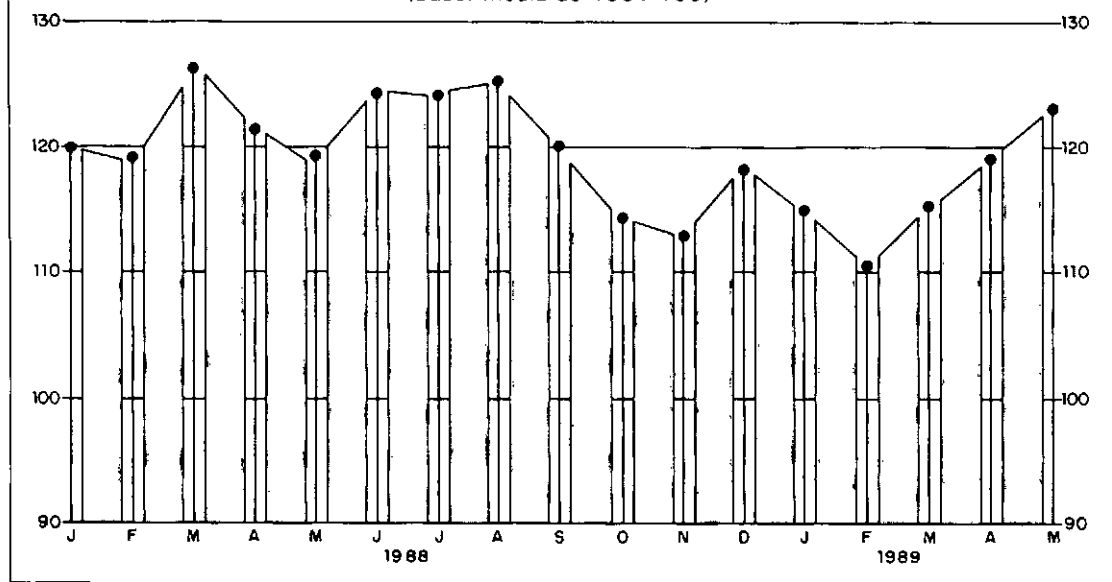
Com 5,3% de expansão em maio último contra igual mês do ano anterior, a indústria brasileira atinge seu primeiro resultado positivo dos últimos oito meses e o seu segundo melhor índice de desempenho mensal desde maio de 1987. Esta boa performance é retratada, também, no resultado dessazonalizado cujo índice de base fixa (122,3%) retorna praticamente aos mesmos níveis observados no período junho/agosto de 1988, meses em que a atividade industrial sofreu uma significativa elevação (Gráfico 1).

Este quadro favorável se estabelece de maneira quase generalizada. Somente material de transporte (-10,8%) e produtos alimentares registraram queda no indicador mensal, sendo que no primeiro o índice evoluiu em 9,7 pontos percentuais entre abril e maio. O gênero produtos alimentares registra decréscimo de -1,0% no índice mensal. No entanto, a abertura por setores-matriz aponta diversos segmentos com variações significativamente positivas contra somente dois — refino de açúcar (-12,3%)

e abate e preparação de carnes (-24,8%) — revelando movimento declinante. As alterações nos preços relativos dos produtos da agroindústria canavieira que vêm marcando o desempenho recente do setor podem explicar a queda verificada na produção de açúcar refinado. O quadro para o mês de maio mostra uma produção de açúcar cristal e demerara estável, decréscimo acentuado em açúcar refinado, enquanto a produção de álcool hidratado atinge taxa positiva de 21,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Esses resultados revelam que a produção de açúcar neste mês deve ter sido direcionada basicamente para o mercado externo, enquanto que a antecipação da safra de cana do Centro-sul e seu direcionamento integral para álcool hidratado, foi a saída emergencial encontrada pelos responsáveis pela política de açúcar e álcool para compensar a escassez desse combustível no mercado. No que se refere à manutenção da queda na produção do sub-setor abate e preparação de carnes, persistem em maio as dificuldades decorrentes do congelamento de preços.

Em termos absolutos os segmentos que registraram maiores expansões entre os

GRÁFICO 1
ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTAMENTO SAZONAL
1988-89
(Base: média de 1981.100)



dois últimos meses foram: perfumaria (de 4,6% em abril para 23,8% em maio), bebidas (de 10,9% para 33,7%), mecânica (de -9,3% para 7,4%) e extrativa mineral (de -4,4% para 7,9%). Já os maiores impactos na formação da taxa global ficaram por conta de química (5,3%), mecânica (7,4%), metalúrgica (5,0%) e matérias plásticas (25,7%).

Dos 49 subsetores industriais pesquisados apenas treze apresentaram-se negativos este mês (contra 35 em março e 23 em abril), sendo cinco deles relacionados à indústria de material de transporte que se ressentiu, ainda, das greves dos metalúrgicos com reflexos nas montadoras, nas indústrias de autopeças e nos estaleiros.

Com relação à produção por categorias de uso, observa-se evolução favorável em

todas elas, até mesmo em bens de capital que, embora com resultado negativo, elevou seu índice mensal em mais de 11 pontos percentuais entre abril e maio, isto em função do elevado crescimento de transformadores de alta tensão, estruturas metálicas e máquinas agrícolas e da desaceleração da queda na produção de caminhões. Este último, no entanto, continua exercendo o maior impacto no decréscimo da categoria este mês (Tabela A).

Os bens de consumo não-duráveis, com a taxa mensal de 9,1% de expansão, permanecem pelo segundo mês consecutivo na liderança do crescimento. Destacam-se aí, as expressivas taxas de bebidas (33,7%), matérias plásticas (25,7%), fumo (23,9%) e perfumaria (23,8%).

A – BENS DE CAPITAL – PRODUTOS RESPONSÁVEIS PELA EVOLUÇÃO DO ÍNDICE MENSAL 1989

PRODUTOS	ÍNDICES		COMPOSIÇÃO DA TAXA	
	Abril	Maio	Abril	Maio
Caminhões	59,1	74,6	- 6,78	- 4,15
Transformadores de alta tensão.....	52,8	165,8	- 0,96	0,67
Estruturas metálicas	86,7	118,0	- 0,67	0,86
Máquinas agrícolas	123,7	165,0	0,75	2,11
Σ das composições	-	-	- 7,66	- 0,51
Outros	87,8	93,7	- 9,09	- 4,60
Bens de capital	83,3	94,9	- 16,7	- 5,1

Por outro lado, os duráveis, mesmo com sensível salto de abril para maio no seu resultado mensal, revelam um pequeno avanço (1,4%). O comportamento da produção de automóveis para passageiros nos dois últimos meses, tanto justifica essa tímida expansão como a própria elevação no índice mensal da categoria (ao diminuir seu impacto negativo este mês). Neste último caso, exerceu influência também a recuperação na produção de refrigeradores domésticos.

Os números de abril e maio agiram positivamente sobre os resultados acumulados, uma vez que a taxa de janeiro/maio (-3,6%) representa um avanço de 3,5 pontos percentuais frente à do primeiro trimestre do ano (-7,1%). Da mesma forma o índice acumulado nos últimos doze meses apresenta, pelo segundo mês consecutivo, pequeno movimento ascendente, ao contrário do que vinha ocorrendo nos três primeiros meses de 1989. O resultado até maio significa um acréscimo de 1,3 ponto percentual sobre o estabelecido até março. Neste intervalo, os setores que mais evoluíram foram matérias plásticas, fumo, perfumaria, farmacêutica e bebidas, confirmando que a pequena recuperação recente da atividade industrial está bastante relacionada ao desempenho do segmento de bens de consumo não-duráveis.

Esta evolução mais favorável da indústria nos dois últimos meses, particularmente em

maio, também reduziu significativamente o ritmo de queda dos índices em bases trimestrais. Pela Tabela B observa-se que desde o terceiro trimestre de 1987 o setor industrial vem seguidamente assinalando quedas na produção no comparativo trimestre *versus* igual trimestre do ano anterior, ficando a exceção por conta do crescimento de 2,6% no período julho/setembro de 1988. Já no segundo trimestre deste ano, aqui representado pelos meses de abril e maio, observa-se não só uma considerável redução no ritmo da queda, já que o índice trimestral passa de -7,1% para -2,5%, como também a mais alta taxa observada no comparativo segundo trimestre-primeiro trimestre (10,1%), registrada nos últimos quatro anos.

Comparando-se o desempenho da indústria, na série dessazonalizada nos meses seguintes aos Planos Cruzado e Verão (Tabela C), nota-se que em ambos os momentos as taxas de crescimento mais elevadas foram de gêneros que são majoritariamente de bens de consumo não-duráveis, destacando-se perfumaria, sabões e velas (66,4% no Plano Cruzado e 33,4% no Plano Verão), produtos de matérias plásticas (22,7% e 32,2%), bebidas (22,3% e 21,8%) e farmacêutica (18,7% e 28,4%), respectivamente. Esse comportamento está possivelmente associado ao valor unitário mais baixo desses bens, havendo, portanto, uma demanda maior quando seus

B — INDÚSTRIA GERAL — TAXAS DE CRESCIMENTO TRIMESTRAL — 1986/89

PERÍODOS	BASE DE COMPARAÇÃO (%)	
	Igual trimestre do ano anterior	Trimestre imediatamente anterior
1986		
1º trimestre.....	9,03	-9,95
2º trimestre.....	14,56	8,57
3º trimestre.....	11,63	15,17
4º trimestre.....	8,71	-3,46
1987		
1º trimestre.....	10,83	-8,20
2º trimestre.....	5,02	2,88
3º trimestre.....	-5,46	3,68
4º trimestre.....	-4,55	-2,52
1988		
1º trimestre.....	-5,73	-9,33
2º trimestre.....	-3,88	4,90
3º trimestre.....	2,64	10,71
4º trimestre.....	-6,26	-10,97
1989		
1º trimestre.....	-7,06	-10,11
2º trimestre (1).....	-2,45	10,10

(1) Foram considerados somente abril e maio de 1989.

**C – TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA NOS MESES SEGUINTE AOS PLANOS
CRUZADOS E VERÃO – ÍNDICES DE BASE FIXA COM ASUSTAMENTO SAZONAL, SEGUNDO
CLASSES E GÊNEROS**
(Base: média de 1981 = 100)

CLASSES E GÊNEROS	PLANO CRUZADO (1986)			PLANO VERÃO (1989)		
	Março	Junho	Taxa (%)	Janeiro/ fevereiro	Maio	Taxa (%)
Extrativa mineral	186,98	188,79	0,97	185,16	189,82	2,52
Minerais não-metálicos.....	93,38	102,93	10,23	90,69	108,21	19,32
Metalúrgica	120,76	127,66	5,71	120,31	127,76	6,19
Mecânica	105,67	113,64	7,54	96,55	115,46	19,59
Material elétrico e de comunicações.....	124,32	139,40	12,13	120,45	122,62	1,80
Material de transporte	124,29	124,01	-0,23	113,21	96,87	-14,43
Papel e papelão	125,88	137,19	8,98	135,35	149,25	10,27
Borracha	114,72	127,82	11,42	122,45	142,99	16,77
Química	113,95	119,85	5,18	120,26	134,96	12,22
Farmacêutica	115,90	137,56	18,69	96,44	123,78	28,35
Perfumaria, sabões e velas	95,45	158,82	66,39	132,58	176,91	33,44
Produtos de matérias plásticas.....	113,93	139,73	22,65	113,34	149,83	32,18
Têxtil.....	108,67	115,69	6,46	103,55	110,65	6,86
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	99,26	103,66	4,43	83,69	93,11	11,26
Produtos alimentares	93,52	100,95	7,94	101,10	107,32	6,15
Bebidas.....	101,02	123,52	22,27	123,56	150,49	21,80
Fumo.....	119,03	142,01	19,31	122,95	150,00	21,99
Indústria geral.....	113,05	121,72	7,67	111,98	122,33	9,24

preços são tabelados. Após os dois planos de estabilização houve queda na produção de material de transporte, bem mais acentuada no Plano Verão (-14,4%) porque além das dificuldades nas negociações de preços entre empresas deste setor, registrou-se a greve dos metalúrgicos. Neste ramo as negociações entre produtores e fornecedores de insumos têm se mostrado mais difíceis e demoradas que no restante da indústria, afetando os resultados de maio. Cabe ainda assinalar que, no conjunto, o crescimento global da indústria foi menos intenso nos primeiros meses após o Plano Cruzado (7,7%) do que após o Plano Verão (9,2%). Como neste último havia por parte dos agentes econômicos menos confiança na manutenção do congelamento, provavelmente o estímulo ao consumo foi maior.

A expectativa para o próximo mês é de que o nível da produção industrial continue elevado em função da reposição dos estoques do comércio. No entanto, a partir do segundo semestre este quadro pode se alterar, dado que já são visíveis os primeiros sinais de perda de dinamismo das vendas no varejo e existe a possibilidade de uma evo-

lução desfavorável dos índices inflacionários.

ÍNDICES DA PRODUÇÃO FÍSICA POR REGIÕES

Os índices mensais da produção industrial regionalizados confirmam, em maio do corrente ano, a ligeira recuperação já observada em abril, decorrente das expressivas taxas obtidas pelos ramos onde predomina a produção de bens de consumo não-duráveis.

Enquanto no primeiro quadrimestre prevalecia um quadro de queda na atividade produtiva na grande maioria dos locais pesquisados (Tabela D), os números relativos a maio revelam um outro cenário: em todos os locais a produção industrial assinala desempenho positivo frente a igual mês do ano anterior, com acréscimos que variam de 0,1% no Nordeste a 10,6% para a Região Sul.¹ Tal recuperação é perceptível nos gêneros industriais que concentram a oferta de bens não-duráveis de consumo. Em sua quase totalidade esse grupo de indústrias

¹ O único local com taxa negativa em maio é a Bahia, influenciada basicamente pelo desempenho negativo do setor química.

COMPOSIÇÃO DA TAXA DE CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA GERAL⁽¹⁾
(Indicador Acumulado, segundo os Gêneros da Indústria)
Janeiro/Maio - 1989

GÊNEROS	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRODUTOS RESPONSÁVEIS (2)
Extrativa mineral.....	-0,09	Petróleo em bruto - Carvão-de-pedra lavado ou beneficiado
Minerais não-metálicos	-0,27	Chapas ou telhas, lisas ou corrugadas de fibrocimento - Canos, tubos e manilhas de cimento
Metalúrgica	-0,46	Extintores de incêndio - Ferro e aço fundido em formas e peças
Mecânica	-1,04	Tratores agrícolas de 55 a menos de 100 H.P. - Tratores - exclusive agrícolas
Material elétrico e de comunicações	-0,25	Fios, cabos e condutores de cobre, isolados, com ou sem alma de aço - Fios, cabos e condutores de alumínio, nus, com ou sem alma de aço
Material de transporte.....	-0,87	Caminhões de 20 t de CMT e mais - Caminhões de menos de 20 t de CMT
Papel e papelão	-0,11	Sacos de papel Kraft - exclusive multifolhados - Celulose de todos os tipos
Borracha	-0,10	Pneumáticos para caminhões e ônibus - Mangueiras, canos e tubos de borracha
Química	-0,17	Fertilizantes compostos NPK - Adubos e fertilizantes fosfatados
Farmacêutica	-0,17	Vitaminas dosadas - Corticóides, uso tópico
Perfumaria, sabões e velas .	-0,07	Desodorantes líquidos - Dentifrícios sólidos
Produtos de matérias plásticas	0,16	Artigos de material plástico para mesa, copa e outros usos domésticos - Plásticos em lençol (filmes)
Têxtil.....	-0,17	Sacos de juta - Tecidos acabados ou beneficiados, artificiais e sintéticos
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	-0,12	Blusas, blusões e camisas esporte de tecido - inclusive tecidos de malha - Calças de uso interno para senhoras - exclusive de malha
Produtos alimentares.....	-0,22	Carne de bovino congelada - Açúcar refinado
Bebidas.....	-0,11	Refrigerantes - Cervejas - inclusive chope
Fumo.....	-0,01	Cigarros
Indústria geral	-3,62	

(1) $C = (I_G - 100) \cdot K$, onde:

C = Participação do gênero na formação do total da taxa de crescimento;

I_G = Indicador do gênero; e

K = Peso do gênero no total da indústria geral.

(2) Foram destacados, em cada gênero, os dois principais produtos responsáveis pelo indicador.

ostenta elevadas taxas nesse mês de maio em resposta ao bom desempenho dos últimos meses das vendas no varejo o que, provavelmente, reduziu estoques tanto no comércio como na indústria. O gênero alimentar constitui-se, em alguma medida como exceção, visto que no Nordeste, no Sul e em Minas Gerais, seu desempenho não melhorou no último mês. No caso da Região Nordeste a acentuação da queda na indústria alimentar está associada às retrações na produção de açúcar refinado (que por sua vez decorre de dificuldades por que passa o complexo álcool-açucareiro nordestino, este ano) e de manteiga de cacau. Já na Região Sul persiste como causa do recuo na atividade da indústria de alimentos, o de-

sempenho do subsetor de carnes que mantém-se em queda desde a implementação do Plano Verão.

Por sua vez, os ramos de bebidas e fumo e, em segundo plano, perfumaria e matérias plásticas são os que ostentam as mais vigorosas taxas de expansão no comparativo maio de 1989 e maio de 1988. Nos dois primeiros, os resultados de maio registraram variações entre 18,9% (bebidas no Nordeste) e 56,0% (bebidas no Rio de Janeiro). Além da elevação no consumo de bebidas (alcoólicas e refrigerantes) e de cigarros, contribuiu para esse excelente desempenho a maior oferta de refrigerantes dietéticos (lançados no mercado há poucos meses) e a crescente produção de uma nova fábrica de

D – INDICADORES REGIONAIS – 1989
INDÚSTRIAS TÍPICAMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CONSUMO NÃO-DURÁVEIS

GÊNEROS	LOCAIS					
	Nordeste		Minas Gerais		Rio de Janeiro	
	Janeiro/abril-89	Maió-89	Janeiro/abril-89	Maió-89	Janeiro/abril-89	Maió-89
	Janeiro/abril-88	Maió-88	Janeiro/abril-88	Maió-88	Janeiro/abril-88	Maió-88
Farmacéutica.....	-	-	-	-	84,2	95,6
Perfumaria.....	77,4	106,0	-	-	99,4	121,0
Matérias plásticas.....	78,4	113,0	75,2	112,9	116,8	137,3
Têxtil.....	112,7	105,3	103,0	113,9	78,9	102,7
Vestuário.....	94,8	108,6	104,4	112,2	95,5	111,6
Produtos alimentares.....	99,1	93,2	97,6	89,0	98,6	111,8
Bebidas.....	103,1	118,9	97,2	119,5	112,6	156,0
Fumo.....	78,5	123,4	90,1	128,8	92,0	129,5
Indústria geral.....	100,0	100,1	97,5	101,3	96,6	106,9

GÊNEROS	LOCAIS					
	São Paulo		Sul		Brasil	
	Janeiro/abril-89	Maió-89	Janeiro/abril-89	Maió-89	Janeiro/abril-89	Maió-89
	Janeiro/abril-88	Maió-88	Janeiro/abril-88	Maió-88	Janeiro/abril-88	Maió-88
Farmacéutica.....	86,3	112,0	-	-	86,0	108,2
Perfumaria.....	88,8	124,3	85,6	100,7	88,3	123,8
Matérias plásticas.....	105,8	129,5	89,6	115,4	100,9	125,7
Têxtil.....	95,0	103,3	93,0	103,5	95,5	104,9
Vestuário.....	98,4	108,9	96,7	106,5	94,4	107,3
Produtos alimentares.....	97,5	102,2	95,6	95,9	97,2	99,0
Bebidas.....	106,1	140,2	93,6	127,9	101,8	133,7
Fumo.....	95,7	125,4	95,2	123,5	93,2	123,9
Indústria geral.....	91,9	104,0	95,0	110,6	94,1	105,3

cerveja inaugurada no Rio de Janeiro em fins do ano passado.

Pernambuco

A produção industrial pernambucana registra em maio um crescimento de 10,0% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, sendo o primeiro resultado positivo desde julho de 1988. Este desempenho deve-se, provavelmente, à reposição de estoques do comércio, ao incremento da atividade no setor de construção civil e à oscilação no setor material elétrico e de comunicações. Os gêneros e respectivos produtos que mais contribuíram na composição desta taxa (Tabela E) foram: material elétrico e de comunicações (pilhas secas e fio, cabo e condutor de cobre), metalúrgica (barras e perfis de alumínio e arame de aço comum) e química (tintas à base de água e fibras de poliéster).

Apresentando um desempenho nulo para os principais produtos (Tabela F), a agroindústria canavieira influencia negativamente o indicador mensal através da baixa produção de açúcar refinado. No período de

**E – COMPOSIÇÃO DA TAXA DE
 CRESCIMENTO INDUSTRIAL
 MAIO DE 1989**
 (Base: igual período do ano anterior = 100)
 Pernambuco

SETORES	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Minerais não-metálicos.....	-0,30
Metalúrgica.....	2,29
Material elétrico e de comunicações.....	7,33
Papel e papelão.....	0,84
Química.....	2,04
Perfumaria, sabões e velas.....	0,06
Produtos de matérias plásticas.....	-0,05
Têxtil.....	-0,57
Produtos alimentares.....	-3,13
Bebidas.....	0,82
Fumo.....	0,63
Indústria geral.....	9,96

entressafra da cana-de-açúcar (março/agosto) de 1988, a produção deste item chegou a ser interrompida para manutenção de máquinas. Desta forma, a produção de açúcar refinado para os próximos meses poderá ficar inferior à demanda do mercado interno, visto que, neste mês registrou-se uma queda de -37,8% em relação a maio do ano anterior e de -24,3% e -26,8%

F – COMPOSIÇÃO DA TAXA DE
CRESCIMENTO INDUSTRIAL
MAIO DE 1989

(Base: igual período do ano anterior = 100)

PRODUTOS	ÍNDICES	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Alcool.....	0,0	0,00
Açúcar cristal.....	0,0	0,00
Açúcar demerara.....	0,0	0,00
Açúcar refinado.....	-37,8	-2,94
Melaço.....	0,0	0,00
Refrigerante.....	40,8	0,39
Aguardentes.....	192,9	0,04
Agroindústria canavieira.....	-28,7	-2,51
Demais setores.....	13,7	12,47
Indústria geral.....	10,0	9,96

nas comparações acumulada e nos últimos doze meses, respectivamente.

A elevada expansão industrial deste mês não conseguiu reverter o quadro retracionista nos indicadores acumulado (-3,8%) e doze meses (-6,0%), porém, manteve a tendência de desaceleração do ritmo de queda que vem sendo assinalada nos últimos meses. Os gêneros produtos alimentares e minerais não-metálicos assumem a liderança desta performance em ambas as comparações, quando participam com -3,7 dos -3,8% da taxa do indicador acumulado e com -4,9 dos -6,0% dos doze meses. Inclusive, coincidentemente, são os mesmos produtos que mais influenciam o comportamento dos setores acima: açúcar refinado e cimento comum e pozolânico. Neste sentido, as comparações acumuladas indicam uma forte retração da atividade industrial de Pernambuco, devido a fatores que influenciaram negativamente o comportamento do mercado interno num período mais longo de comparação, já mencionados em notas anteriores.

Bahia

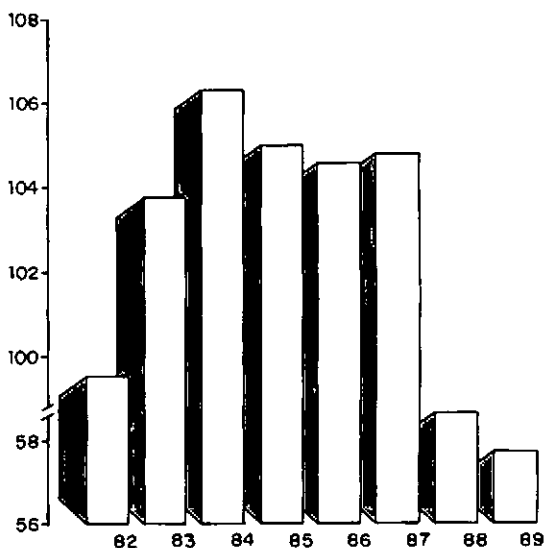
O Estado da Bahia apresenta para o mês de maio taxas de crescimento negativas em sua produção industrial para todos os indicadores: -7,8% no mensal, -2,2% no acumulado e -4,5% no acumulado doze meses. Na primeira e na última comparação, o principal impacto negativo foi a química, e no acumulado do ano foi o gênero

de material elétrico. Em todos os indicadores destaca-se a performance positiva dos setores da borracha e de bebidas, impulsionados pelos produtos pneumáticos para ônibus e caminhões, e vinhos de uva, respectivamente.

O indicador mensal registrou em maio um desempenho mais desfavorável que os verificados ao longo do ano. O resultado mostra-se fortemente relacionado às contrações ocorridas em ramos de atividade de material elétrico e de comunicações (-28,1%), química (-10,4%) e produtos alimentares (-9,5%), setores que pesaram negativamente na formação global da taxa. A performance do primeiro deveu-se, principalmente, à diminuição da produção de eletrodos de grafita para fornos industriais, e no segmento alimentício a menor disponibilidade de cacau para processamento industrial. A química mostra, nesta comparação, um resultado substancialmente afetado pela fraca produção de óleo diesel, justificada pelo baixo rendimento na matéria-prima.²

O indicador acumulado no ano (-2,2%) revela a pior taxa do período janeiro/mayo, desde o início da série (Gráfico 2). Este resultado aponta para um índice negativo no encerramento do primeiro semestre. Para

GRÁFICO 2
ÍNDICE DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
Janeiro/mayo-1982/89
(Base: igual período do ano anterior)
Bahia



² As informações do gênero estão em processo de completa revisão por parte de um importante informante da Pesquisa, portanto os últimos resultados do setor estão sujeitos a alterações.

que isso não ocorra será preciso que o aumento da produção de maio para junho seja bem superior ao historicamente observado na década.

Dentre aqueles segmentos que impactaram negativamente no acumulado, destacam-se os ramos de material elétrico e de comunicações (-24,2%), minerais não-metálicos (-16,3%) e perfumaria, sabões e velas (-16,8%), gêneros que destinam suas produções em sua maior parte para o mercado interno. Cabe assinalar que esses dois últimos desaceleraram suas quedas, que em abril foram -21,1% e -25,5%, respectivamente.

O indicador acumulado dos últimos doze meses acentuou a sua contração, passando de uma taxa de -3,3% até abril para -4,5% até maio; rompendo o nível de queda próximo de -3,0% que se vinha mantendo ao longo do ano, face ao impacto negativo apresentado pelo indicador mensal. Dados os índices alcançados nessa comparação, percebe-se que a indústria baiana também fechará o semestre com taxa negativa nesse indicador.

Minas Gerais

A indústria mineira em maio, pelo segundo mês consecutivo, registra crescimento na comparação mensal (1,3%), ocasionando assim uma desaceleração da queda do indicador acumulado (-1,7%) e a sustentação de um resultado positivo da taxa anualizada (0,5%). Essa performance é explicada, em boa medida, pelo impacto positivo do Plano Verão no desempenho do setor de bens de consumo não-duráveis.

O resultado do indicador mensal deste mês embora ligeiramente inferior ao de abril (1,8%) é mais significativo. Em maio ape-

nas três gêneros apresentaram queda, sendo que em dois — produtos alimentares (-11,0%) e metalúrgica (-1,9%) — a explicação reside na base de comparação elevada. A evolução negativa de material de transporte (-19,4%) deve-se à greve dos metalúrgicos de São Paulo, que afetou o fornecimento de autopeças para a indústria automobilística. Os setores de maior impacto positivo no índice global foram têxtil (13,9%) e química (6,7%). Vale assinalar que este último aponta uma taxa bem inferior à de abril (28,7%) devido ao efeito base já mencionado.

Em termos de categoria de uso (Tabela G) nota-se que no último bimestre bens intermediários e de consumo, diferentemente de bens de capital, apontaram resultados melhores que os verificados no primeiro trimestre. O destaque mensal de maio cabe a bens de consumo (3,2%) cujo crescimento foi muito influenciado pelo desemprego de cigarros (28,8%), gasolina (43,5%) e tecidos acabados ou beneficiados de algodão (12,5%). Em especial esse último segmento deve ter sido impactado pelo aquecimento do comércio provocado pelo Plano Verão. Cabe assinalar que todos os gêneros que são basicamente de bens de consumo não-duráveis, à exceção de alimentares, obtiveram taxas positivas acima de 10% este mês.

O indicador acumulado (-1,7%) atenua a sua queda em relação a abril (-2,5%). Os principais impactos negativos foram os decorrentes da performance da metalúrgica (-4,8%), material elétrico e de comunicações (-15,8%) e minerais não-metálicos (-4,7%). Material elétrico, no entanto, já registra uma contração bem inferior à de abril (-24,3%).

G — DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIA DE USO — 1989
(Base: igual período do ano anterior = 100)
Minas Gerais

CATEGORIAS DE USO	PERÍODO			
	Janeiro/abril	Abril	Maio	Janeiro/maio
Bens de capital	102,77	80,91	80,49	93,17
Bens intermediários	94,98	101,43	101,66	97,61
Bens de consumo	98,28	108,17	103,24	101,16
Indústria geral	96,05	101,82	101,34	98,26

Rio de Janeiro

Com 6,9% de crescimento em maio, relativamente a igual mês do ano anterior, a produção industrial do Estado do Rio de Janeiro dá continuidade ao processo de recuperação iniciado no mês passado, quando registrou uma expansão de 1,4%, após um desempenho significativamente negativo no primeiro trimestre do ano, cuja taxa média mensal atingiu a marca de -5,0%.

Neste mês, apenas três gêneros industriais revelaram performance negativa (enquanto em março onze apresentavam tal comportamento): metalúrgica (-5,4%), farmacêutica (-4,5%) e material de transporte (-35,8%). Este último, ao ser atingido por um período de greve em maio, interrompe uma série de quinze meses de resultados favoráveis.

Dos setores que evoluíram positivamente, destacam-se como os de maiores taxas de expansão bebidas (56,0%), matérias plásticas (37,3%), fumo (29,5%), material elétrico (21,1%) e perfumaria (21,0%). Com relação à elevada taxa de bebidas, vale frisar que o recente lançamento do refrigerante dietético — que ampliou o consumo do produto — e ainda o aumento crescente de ocupação de capacidade em nova unidade produtiva no segmento de cervejas, cujo início das atividades deu-se em meados do ano passado, justificam tal desempenho.

Ainda no que se refere aos gêneros com índices positivos, merecem atenção as performances de extrativa mineral e de minerais não-metálicos. No primeiro, a taxa de 16,1% em maio estabelece-se depois de exatamente um ano de resultados negativos. Mesmo assim, este número deve-se quase que exclusivamente ao *efeito-base*, pois em maio de 1988 registrou-se o menor nível de produção do setor naquele ano, em consequência do acidente na plataforma de Anchova, ocorrido na última semana de abril. Em minerais não-metálicos, no entanto, a influência da base de comparação é muito pequena, sendo o aumento do nível de atividade em maio último — em resposta à demanda do setor de construção civil — um provável reflexo, ainda, do Plano Verão, em que o congelamento de preços e a perspectiva de um menor rendimento da Caderjeta de Poupança podem ter atuado como

elementos estimuladores. Chapas e telhas de fibrocimento e cimento comum são os principais produtos responsáveis por esta expansão.

O desempenho dos últimos dois meses refletiu-se acentuadamente nos índices acumulados. A taxa para os cinco primeiros meses do ano indica um avanço de 3,6 pontos percentuais sobre a do primeiro trimestre, enquanto que o indicador de doze meses eleva-se no mesmo período em 1,1 ponto percentual, já atingindo em maio patamar positivo.

O resultado de maio teve forte influência do desempenho dos bens de consumo não-duráveis — assim como já ocorrera em abril. A Tabela H confirma isto ao indicar que cerca de 65% da taxa global derivam de gêneros que, direta ou indiretamente, são eminentemente produtores desta categoria de bens, sendo que do grupo somente a farmacêutica apresentou queda de produção. Este fato mostra que o perfil do desempenho recente da indústria fluminense é bem distinto daquele do ano passado, quando os resultados mensais positivos obtidos foram fruto, quase que exclusivamente, da excelente performance de apenas dois gêneros industriais: material elétrico e de comunicações e material de transporte que, por sinal, vêm desacelerando sensivelmente o seu ritmo de crescimento no corrente ano.

H – COMPOSIÇÃO DA TAXA DA INDÚSTRIA GERAL – MAIO DE 1989

(Indicador mensal segundo alguns gêneros de indústria)
Rio de Janeiro

GÊNEROS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	COMPOSIÇÃO
Farmacêutica	-4,5	-0,26
Perfumaria, sabões e velas	21,0	0,40
Matérias plásticas	37,3	1,77
Têxtil	2,7	0,11
Vestuário, calçados e artefatos de tecido	11,6	0,49
Produtos alimentares	11,8	0,86
Bebidas	56,0	0,87
Fumo	29,5	0,34
Subtotal	-	4,58
Outros gêneros	-	2,29
Indústria geral	6,87	6,87

São Paulo

A performance da indústria paulista, em maio, reverte o quadro de declínio revelado

nos indicadores mensais dos últimos sete meses, alcançando um crescimento de 4,0%. Por outro lado, os índices acumulados no ano e nos últimos doze meses mantiveram taxas negativas na ordem de -5,6% e -2,4%, respectivamente.

Dentre os gêneros pesquisados, somente dois apresentam ainda variações negativas no indicador mensal — material elétrico e de comunicações (-4,9%) e material de transporte (-11,3%). Este último, depois de contribuir significativamente para a expansão da indústria no estado em 1988, passou a partir de fevereiro de 1989 a assinalar resultados negativos, não conseguindo até o momento retomar o ritmo de crescimento verificado no segundo semestre do ano passado. A queda constatada este mês sofre influência considerável da retração na produção de caminhões pesados (-37,2%), caminhões leves (-20,6%) e de automóveis para passageiros (-8,3%).

O comportamento de ramos específicos da mecânica, química e metalúrgica, gêneros que em conjunto representam, aproximadamente, 40% do valor da transformação industrial em São Paulo, induziu a mudança na trajetória descendente da produção verificada nos últimos meses.

A mecânica registra taxa positiva de 4,7%, basicamente, em função do acréscimo de 33,2% na produção do subsetor máquinas e implementos agrícolas, posto que os demais produtos, com peso de aproximadamente 80% na estrutura produtiva do setor, revelam a tímida variação de 0,9% (Tabela I).

I — INDÚSTRIA MECÂNICA — MAIO DE 1989
(Índice mensal e composição da taxa)
São Paulo

SETORES/GÊNEROS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Tratores, máquinas e implementos agrícolas	133,2	3,9
Demais setores	100,9	0,8
Mecânica	104,7	4,7

A comercialização de máquinas e implementos agrícolas vem apresentando sensível melhoria no último bimestre, em função da recuperação da demanda que se manteve, praticamente, estagnada no ano anterior e nos primeiros meses deste ano. A produção industrial vem respondendo ao novo

ritmo das inversões do setor rural em bens duráveis necessários à atividade produtiva, que podem ser explicadas pela combinação dos seguintes fatores: os bons resultados obtidos na safra passada, os reajustes concedidos pelo CIP aquém da inflação para esses tipos de bens, as expectativas de um novo realinhamento de preços; e, principalmente a redução nas taxas de juros obtidas nas aplicações financeiras.

O acréscimo de 5,5% na produção da química também pode ser, em parte, explicado pela atividade agrícola, uma vez que a antecipação para maio da safra de cana-de-açúcar do estado e sua imediata transformação em álcool hidratado combustível, foi a solução encontrada para contrabalançar o déficit do produto no mercado interno. O álcool hidratado influenciou com 2,3 pontos percentuais no crescimento da química. Vale ressaltar que este gênero ao aumentar o nível de sua produção em 24,8% em relação ao mês anterior, atingiu uma das maiores taxas positivas para este índice na série considerada.

A expansão mensal de 5,8% no ramo de metalurgia tem um impacto positivo de 1,4 ponto percentual do segmento estruturas metálicas. A maior produção deste item, bem como os aumentos verificados em vidros de segurança e cimento comum, principais responsáveis pelo acréscimo de 6,5% na mesma comparação para o gênero minerais não-metálicos, indicam uma possível expansão do setor construção civil, que de certa forma já havia sido observada nos resultados no mês de abril.

Finalmente, destacam-se bebidas e matérias plásticas tipicamente produtores de não-duráveis, mesmo representando somente 3,5% do valor da transformação industrial do estado. O setor material plástico registra aumentos de 29,5% no indicador mensal, seguido de 10,6% no acumulado do ano e 6,7% no acumulado doze meses. Na comparação mensal, os principais produtos responsáveis são artigos de material plástico para uso doméstico e sacos e sacolas de material plástico.

O ramo de bebidas registra variações de 40,2% na comparação mensal, 12,3% no acumulado anual e lidera com 8,4% o acumulado nos últimos doze meses. A diversificação da produção de refrigerantes, com

lançamento de dietéticos de diferentes tipos e marcas, estimulou a produção do setor que atinge um patamar considerável em período que se caracteriza pelo recuo na produção em função do término do verão. Por fim, é interessante observar que o desempenho do setor bebidas, diferente das oscilações verificadas em outros setores do parque fabril paulista, vem apresentando taxas positivas na comparação anualizada pelo décimo primeiro mês consecutivo.

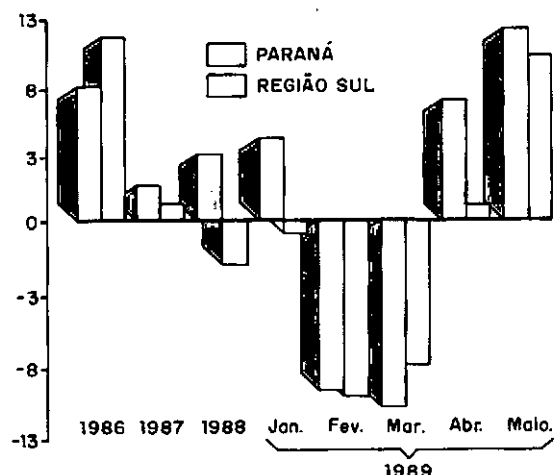
Paraná

Contabilizados os números do desempenho do parque industrial paranaense no mês de maio, obteve-se os seguintes resultados nos índices de produção física: mensal 12,4%; acumulado 0,7% e nos últimos doze meses 3,4%.

Dessas taxas, a mensal (12,4%) merece destaque, devido ao seu desempenho positivo pelo segundo mês consecutivo (abril 7,7%). Além deste fato, é importante destacar que um resultado desta magnitude foi assinalado pela última vez em março de 1987 (12,9%). Esta boa performance está relacionada ao desempenho positivo na quase totalidade dos gêneros pesquisados, a única exceção fica por conta de produtos alimentares (-1,4%), em função da menor demanda por café solúvel, produto voltado em grande parte para o mercado externo. Com relação aos setores que apresentaram crescimento, há de se frisar, devido aos impactos na taxa global, as indústrias química (16,6%), têxtil (23,5%) e papel e papelão (10,8%). Somente estes três setores responderam por 3/4 da taxa da indústria geral. Nos produtos, os destaques nesses gêneros ficam por conta de: fertilizantes compostos, algodão em pluma e papel kraft.

Ainda no que diz respeito ao índice mensal, é interessante observar que comparativamente à Região Sul, (Gráfico 3), o Paraná vem apresentando evolução acima da média regional a partir do resultado de janeiro de 1988 exceto março deste ano — fato que, em parte, encontra explicação devido à concentração industrial local em alguns setores de características específicas, (como por exemplo, alguns ramos da agroindústria) o que lhe confere uma diferenciação em relação à região.

GRÁFICO 3
INDICADORES REGIONAIS DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL/INDÚSTRIA GERAL — 1986/89



No que diz respeito à produção acumulada no período janeiro/mayo, a expansão de 0,7% interrompe a série negativa observada nos três meses anteriores. Isto se deve principalmente ao desempenho do setor químico — de significativa importância na estrutura industrial do estado — que passou de 2,1% em abril para 5,3% nesse mês, em função do aumento na produção de fertilizantes compostos.

Quanto ao indicador dos últimos doze meses, a taxa de 3,4% volta a apontar para a evolução do crescimento, interrompido em fevereiro último, quando o resultado encontrava-se em torno de 4,8%.

Santa Catarina

Com crescimento de 10,6% em maio de 1989 contra igual mês do ano anterior, a indústria de Santa Catarina apresenta seu melhor resultado desde abril de 1987 e a primeira taxa mensal positiva dos últimos oito meses.

Este resultado representa um avanço de 10,7 pontos percentuais frente ao registrado em abril e, à exceção de química e têxtil, todos os setores pesquisados elevam suas taxas mensais entre esses dois últimos meses, ficando os maiores destaques por conta de mecânica (que passa de 10,8% em abril para 60,7% em maio), bebidas (de 3,2% para 51,4%), extrativa mineral (de

– 50,6% para – 9,1%) e material elétrico (de – 23,8% para 11,7%).

Ainda na comparação mensal o setor que causou maior impacto na formação da taxa de maio foi mecânica, influenciado tanto pelo *efeito-base* – uma vez que maio de 1988 representa o segundo menor patamar de produção do ano – como, também, pela própria ampliação este mês da produção, principalmente de refrigeradores domésticos. Destaca-se, ainda, o desempenho de fumo (52,9%), cuja expansão está relacionada à expansão de utilização de capacidade em uma nova unidade beneficiadora de fumo em folha, e matérias plásticas (18,8%). Já com performance negativa figuram apenas extrativa mineral (– 9,1%), metalúrgica (– 3,2%) e química (– 16,1%).

A recuperação da atividade industrial nestes dois últimos meses fica clara ao comparar-se o nível médio de produção de abril/maio com o do primeiro trimestre do ano (Tabela J). Entre esses dois períodos a indústria expande-se em 18,1 pontos percentuais e, a nível setorial, apenas extrativa mineral retrai-se. Os maiores avanços são registrados em matérias plásticas, mecânica, química e material elétrico.

O indicador acumulado assinala no período janeiro/maio a menor queda do ano em curso (– 5,8%). As maiores retrações são verificadas em extrativa mineral (– 26,2%), química (– 21,0%), material elétrico (– 20,8%) e matérias plásticas (– 16,6%) que juntos participaram com – 4,3 pontos percentuais na formação da taxa acumulada. Os produtos que mais contribuíram para

o recuo desses setores foram carvão-de-pedra em bruto (– 26,5%), farelo de soja peletizado (– 16,1%), quadros, painéis, cubículos e subestações de distribuição e controle (– 49,5%) e mangueiras, canos, tubos e conexões de material plástico (– 27,5%), respectivamente. Por outro lado, com crescimento no período figuram mecânica (15,8%), bebidas (6,7%) e fumo (34,4%).

O índice acumulado nos últimos doze meses (– 6,1%), pelo segundo mês consecutivo, apresenta-se em ascensão. Dentre os setores pesquisados verifica-se crescimento somente em mecânica (0,2%), química (0,2%), bebidas (2,9%) e fumo (48,2%), sendo que o segundo vem assinalando no decorrer deste ano resultados progressivamente menores. O maior impacto na taxa anualizada foi dado por alimentares (– 17,3%) em virtude, principalmente, da retração na produção de açúcar refinado, decorrente da diminuição no fornecimento de matéria-prima.

Rio Grande do Sul

Com um crescimento mensal de 9,5% em maio, contra 1,6% em abril e – 8,2% em março, a indústria gaúcha dá nítidos sinais de franca ascensão no seu ritmo de atividade nos últimos dois meses. A própria evolução do desempenho em termos setoriais comprova isto. Enquanto em março dez gêneros ainda apresentavam resultado negativo, em maio apenas três revelam tal comportamento, sendo eles a extrativa mineral (– 5,1%), perfumaria (– 11,5%) e alimentares (– 14,0%). Entretanto, somente este último causou expressivo impacto na

J – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL
Santa Catarina

CLASSES E GÊNEROS	ÍNDICES	
	Janeiro/março-89	Abril-89
	Janeiro/março-88	Abril-88
Extrativa mineral.....	75,74	70,89
Minerais não-metálicos.....	95,60	104,80
Metalúrgica.....	85,45	95,68
Mecânica.....	104,44	132,66
Material elétrico de comunicações.....	72,24	91,74
Papel e papelão.....	94,86	102,68
Química.....	69,75	89,51
Matérias plásticas.....	66,16	111,83
Têxtil.....	85,77	102,70
Vestuário.....	83,76	99,67
Produtos alimentares.....	83,51	100,70
Bebidas.....	99,97	113,25
Fumo.....	126,90	143,73
Indústria geral.....	87,08	105,18

formação da taxa global em razão da sua elevada importância no local. A má performance de produtos alimentares está relacionada ao comportamento adverso do segmento de abate de bovinos que, enfrentando ainda problemas ligados à defasagem de preços, vem diminuindo sensivelmente o seu nível de atividade.

Os gêneros que mais contribuíram para o bom resultado deste mês foram: química (17,9%), mecânica (19,0%), bebidas (25,2%), material elétrico e de comunicações (33,7%), fumo (9,6%) e minerais não-metálicos (34,2%). Em todos estes, com exceção de material elétrico e, ainda, em produtos alimentares (carne de bovino congelada e carne de bovino enlatada) pelo menos um dos dois principais produtos responsáveis está relacionado ao desempenho da agropecuária (vide Tabela L), o que mostra a forte integração entre este setor e a indústria na economia deste estado.

A Tabela L indica também que, ao contrário do que vem ocorrendo em âmbito nacional e em alguns estados pesquisados, o recente reaquecimento da indústria gaúcha não está concentrado nos segmentos produtores de bens de consumo. Dos doze principais produtos responsáveis listados (relacionados aos setores determinantes na formação da taxa global), apenas os de bebidas e fumo pertencem à categoria. O restante se insere nos grupamentos de bens de capital e intermediários.

Ainda em relação ao comportamento de bens de consumo, além de alimentares e perfumaria registrando declínio de pro-

dução, o gênero vestuário, calçados e artefatos de tecido, que conta com elevado peso na estrutura industrial do estado, apresentou um crescimento em maio de apenas 3,9%, bem abaixo, portanto, da média global da indústria.

O desempenho de maio contribuiu para uma significativa elevação dos resultados acumulados da produção industrial. A taxa para os cinco primeiros meses do ano representa uma evolução de 3,2 pontos percentuais frente à estabelecida para o primeiro quadrimestre de 1989. Da mesma forma, o índice de doze meses sofre um avanço de um ponto percentual entre abril e maio. No entanto, estes indicadores ainda continuam negativos, ambos apresentando queda de - 2,1%.

DEFINIÇÃO DOS ÍNDICES DIVULGADOS

Índice base fixa: reflete o desempenho do mês de referência do índice, em relação à produção média mensal do ano-base de comparação (1981).

Índice acumulado de doze meses: reflete o desempenho da produção acumulada nos últimos doze meses de referência dos índices, em relação a igual período imediatamente anterior.

Índice acumulado: reflete o desempenho da produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência dos índices, em relação a igual período do ano anterior.

Índice mensal: reflete o desempenho da produção no mês de referência dos índices, em relação a igual mês do ano anterior.

L — PRINCIPAIS GÊNEROS NA FORMAÇÃO DA TAXA GLOBAL — MAIO DE 1989
Rio Grande do Sul

GÊNEROS	TAXA DE CRESCIMENTO	COMPOSIÇÃO DA TAXA	PRINCIPAIS PRODUTOS RESPONSÁVEIS
Minerais não-metálicos	34,2	0,98	Frascos de vidro Calcário beneficiado Colhedoras agrícolas
Mecânica	19,0	2,58	Equipamentos de ar condicionado central Capacitores ou condensadores eletrônicos Reatores p/lâmpadas fluorescentes
Material elétrico e de comunicações	33,7	1,02	Fertilizantes compostos NPK
Química	17,9	2,84	Farelo de sementes oleaginosas
Bebidas	25,2	1,10	Vinhos de uva Refrigerantes
Fumo	9,6	1,00	Fumo em folha beneficiado Cigarros
Total	-	9,52	
Outros	-	-0,02	
Indústria geral	9,5	9,50	

1 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1989

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
Indústria geral.....	111,02	108,74	121,42	90,88	97,58	105,30
Extrativa mineral.....	184,38	177,47	192,54	93,45	95,65	107,93
Indústrias de transformação.....	108,81	106,67	119,27	90,75	97,68	105,17
Minerais não-metálicos.....	94,47	98,89	109,39	88,35	99,16	109,96
Metalúrgica.....	119,42	117,71	132,46	88,98	97,65	105,03
Metalúrgica básica.....	123,89	121,37	129,69	89,22	96,28	101,87
Outros produtos metalúrgicos.....	112,26	111,86	136,91	88,55	100,13	110,22
Mecânica.....	99,55	100,11	114,56	81,70	90,67	107,42
Material elétrico e de comunicações.....	130,36	115,37	131,19	93,77	93,29	101,15
Material de transporte.....	100,48	86,76	100,17	78,46	79,49	89,23
Autoveículos.....	106,54	88,02	108,48	74,34	72,09	85,26
Outros produtos de transporte.....	88,51	84,27	83,77	90,36	100,87	101,28
Papel e papelão.....	143,73	142,01	150,04	101,81	104,36	109,69
Borracha.....	127,04	125,62	142,01	89,86	89,93	101,37
Química.....	110,05	111,89	130,19	97,73	102,44	105,31
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	124,41	115,73	121,65	100,12	101,13	102,94
Outros produtos químicos.....	100,62	109,37	135,80	95,88	103,38	106,76
Farmacêutica.....	103,32	112,15	126,75	77,95	102,93	108,19
Perfumaria, sabões e velas.....	145,17	165,55	179,05	85,38	104,57	123,79
Produtos de matérias plásticas.....	124,33	133,55	146,91	99,16	115,86	125,72
Têxtil.....	106,22	104,73	113,38	92,86	100,79	104,87
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	83,00	81,89	90,11	88,72	99,33	107,25
Produtos alimentares.....	91,31	82,84	86,61	99,99	100,90	99,03
Bebidas.....	130,71	133,79	148,25	103,68	110,89	133,67
Fumo.....	189,30	214,21	220,78	81,98	111,22	123,93

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
Indústria geral.....	92,94	94,09	96,38	96,48	96,92	97,82
Extrativa mineral.....	95,85	95,80	98,11	98,03	97,29	98,12
Indústrias de transformação.....	92,78	94,00	96,29	96,41	96,91	97,80
Minerais não-metálicos.....	88,93	91,48	95,15	94,96	95,10	96,30
Metalúrgica.....	93,61	94,59	96,72	96,37	96,84	97,60
Metalúrgica básica.....	93,43	94,12	95,64	99,88	99,67	99,98
Outros produtos metalúrgicos.....	93,93	95,46	98,64	90,54	92,07	93,58
Mecânica.....	84,33	85,94	90,16	89,13	89,21	90,83
Material elétrico e de comunicações.....	96,21	95,45	96,68	97,89	98,53	99,40
Material de transporte.....	92,73	89,50	89,45	105,33	103,75	102,57
Autoveículos.....	90,83	86,29	86,08	104,42	101,99	100,34
Outros produtos de transporte.....	98,34	98,97	99,42	107,91	108,78	108,97
Papel e papelão.....	99,77	100,92	102,68	99,84	100,88	102,20
Borracha.....	92,51	91,83	93,82	100,85	99,32	98,99
Química.....	95,24	97,09	98,94	96,76	97,38	98,23
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	98,55	99,17	99,92	99,61	100,00	100,26
Outros produtos químicos.....	92,45	95,41	98,20	95,15	95,90	97,07
Farmacêutica.....	80,65	85,99	90,53	84,45	86,71	88,41
Perfumaria, sabões e velas.....	82,79	88,27	94,91	88,30	89,27	92,32
Produtos de matérias plásticas.....	96,05	100,94	105,91	97,54	100,57	104,21
Têxtil.....	93,82	95,53	97,42	94,56	95,53	96,73
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,78	94,42	97,03	95,29	96,32	97,60
Produtos alimentares.....	96,10	97,18	97,54	98,68	99,21	99,01
Bebidas.....	98,92	101,83	107,66	102,82	103,96	106,54
Fumo.....	86,35	93,15	99,36	94,66	96,94	100,07

**2 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, COM AJUSTAMENTO SAZONAL,
SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1988-89**
Base fixa mensal

CLASSES E GÊNEROS	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO
Indústria geral.....	111,76	117,19	114,22	109,73	114,33	118,21	122,33
Extrativa mineral.....	180,56	181,15	186,51	183,81	183,98	182,35	189,82
Indústrias de transformação.....	109,69	115,26	112,03	107,50	112,23	116,27	120,29
Minerais não-metálicos.....	92,77	93,01	91,46	89,92	96,27	104,72	108,21
Metalúrgica.....	120,03	127,82	121,95	118,67	115,89	122,62	127,78
Metalúrgica básica.....	127,82	128,02	127,18	125,65	120,35	126,97	127,52
Outros produtos metalúrgicos.....	107,57	127,49	113,58	107,50	108,75	115,64	128,15
Mecânica.....	105,40	105,17	99,77	93,33	100,11	101,85	115,46
Material elétrico e de comunicações.....	123,30	130,02	120,72	120,17	123,66	119,87	122,62
Material de transporte.....	115,18	122,07	117,40	109,01	97,66	94,77	96,87
Autoveículos.....	128,30	135,05	131,53	120,65	101,53	98,11	101,61
Outros produtos de transporte.....	89,28	96,46	89,49	86,03	90,03	88,18	87,50
Papel e papelão.....	144,45	143,04	138,40	132,30	141,27	143,75	149,25
Borracha.....	135,67	134,80	131,73	113,18	127,32	128,73	142,99
Química.....	106,04	125,13	122,99	117,52	130,49	134,35	134,96
Petroquímica, refino e destilação do carvão-de-pedra.....	91,66	127,70	122,77	117,82	123,71	122,28	122,72
Outros produtos químicos.....	115,48	123,44	123,13	117,33	134,95	142,27	143,00
Farmacêutica.....	98,86	104,89	102,28	90,60	110,50	116,45	123,78
Perfumaria, sabões e velas.....	147,16	145,92	139,31	125,85	142,86	163,25	176,91
Produtos de matérias plásticas.....	119,75	122,63	118,69	108,00	124,13	141,98	149,83
Têxtil.....	103,83	103,44	104,12	102,99	104,56	109,93	110,65
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	82,77	85,59	87,27	80,11	86,22	88,47	93,11
Produtos alimentares.....	101,87	100,72	101,04	101,15	105,68	109,92	107,32
Bebidas.....	118,54	128,81	123,34	123,78	130,92	140,67	150,49
Fumo.....	116,99	125,68	125,38	120,53	111,71	141,73	150,00

3 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO CATEGORIAS DE USO – 1989

CATEGORIAS DE USO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maió	Março	Abril	Maió
Bens de capital.....	89,48	86,30	98,99	77,11	83,25	94,89
Bens intermediários.....	120,71	119,53	130,87	93,01	99,10	105,74
Bens de consumo.....	109,32	105,12	118,28	93,11	100,67	107,57
Duráveis.....	131,45	113,45	129,82	92,44	91,80	101,44
Não-duráveis.....	104,69	103,38	115,86	93,28	102,95	109,12

CATEGORIAS DE USO	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
Bens de capital.....	87,82	86,66	88,33	95,64	94,69	94,66
Bens intermediários.....	93,92	95,21	97,35	97,36	97,71	98,51
Bens de consumo.....	94,33	95,88	98,28	97,08	98,01	99,20
Duráveis.....	99,88	97,79	98,56	102,72	103,03	103,56
Não-duráveis.....	93,03	95,42	98,21	95,78	96,85	98,19

4 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS - 1989

(continua)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
Extração de minerais metálicos	131,31	119,42	143,35	96,26	94,87	112,33
Extração de petróleo e gás natural.....	256,22	257,75	265,72	93,56	99,07	109,14
Extração de carvão mineral.....	78,69	77,41	89,64	70,12	73,41	83,01
Cimento.....	86,55	86,55	95,84	93,09	98,10	114,26
Vidro e artefatos de vidro.....	91,96	116,04	128,70	80,39	104,36	108,48
Artefatos de cimento e concreto.....	82,80	92,93	109,93	69,56	92,58	107,93
Tijolos e artefatos de barro.....	122,78	119,06	126,73	102,42	103,09	108,07
Gusa.....	192,60	187,35	175,14	103,30	111,98	104,71
Aço, ferroliga - em forma primária.....	178,80	170,25	168,42	97,56	107,85	104,62
Laminados de aço.....	120,93	122,10	127,22	90,96	95,09	102,94
Fundidos e forjados de aço.....	104,65	91,76	104,79	77,20	79,72	88,24
Trefilados.....	92,81	106,52	117,80	80,76	101,10	112,38
Motores e bombas.....	107,98	93,36	125,74	81,50	77,51	109,14
Máquinas agrícolas.....	126,24	103,73	139,73	92,35	123,67	164,95
Tratores e máquinas rodoviárias.....	61,98	72,39	97,47	55,49	69,10	85,73
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar.....	149,78	143,69	164,43	94,41	99,20	122,39
Equipamentos para energia elétrica.....	121,23	109,85	132,83	93,36	81,17	111,70
Condutores elétricos.....	92,77	87,39	102,79	79,98	80,28	89,79
Material elétrico - exclusive para veículos.....	116,64	120,81	131,29	81,50	95,85	110,83
Material elétrico para veículos.....	132,15	123,43	128,14	98,05	97,77	96,43
Motores e aparelhos elétricos.....	117,23	107,36	119,97	85,49	84,31	95,50
Receptores de televisão, rádio e som.....	160,65	127,60	143,87	103,29	95,67	99,64
Automóveis e camionetas.....	128,91	99,69	114,63	87,06	79,47	86,14
Caminhões e ônibus.....	65,16	75,28	93,85	49,63	67,55	84,28
Motores e autopeças.....	131,26	96,73	123,69	88,72	75,45	90,67
Indústria naval.....	63,32	55,68	30,61	101,13	104,82	62,29
Celulose e pasta mecânica.....	151,00	142,21	142,22	107,15	101,56	107,23
Papel e papelão.....	163,09	162,18	175,27	98,26	100,77	106,35
Artefatos de papel e papelão.....	129,22	131,22	139,58	105,17	113,48	116,51
Pneumáticos.....	123,02	119,14	133,00	91,75	88,37	100,18
Refino de petróleo.....	118,17	109,61	114,86	99,42	101,16	102,96
Petroquímica.....	163,70	154,17	164,72	103,79	101,36	103,15
Resinas, fibras e elastômeros.....	145,87	146,34	154,19	98,94	100,54	101,11
Pigmentos e tintas.....	132,44	136,12	159,79	101,49	120,11	133,14
Adubos e fertilizantes.....	89,52	103,63	125,42	78,30	100,42	102,31
Laminados plásticos.....	143,50	149,26	162,09	108,44	118,75	124,44
Fiação e tecelagem têxteis naturais.....	107,45	106,15	113,32	96,25	103,91	107,29
Fiação e tecelagem têxteis artificiais.....	108,50	103,03	114,26	93,07	96,32	102,62
Calçados.....	106,56	101,30	112,10	98,48	103,88	108,70
Moagem de trigo.....	113,93	112,14	131,53	94,56	104,64	124,17
Abate e preparo de carne.....	93,06	85,86	90,75	87,23	80,43	75,25
Abate e preparo de aves.....	141,49	133,84	146,04	103,26	105,67	104,33
Laticínios.....	123,56	115,70	108,90	97,55	104,84	100,68
Usinas de açúcar.....	21,96	1,52	0,00	795,05	466,97	100,00
Refino de açúcar.....	86,93	76,08	84,35	72,17	90,03	87,73
Refino de óleos e gorduras para alimentos.....	100,60	127,14	127,52	91,83	110,71	113,37
Preparo de alimentos para animais.....	101,28	93,32	105,06	102,85	100,45	108,22
Cerveja, chope e malte.....	146,41	138,67	150,13	104,54	109,70	123,43
Refrigerantes.....	157,88	155,89	158,25	113,83	124,27	150,33

4 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS – 1989

(conclusão)

SETORES DA MATRIZ DE RELAÇÕES INTERSETORIAIS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até meio
Extração de minerais metálicos	103,35	101,22	103,47	106,37	104,95	105,35
Extração de petróleo e gás natural	95,33	96,25	98,68	96,19	95,90	97,18
Extração de carvão mineral	71,45	71,93	74,17	94,70	91,38	88,91
Cimento	91,93	93,49	97,52	99,30	98,64	100,27
Vidro e artefatos de vidro	83,53	88,62	92,73	83,98	85,50	87,32
Artefatos de cimento e concreto	75,10	79,25	84,83	84,58	85,00	86,34
Tijolos e artefatos de barro	97,18	98,68	100,60	101,94	101,83	102,00
Gusa	105,21	106,82	106,41	108,68	108,53	108,19
Aço, ferroliga, — em forma primária	97,75	100,04	100,91	107,30	106,73	106,30
Laminados de aço	93,86	94,17	95,87	99,47	98,32	98,59
Fundidos e forjados de aço	87,73	85,78	86,27	103,03	101,74	100,56
Trefilados	83,61	87,94	92,77	84,73	86,95	89,70
Motores e bombas	79,61	79,06	85,07	82,88	83,18	86,00
Máquinas agrícolas	95,39	100,75	111,06	78,93	82,79	88,03
Tretores e máquinas rodoviárias	56,77	59,79	65,24	82,32	80,82	79,77
Equipamentos para escritórios e uso domiciliar	91,86	93,84	99,54	96,00	96,05	98,71
Equipamentos para energia elétrica	94,79	90,91	95,07	97,19	96,38	98,99
Condutores elétricos	83,71	82,84	84,30	95,77	94,57	92,56
Material elétrico — exclusive para veículos	85,25	87,91	92,28	88,23	89,39	91,95
Material elétrico para veículos	96,23	96,63	96,58	96,48	96,59	96,36
Motores e aparelhos elétricos	85,54	85,23	87,27	96,41	96,20	97,02
Receptores de televisão, rádio e som	110,58	106,44	104,87	100,71	101,94	102,75
Automóveis e camionetas	99,09	94,37	92,69	111,35	109,42	107,57
Caminhões e ônibus	76,49	74,30	76,26	96,39	93,60	92,34
Motores e autopeças	96,31	91,27	91,15	103,46	101,83	100,82
Indústria naval	109,93	108,63	99,77	116,18	115,74	112,98
Celulose e pasta mecânica	101,27	101,34	102,47	102,74	102,48	102,41
Papel e papelão	97,33	98,19	99,85	100,08	100,67	101,41
Artefatos de papel e papelão	103,52	106,02	108,19	99,12	101,80	104,67
Pneumáticos	94,89	93,16	94,61	102,10	100,27	99,82
Refino de petróleo	97,89	98,66	99,50	99,12	99,61	100,01
Petroquímica	101,76	101,66	101,97	102,06	101,99	101,60
Resinas, fibras e elastômeros	96,70	97,65	98,36	100,04	100,84	101,30
Pigmentos e tintas	90,53	97,63	104,83	98,01	100,38	103,91
Adubos e fertilizantes	73,48	80,96	86,25	85,46	85,51	86,07
Laminados plásticos	107,13	110,10	113,10	105,60	108,32	110,96
Fiação e tecelagem têxteis naturais	94,14	96,49	98,65	92,40	93,63	95,23
Fiação e tecelagem têxteis artificiais	94,12	94,67	96,31	97,60	98,31	99,13
Calçados	99,97	100,96	102,59	101,05	101,91	102,82
Moagem de trigo	91,92	95,05	100,74	97,99	98,34	101,35
Abate e preparo de carne	87,87	85,94	83,51	101,41	98,17	93,91
Abate e preparo de aves	100,39	101,67	102,23	101,06	101,74	101,66
Laticínios	97,82	99,41	99,64	95,34	95,51	95,60
Usinas de açúcar	123,53	124,55	124,55	99,36	101,43	101,43
Refino de açúcar	77,62	80,22	81,66	81,58	81,58	80,55
Refino de óleos e gorduras para alimentos	92,03	97,22	100,67	101,91	101,97	103,12
Preparo de alimentos para animais	98,83	99,23	101,07	93,04	94,10	95,56
Cerveja, chope e malte	101,93	103,74	107,34	105,72	106,08	107,70
Refrigerantes	99,38	104,81	111,85	95,48	98,33	102,89

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	93,23	90,08	99,83	88,03	97,52	109,96
Indústrias de transformação.....	93,23	90,08	99,83	88,03	97,52	109,96
Minerais não-metálicos.....	78,99	83,93	86,37	71,77	89,30	97,30
Metalúrgica.....	112,27	125,97	133,73	94,57	104,32	122,31
Material elétrico e de comunicações.....	104,03	135,01	160,63	74,82	137,36	248,33
Papel e papelão.....	96,34	112,54	121,93	88,02	110,58	116,39
Química.....	136,79	132,25	151,99	85,82	96,59	109,12
Perfumaria, sabões e velas.....	126,74	90,37	103,93	112,41	122,89	105,44
Produtos de matérias plásticas.....	77,14	85,46	97,77	69,67	85,02	99,27
Têxtil.....	75,89	77,40	84,42	82,61	95,96	95,53
Produtos alimentares.....	75,72	49,84	55,46	110,75	79,88	84,54
Bebidas.....	101,84	89,44	88,55	115,05	125,86	126,33
Fumo.....	102,63	116,49	135,41	70,93	100,05	123,07

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio

PERNAMBUCO						
Indústria geral.....	92,25	93,35	96,18	90,07	91,93	94,04
Indústrias de transformação.....	92,25	93,35	96,18	90,07	91,93	94,04
Minerais não-metálicos.....	75,14	78,43	81,83	85,85	84,99	85,51
Metalúrgica.....	98,77	100,22	104,44	98,55	101,56	104,90
Material elétrico e de comunicações.....	86,73	97,27	115,47	78,99	85,77	88,54
Papel e papelão.....	79,37	86,69	92,47	86,02	89,27	92,37
Química.....	102,83	101,61	102,86	94,51	97,06	98,66
Perfumaria, sabões e velas.....	89,09	95,18	97,18	79,64	84,33	86,85
Produtos de matérias plásticas.....	70,08	73,74	78,68	96,05	94,83	94,81
Têxtil.....	92,92	93,65	94,04	94,64	95,84	96,48
Produtos alimentares.....	96,57	93,76	92,37	85,19	85,87	86,28
Bebidas.....	96,04	101,46	105,24	96,66	100,03	103,50
Fumo.....	75,52	81,03	88,38	91,35	92,46	94,76

**5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1989**

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
BAHIA						
Indústria geral.....	120,87	114,25	112,50	97,63	100,79	92,24
Extrativa mineral.....	109,11	104,81	109,46	93,71	94,22	95,76
Indústrias de transformação.....	122,86	115,85	113,02	98,25	101,87	91,69
Minerais não-metálicos.....	63,20	76,10	79,82	70,78	93,83	104,23
Metalúrgica.....	98,20	115,37	121,51	75,06	108,26	109,06
Material elétrico e de comunicações.....	114,95	138,15	131,68	64,69	83,84	71,95
Borracha.....	184,73	141,28	207,58	112,72	93,10	106,13
Química.....	135,28	127,27	120,12	104,71	103,43	89,61
Perfumaria, sabões e velas.....	119,55	126,09	146,62	72,46	117,91	125,49
Produtos alimentares.....	91,55	59,13	68,22	93,99	87,76	90,48
Bebidas.....	163,93	149,66	136,88	107,95	123,09	105,25

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
BAHIA						
Indústria geral.....	98,72	99,21	97,79	96,59	96,66	95,54
Extrativa mineral.....	95,79	95,39	95,47	99,04	98,50	97,76
Indústrias de transformação.....	99,16	99,80	98,15	96,22	96,38	95,20
Minerais não-metálicos.....	74,13	78,95	83,69	91,25	92,85	95,17
Metalúrgica.....	78,78	85,92	90,60	89,35	87,83	88,38
Material elétrico e de comunicações.....	74,59	76,83	75,60	83,56	82,04	77,53
Borracha.....	112,35	107,67	107,30	120,71	119,97	117,58
Química.....	104,31	104,09	101,06	97,27	97,63	96,19
Perfumaria, sabões e velas.....	64,32	74,46	83,20	83,47	86,05	88,73
Produtos alimentares.....	97,73	96,02	95,12	98,21	97,84	96,53
Bebidas.....	97,96	103,01	103,41	99,41	100,77	101,31

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maior	Março	Abril	Maior
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	110,92	99,93	103,68	100,57	99,80	100,13
Extrativa mineral.....	148,52	142,40	148,97	100,76	98,30	99,95
Indústrias de transformação.....	105,72	94,06	97,41	100,53	100,12	100,17
Minerais não-metálicos.....	83,62	83,29	90,00	83,26	91,83	103,10
Metalúrgica.....	128,10	134,55	150,48	92,68	107,26	120,52
Material elétrico e de comunicações.....	93,34	114,61	137,62	60,97	101,32	139,62
Papel e Papelão.....	107,13	108,33	115,21	93,49	101,14	99,74
Borracha.....	132,51	111,46	148,19	100,51	93,82	105,15
Química.....	126,60	109,03	102,45	110,52	102,50	88,46
Perfumaria, sabões e velas.....	115,80	99,04	118,55	81,20	104,66	106,01
Produtos de matérias plásticas.....	79,63	94,71	112,33	70,23	89,15	113,03
Têxtil.....	92,18	87,85	92,12	103,23	105,89	105,34
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	114,24	110,81	120,44	91,78	96,12	108,63
Produtos alimentares.....	84,42	53,33	57,68	115,57	89,82	93,15
Bebidas.....	118,13	106,54	102,44	112,83	125,24	118,90
Fumo.....	94,39	106,03	125,30	70,06	99,01	123,43

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
REGIÃO NORDESTE						
Indústria geral.....	100,04	99,99	100,01	95,36	96,23	96,43
Extrativa mineral.....	104,14	102,69	102,13	101,94	101,56	101,11
Indústrias de transformação.....	99,31	99,48	99,61	94,23	95,30	95,61
Minerais não-metálicos.....	86,07	87,46	90,41	94,85	93,98	94,66
Metalúrgica.....	95,05	98,07	102,50	93,05	94,06	96,54
Material elétrico e de comunicações.....	75,55	81,02	90,18	75,70	78,08	82,51
Papel e papelão.....	87,33	90,60	92,45	90,66	92,33	93,43
Borracha.....	102,38	100,30	101,38	106,24	106,27	105,52
Química.....	105,17	104,59	101,49	94,75	96,12	94,83
Perfumaria, sabões e velas.....	71,04	77,38	82,60	81,83	83,86	85,23
Produtos de matérias plásticas.....	74,85	78,43	85,00	92,35	91,88	93,78
Têxtil.....	114,96	112,72	111,20	111,95	112,94	113,61
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	94,35	94,81	97,59	93,99	94,50	95,98
Produtos alimentares.....	100,90	99,14	98,29	87,67	88,76	88,98
Bebidas.....	97,88	103,13	105,69	98,05	100,66	103,16
Fumo.....	72,65	78,47	86,25	87,97	89,35	92,03

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS
DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
MINAS GERAIS						
Indústria geral.....	124,93	119,91	127,86	97,28	101,82	101,34
Extrativa mineral.....	116,42	107,33	131,83	93,39	94,38	111,78
Indústrias de transformação.....	125,64	120,96	127,53	97,59	102,42	100,53
Minerais não-metálicos.....	102,98	96,42	103,39	92,67	95,27	104,05
Metalúrgica.....	130,89	134,21	136,46	91,13	100,57	98,07
Material elétrico e de comunicações.....	103,28	120,06	153,73	65,64	69,27	121,70
Material de transporte.....	181,15	140,56	128,45	105,98	96,33	80,56
Papel e papelão.....	176,93	171,26	180,40	113,37	100,20	101,31
Química.....	158,99	138,48	164,70	120,63	128,72	106,73
Produtos de matérias plásticas.....	103,53	104,21	123,44	88,04	85,08	112,93
Têxtil.....	116,82	121,86	130,93	104,70	111,20	113,88
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	85,52	83,48	96,62	106,68	111,45	112,19
Produtos alimentares.....	83,03	80,31	81,38	97,01	102,92	89,02
Bebidas.....	134,43	145,93	153,25	96,66	115,86	119,50
Fumo.....	159,01	161,84	171,07	87,04	116,07	128,80

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio

MINAS GERAIS

Indústria geral.....	96,05	97,46	98,26	101,00	100,94	100,50
Extrativa mineral.....	100,32	98,83	101,50	106,20	104,66	105,10
Indústrias de transformação.....	95,72	97,35	98,01	100,62	100,67	100,16
Minerais não-metálicos.....	92,48	93,18	95,32	96,16	95,88	96,83
Metalúrgica.....	92,51	94,46	95,19	106,23	105,15	103,65
Material elétrico e de comunicações.....	78,62	75,74	84,17	103,82	97,96	99,95
Material de transporte.....	105,98	103,58	98,66	97,71	97,84	96,13
Papel e papelão.....	98,16	98,69	99,25	102,83	102,18	99,46
Química.....	105,93	110,87	109,89	100,22	103,09	102,79
Produtos de matérias plásticas.....	71,90	75,22	82,15	73,19	74,73	78,06
Têxtil.....	100,33	103,01	105,25	97,32	98,75	100,40
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	101,89	104,35	106,14	96,50	99,11	100,58
Produtos alimentares.....	95,90	97,58	95,70	98,08	97,87	96,25
Bebidas.....	91,87	97,17	101,27	94,55	95,90	97,54
Fumo.....	83,14	90,11	96,60	89,97	92,42	95,50

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	110,50	110,99	115,70	92,98	101,42	106,87
Extrativa mineral.....	504,48	521,07	529,38	87,73	98,48	116,12
Indústrias de transformação.....	102,76	102,94	107,59	93,52	101,72	106,05
Minerais não-metálicos.....	87,97	93,27	102,76	91,29	95,04	116,20
Metalúrgica.....	132,04	125,73	134,23	87,69	88,00	94,57
Material elétrico e de comunicações.....	155,21	155,05	155,84	120,13	114,80	121,13
Material de transporte.....	58,27	51,60	28,49	100,01	106,97	64,16
Papel e papelão.....	74,89	74,33	84,16	79,65	91,09	104,80
Química.....	113,32	116,44	127,74	93,82	104,47	107,57
Farmacêutica.....	89,58	92,59	108,80	78,16	87,16	95,55
Perfumaria, sabões e velas.....	123,71	130,25	147,71	92,84	110,27	121,04
Produtos de matérias plásticas.....	164,15	179,49	184,25	110,19	129,18	137,31
Têxtil.....	71,78	69,79	80,66	83,92	89,97	102,68
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	65,18	66,75	74,65	87,52	103,64	111,56
Produtos alimentares.....	92,08	93,61	97,03	93,31	115,79	111,83
Bebidas.....	142,25	143,19	147,98	114,62	125,77	155,99
Fumo.....	102,14	116,94	128,36	74,42	114,53	129,50

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
RIO DE JANEIRO						
Indústria geral.....	95,03	96,61	98,63	99,19	99,43	100,28
Extrativa mineral.....	87,40	90,05	94,50	90,39	90,17	92,61
Indústrias de transformação.....	95,86	97,31	99,06	100,08	100,37	101,05
Minerais não-metálicos.....	93,83	94,17	98,57	96,33	95,78	97,82
Metalúrgica.....	91,75	90,81	91,56	97,33	95,37	94,60
Material elétrico e de comunicações.....	126,73	123,55	123,06	148,60	145,40	143,12
Material de transporte.....	114,56	112,62	103,38	127,77	125,71	120,68
Papel e papelão.....	91,38	91,31	93,96	89,26	90,28	92,63
Química.....	90,10	93,55	96,40	97,92	98,55	98,93
Farmacêutica.....	83,14	84,16	86,58	86,49	86,83	86,90
Perfumaria, sabões e velas.....	95,79	99,36	103,76	96,30	98,19	101,62
Produtos de matérias plásticas.....	112,19	116,75	120,98	105,11	109,33	114,01
Têxtil.....	75,39	78,90	83,55	76,13	77,82	80,36
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	92,72	95,49	98,84	94,19	95,96	97,58
Produtos alimentares.....	93,76	98,57	101,09	94,50	96,74	98,81
Bebidas.....	108,65	112,63	119,67	106,72	109,00	113,55
Fumo.....	85,54	92,00	98,67	87,62	90,61	94,67

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL ¹			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
SÃO PAULO						
Indústria geral.....	100,75	97,11	112,78	88,02	94,46	104,00
Indústrias de transformação.....	100,75	97,11	112,78	88,02	94,46	104,00
Minerais não-metálicos.....	95,16	106,04	115,35	86,52	100,60	106,54
Metalúrgica.....	106,55	97,72	116,31	88,40	92,19	105,78
Mecânica.....	83,40	83,93	98,62	77,65	87,18	104,66
Material elétrico e de comunicações.....	98,23	87,65	103,97	86,64	87,78	95,14
Material de transporte.....	102,81	86,20	110,86	72,66	71,64	88,72
Papel e papelão.....	151,38	151,33	162,66	103,81	106,89	112,42
Borracha.....	127,89	127,12	145,12	87,69	88,70	100,76
Química.....	103,30	99,56	124,25	94,64	99,15	105,48
Farmacêutica.....	115,79	122,19	140,56	80,18	107,10	112,00
Perfumaria, sabões e velas.....	143,37	171,83	178,01	85,23	104,97	124,30
Produtos de matérias plásticas.....	128,12	138,09	147,99	104,73	124,20	129,53
Têxtil.....	105,37	102,31	110,88	92,87	101,23	103,30
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	76,09	75,56	82,00	91,98	100,45	108,86
Produtos alimentares.....	78,64	75,29	76,15	104,16	109,73	102,20
Bebidas.....	131,13	123,34	140,69	113,60	115,93	140,20
Fumo.....	62,27	64,66	74,32	86,77	109,45	125,36

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio

SÃO PAULO

Indústria geral.....	91,02	91,87	94,38	96,09	96,53	97,56
Indústrias de transformação.....	91,02	91,87	94,38	96,09	96,53	97,56
Minerais não-metálicos.....	86,25	89,85	93,27	94,82	94,92	95,61
Metalúrgica.....	95,25	94,51	96,77	96,62	97,40	98,95
Mecânica.....	78,65	80,80	85,51	85,20	85,08	86,58
Material elétrico e de comunicações.....	89,21	88,85	90,22	93,49	94,02	94,28
Material de transporte.....	90,10	85,64	86,26	105,54	103,24	101,99
Papel e papelão.....	102,05	103,28	105,15	102,01	103,39	105,13
Borracha.....	90,48	90,01	92,26	100,46	98,75	98,43
Química.....	94,54	95,69	97,90	96,92	97,43	98,77
Farmacêutica.....	80,02	86,34	91,58	82,30	85,00	87,19
Perfumaria, sabões e velas.....	83,21	88,84	95,37	87,56	88,41	91,63
Produtos de matérias plásticas.....	99,84	105,79	110,55	99,21	102,74	106,70
Têxtil.....	92,95	94,97	96,69	94,71	95,83	96,75
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	97,68	98,42	100,61	98,52	99,92	101,77
Produtos alimentares.....	93,74	97,47	98,42	101,34	102,67	102,75
Bebidas.....	103,05	106,07	112,25	103,42	104,94	108,40
Fumo.....	91,66	95,74	101,28	101,18	103,21	105,50

5 — ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA — 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
PARANÁ						
Indústria geral.....	117,22	136,86	140,81	88,30	107,72	112,43
Indústrias de transformação.....	117,22	136,86	140,81	88,30	107,72	112,43
Minerais não-metálicos.....	87,12	92,00	102,91	84,96	98,31	111,91
Mecânica.....	155,25	160,80	174,10	112,57	122,22	111,62
Papel e papelão.....	160,97	167,51	170,02	106,60	113,02	110,80
Química.....	101,78	115,20	113,92	95,22	113,50	116,55
Perfumaria, sabões e velas.....	150,64	149,20	176,99	93,40	145,37	109,28
Produtos de matérias plásticas.....	94,91	101,80	112,66	97,05	98,44	107,08
Têxtil.....	160,16	341,71	352,93	48,70	105,30	123,54
Produtos alimentares.....	113,19	113,78	116,89	94,88	97,31	98,56
Bebidas.....	145,89	145,99	151,37	99,58	111,91	133,05
Fumo.....	219,84	340,59	356,40	57,56	126,65	145,95

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
PARANÁ						
Indústria geral.....	93,31	97,43	100,72	102,61	102,82	103,38
Indústrias de transformação.....	93,31	97,43	100,72	102,61	102,82	103,38
Minerais não-metálicos.....	85,80	88,84	93,29	93,41	93,48	94,42
Mecânica.....	103,10	107,90	108,75	96,16	98,38	98,11
Papel e papelão.....	102,73	105,32	106,45	99,34	100,95	101,75
Química.....	97,17	102,06	105,31	108,91	109,61	111,26
Perfumaria, sabões e velas.....	79,96	92,71	96,61	110,29	113,13	109,50
Produtos de matérias plásticas.....	110,26	107,01	107,02	111,90	112,57	113,07
Têxtil.....	52,78	72,95	85,73	88,56	88,43	89,96
Produtos alimentares.....	103,09	101,50	100,86	107,47	105,33	103,89
Bebidas.....	92,05	96,65	102,76	98,99	101,15	103,71
Fumo.....	74,22	85,99	96,15	87,26	91,30	98,61

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Máio	Março	Abril	Maio
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	116,92	123,76	134,70	86,56	99,90	110,55
Extrativa mineral.....	49,00	48,07	94,76	51,46	49,45	90,87
Indústrias de transformação.....	119,47	126,61	136,20	87,48	101,38	111,18
Minerais não-metálicos.....	144,85	140,20	148,93	104,15	102,33	107,24
Metalúrgica.....	122,93	137,24	160,30	78,19	94,36	96,84
Mecânica.....	161,72	175,12	197,44	109,87	110,83	160,73
Material elétrico e de comunicações.....	274,16	210,38	240,28	80,84	76,21	111,66
Papel e papelão.....	135,60	133,84	145,92	95,96	99,59	105,68
Química.....	101,42	138,56	126,47	90,14	95,34	83,88
Produtos de matérias plásticas.....	88,37	113,89	126,95	75,95	104,56	118,84
Têxtil.....	85,68	92,01	98,25	81,23	104,04	101,46
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	60,88	72,76	83,01	69,79	92,85	106,53
Produtos alimentares.....	118,63	107,47	117,92	78,20	99,90	101,43
Bebidas.....	101,07	251,87	97,11	109,25	103,22	151,36
Fumo.....	310,76	356,36	348,83	109,89	135,76	152,90

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
SANTA CATARINA						
Indústria geral.....	87,08	90,26	94,23	91,88	92,52	93,90
Extrativa mineral.....	75,74	69,41	73,81	101,45	96,76	95,76
Indústrias de transformação.....	87,43	90,89	94,86	91,59	92,39	93,85
Minerais não-metálicos.....	95,60	97,28	99,30	94,38	94,26	94,50
Metalúrgica.....	85,45	87,80	89,88	92,04	92,34	91,85
Mecânica.....	104,44	106,20	115,82	91,93	93,75	100,19
Material elétrico e de comunicações.....	72,24	73,18	79,16	88,24	86,87	89,45
Papel e papelão.....	94,86	96,02	97,97	94,85	95,64	96,95
Química.....	69,75	77,44	78,97	102,96	102,13	100,24
Produtos de matérias plásticas.....	66,16	75,23	83,43	85,70	87,48	90,57
Têxtil.....	85,77	89,90	92,20	92,66	94,03	94,62
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	83,76	85,87	89,74	94,01	93,70	94,32
Produtos alimentares.....	83,51	87,03	89,74	81,74	82,75	82,74
Bebidas.....	99,97	101,42	106,67	104,45	99,08	102,89
Fumo.....	126,90	129,58	134,44	129,82	139,80	148,18

5 - ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA - 1989

(continua)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	122,18	129,43	141,48	91,83	101,61	109,50
Extrativa mineral.....	109,76	107,41	132,44	77,16	79,36	94,87
Indústrias de transformação.....	122,25	129,57	141,53	91,93	101,75	109,60
Minerais não-metálicos.....	97,23	102,88	122,75	117,03	120,28	134,23
Metalúrgica.....	119,37	119,76	141,16	93,64	97,19	106,74
Mecânica.....	206,90	185,28	171,87	102,79	125,38	119,04
Material elétrico e de comunicações.....	127,32	116,59	145,27	92,02	97,69	133,66
Material de transporte.....	73,39	115,97	130,51	62,31	112,87	120,50
Papel e papelão.....	149,56	140,44	118,48	101,65	103,16	103,48
Borracha.....	104,21	104,72	123,93	100,35	95,05	110,98
Química.....	72,20	116,24	145,23	95,54	95,51	117,88
Perfumaria, sabões e velas.....	123,15	129,42	131,78	81,46	95,47	88,55
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	98,07	92,82	102,84	93,31	102,08	103,92
Produtos alimentares.....	106,78	97,95	101,56	89,89	87,20	85,96
Bebidas.....	115,46	139,91	180,34	79,93	90,41	125,16
Fumo.....	353,43	408,10	410,89	80,49	104,04	109,64

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
RIO GRANDE DO SUL						
Indústria geral.....	92,24	94,76	97,93	96,31	96,90	97,91
Extrativa mineral.....	69,96	72,31	76,94	94,37	91,00	88,51
Indústrias de transformação.....	92,40	94,92	98,07	96,33	96,94	97,97
Minerais não-metálicos.....	105,18	109,15	114,64	100,24	102,20	105,15
Metalúrgica.....	87,35	89,82	93,40	91,06	91,84	93,03
Mecânica.....	101,37	106,60	108,79	97,42	101,61	102,91
Material elétrico e de comunicações.....	89,23	91,34	99,20	86,17	86,68	90,53
Material de transporte.....	64,44	75,87	84,76	95,32	98,22	100,78
Papel e papelão.....	94,96	97,04	98,18	100,33	100,93	101,62
Borracha.....	111,59	106,86	107,78	114,51	113,13	113,22
Química.....	86,64	89,96	97,63	89,20	88,34	91,24
Perfumaria, sabões e velas.....	75,37	80,78	82,55	88,31	88,02	86,31
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,78	98,09	99,33	98,44	99,18	99,35
Produtos alimentares.....	95,88	93,65	92,01	100,80	98,78	97,66
Bebidas.....	91,55	91,21	98,59	108,78	107,36	107,00
Fumo.....	85,57	91,70	96,03	100,10	99,97	98,99

5 – ÍNDICES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL, SEGUNDO CLASSES E GÊNEROS DE INDÚSTRIA – 1989

(conclusão)

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL		
	Março	Abril	Maio	Março	Abril	Maio
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	119,99	124,73	136,03	90,97	101,30	110,57
Extrativa mineral.....	84,62	83,66	94,27	72,05	74,75	82,91
Indústrias de transformação.....	120,51	125,34	136,64	91,22	101,66	110,95
Minerais não-metálicos.....	108,89	110,57	123,67	93,15	98,98	111,81
Metalúrgica.....	126,91	132,94	152,32	86,05	95,61	106,40
Mecânica.....	167,07	161,38	173,36	103,65	116,95	131,08
Material elétrico e de comunicações.....	167,00	143,47	166,72	90,67	91,55	119,15
Papel e papelão.....	153,11	151,78	153,72	102,59	104,95	105,98
Química.....	81,81	104,99	116,73	91,68	101,47	114,01
Perfumaria, sabões e velas.....	128,46	131,99	137,87	88,21	106,87	100,66
Produtos de matérias plásticas.....	107,06	116,97	135,56	87,41	102,59	115,36
Têxtil.....	118,43	122,73	131,32	85,04	101,95	103,48
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	96,43	95,76	104,76	89,56	101,63	106,53
Produtos alimentares.....	110,15	104,60	110,80	90,11	94,86	95,89
Bebidas.....	119,71	144,46	174,03	82,79	97,40	127,90
Fumo.....	310,16	363,27	364,98	82,40	110,31	123,51

CLASSES E GÊNEROS	ACUMULADO			ACUMULADO DE DOZE MESES		
	Janeiro/ março	Janeiro/ abril	Janeiro/ maio	Até março	Até abril	Até maio
REGIÃO SUL						
Indústria geral.....	92,79	95,02	98,24	96,32	96,72	97,94
Extrativa mineral.....	73,63	73,91	75,73	96,30	92,83	90,17
Indústrias de transformação.....	93,07	95,32	98,56	96,32	96,77	98,04
Minerais não-metálicos.....	91,65	93,46	97,06	93,98	93,84	94,69
Metalúrgica.....	87,13	89,32	92,90	91,16	91,36	92,38
Mecânica.....	104,38	107,43	111,89	96,33	99,15	102,26
Material elétrico e de comunicações.....	86,01	87,30	92,78	94,99	95,28	97,97
Papel e papelão.....	99,48	100,86	101,89	99,39	100,24	100,95
Química.....	87,72	92,22	97,55	96,23	95,71	97,78
Perfumaria, sabões e velas.....	79,83	86,64	89,70	94,03	94,67	93,92
Produtos de matérias plásticas.....	85,38	89,64	94,88	96,08	97,59	99,81
Têxtil.....	90,21	93,00	95,09	93,93	94,90	95,73
Vestuário, calçados e artefatos de tecido.....	95,09	96,70	98,71	98,34	98,93	99,62
Produtos alimentares.....	95,85	95,60	95,66	97,85	96,94	96,36
Bebidas.....	92,05	93,59	100,76	106,52	106,69	107,38
Fumo.....	88,27	95,16	101,38	99,34	101,35	104,68

SISTEMA NACIONAL DE PESQUISA DE CUSTOS E ÍNDICES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

RESULTADOS PARA O BRASIL E PARA AS REGIÕES

O SINAPI — Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil — apresentou, no mês de maio de 1989, o custo de NCz\$ 259,64 por metro quadrado, para o Brasil, o que significou uma variação mensal de 15,32%. A variação acumulada no ano foi igual a 95,75%, atingindo nos últimos doze meses a 850,69%.

A Região Norte apresentou o maior custo (NCz\$ 290,26), em maio, e a Região Nordeste, o menor custo (NCz\$ 240,37). A variação mensal mais elevada foi registrada na Região Centro-Oeste, com uma taxa de 18,90% e a mais baixa na Região Sul com 11,95%. Na Região Centro-Oeste, foram observadas as mais altas variações no ano e nos últimos doze meses (105,96% e 895,72%). As menores variações, nos mesmos períodos, ocorreram na Região Norte (85,74% e 805,95%).

PARTICIPAÇÃO DOS INSUMOS NO CUSTO Maio de 1989

GRANDES REGIÕES	MATERIAIS		MÃO-DE-OBRA	
	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)	Em NCz\$/m ²	Variação mensal (%)
Norte	234,26	12,27	56,00	20,61
Nordeste.....	194,26	12,73	46,11	12,85
Sudeste.....	195,55	14,71	69,29	21,16
Sul.....	191,31	12,89	67,08	9,38
Centro-Oeste	187,64	15,05	59,57	32,97

A participação dos materiais na composição do custo médio, para o Brasil, foi de NCz\$ 195,97, variando no mês 14,08%, e a parcela relativa à mão-de-obra correspondeu a NCz\$ 63,67, com uma variação mensal de 19,32%.

Na Região Centro-Oeste, a parcela correspondente à participação dos materiais de construção acusou a variação mensal mais acentuada (15,05%), cabendo a menor taxa à Região Norte (12,27%). Em relação à parcela de mão-de-obra, a maior variação foi registrada também na Região Centro-Oeste (32,97%), e a menor variação na Região Sul (9,38%).

RESULTADOS PARA AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Destacamos, primeiramente, os custos mais altos em maio, por Região: Roraima (NCz\$ 389,35); Sergipe (NCz\$ 271,70); São Paulo (NCz\$ 285,67); Santa Catarina (NCz\$ 265,04) e Mato Grosso do Sul (NCz\$ 269,05). E quanto aos custos mais baixos, foram registrados no Acre (NCz\$ 265,48); em Pernambuco (NCz\$ 211,14); em Minas Gerais (NCz\$ 214,82); no Rio Grande do Sul (NCz\$ 253,07); e em Goiás (NCz\$ 237,62).

Os demais custos médios podem ser vistos na Tabela 2.

Quanto às variações percentuais, mensal, no ano e em doze meses, são destacados os valores máximos e mínimos por região, na Tabela 3.

RESULTADOS DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA O BRASIL E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Para o Brasil, a categoria servente foi a que apresentou o maior aumento em maio (25,00%), elevando o salário-hora para NCz\$ 0,50. A menor variação mensal foi registrada para a categoria bombeiro hidráulico (7,14%), sendo o salário-hora igual a NCz\$ 0,75.

Dentre os municípios, as variações salariais mais acentuadas, segundo as catego-

rias, registraram-se em Macapá e Goiânia devido aos dissídios ocorridos neste mês. Em Macapá, as categorias que apresentaram os maiores aumentos foram: carpinteiro de esquadrias (97,87%); carpinteiro de formas (97,87%); ladrilheiro (126,83%); pedreiro (84,62%); pintor (126,83%); e servente (112,50%). Em Goiânia, destacaram-se: armador, bombeiro hidráulico, electricista e pedreiro, todas estas categorias com 84,62% de aumento. Apenas para a categoria mestre-de-obras foi anotada a mais alta variação salarial fora destes dois municípios, observando-se no Rio de Janeiro 57,89%.

NOTAS EXPLICATIVAS

1 — A manutenção da base teórica do SINAPI é hoje uma competência conjunta do IBGE e CEF — Caixa Econômica Federal.

2 — As séries mensais de salários médios são produzidas a partir dos salários coletados nas empresas construtoras, considerando-se:

a) o salário-hora bruto, ou seja, não é subtraído qualquer desconto de responsabilidade do empregado;

b) o valor contratado com o empregado, ou seja, não é incluído qualquer encargo social de responsabilidade do empregador; e

c) o valor referente à jornada normal de trabalho, ou seja, não são consideradas as horas extras.

3 — O SINAPI considera quatro padrões de acabamento: alto, normal, baixo e mínimo. São apresentados os custos dos projetos residenciais nos padrões normal e mínimo.

Na nomenclatura dos projetos, Rp e Cp significam, respectivamente, projeto residencial e projeto comercial com p pavimentos; nQ indica o nº de quartos da unidade residencial. Para os projetos comerciais, LA significa lojas e salas autônomas; e LC, lojas e andar corrido, P significa que o primeiro pavimento é em pilotis, e T que o primeiro pavimento é térreo. Por último, é indicada a área total da construção do projeto.

O custo médio de cada Área Geográfica é a média ponderada dos custos dos 21 projetos residenciais, considerando-se apenas o padrão normal de acabamento.

4 — As séries mensais de custos e índices de custos referem-se ao custo do metro quadrado de uma construção no canteiro de obras. Não se incluem as despesas com projeto em geral, licenças, seguros, instalações provisórias, depreciações dos equipamentos, compra de terreno, administração, financiamentos, nem com os equipamentos mecânicos (elevadores, compactadores, exaustores e outros) e não estão envolvidos os lucros da construtora e da incorporadora.

5 — Para o cálculo do Orçamento Final por metro quadrado (OF), deverão ser acrescidos ao Custo SINAPI os custos relativos a alguns itens para os quais o SINAPI, dadas suas características, não dispõe de informações. Estes itens são os seguintes:

- Fundações profundas e especiais;
- Equipamentos (elevadores, compactadores, interfone, etc.);
- Complementos (jardins, decorações, etc.); e
- Máquinas e Equipamentos de Obra.

O Orçamento Final por metro quadrado (OF), incluindo todos os custos do empreendimento, será calculado adotando-se a seguinte fórmula:

$$OF = C \text{ SINAPI} + \frac{(OFe - OFd) + OE + OC}{S}$$

onde:

- OF = Orçamento Final por metro quadrado
- C SINAPI = Custo do metro quadrado do projeto, estimado com base nos custos do SINAPI
- OFe = Orçamento das Fundações especiais ou profundas
- OFd = Orçamento das Fundações diretas (já consideradas nos projetos de casas)
- OE = Orçamento de Equipamentos
- OC = Orçamento dos Complementos
- S = Área de Construção do Projeto em Estudo

Ao Orçamento Final por metro quadrado, deverão ser acrescidos os custos financeiros, taxa de administração e lucro da empresa.

1 - EVOLUÇÃO DO CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÃO MENSAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL Brasil

Período de referência: janeiro-88/maio-89

ANOS E MESES DE REFERÊNCIA	CUSTO MÉDIO (Cz\$)	NÚMERO ÍNDICE	VARIAÇÃO MENSAL (%)
1988			
Janeiro	14 194,98	210,63	18,65
Fevereiro	16 418,07	243,62	15,66
Março	19 746,82	293,02	20,27
Abril	22 980,66	341,00	16,37
Maio	27 310,20	405,25	18,84
Junho	33 115,37	491,39	21,25
Julho	39 718,55	589,37	19,93
Agosto	49 324,87	731,91	24,18
Setembro	61 785,03	916,81	25,26
Outubro	78 477,36	1 164,50	27,01
Novembro	102 656,93	1 523,29	30,81
Dezembro	132 634,97	1 968,12	29,20
1989			
Janeiro	187,16	2 777,20	41,10
Fevereiro	194,90	2 892,05	4,13
Março	204,41	3 033,17	4,87
Abril	225,13	3 340,62	10,13
Maio	259,64	3 852,71	15,32

NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Índices de Preços (DESIP), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 13º andar, telefone: 264-3547, CEP 20 941, Mangueira, Rio de Janeiro, RJ, ou à Delegacia do IBGE de sua capital.

2 – CUSTO MÉDIO, NÚMERO ÍNDICE E VARIAÇÕES PERCENTUAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES E AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

Mês de referência: maio-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	CUSTO MÉDIO (NCz\$/m ²)	NÚMERO ÍNDICE (maio-87 = 100)	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
			Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	290,26	3 686,44	13,78	85,74	805,95
Rondônia	281,71	3 465,32	15,21	86,81	804,24
Acre	265,48	3 488,74	16,41	89,81	832,56
Amazonas	283,79	3 578,58	11,52	78,74	753,70
Roraima	389,35	3 643,41	21,00	113,16	768,90
Pará	291,13	3 792,60	13,43	86,68	853,82
Amapá	315,11	4 638,30	24,13	112,31	964,51
NORDESTE	240,37	4 076,10	12,74	95,05	864,66
Maranhão	259,89	4 180,24	16,46	90,48	812,31
Piauí	223,59	3 735,12	11,65	80,59	804,54
Ceará	253,56	4 137,41	12,81	108,06	897,27
Rio Grande do Norte	263,30	4 272,59	9,03	75,97	820,67
Paraíba	264,04	4 248,33	9,38	99,04	898,92
Pernambuco	211,14	3 915,24	13,04	81,12	797,99
Alagoas	253,77	4 648,36	18,75	108,34	917,12
Sergipe	271,70	4 663,23	18,26	108,14	1 000,59
Bahia	230,76	3 897,79	12,11	98,34	878,01
SUDESTE	264,84	3 766,58	16,33	95,75	840,18
Minas Gerais	214,82	3 900,90	13,73	100,62	879,70
Espírito Santo	220,09	4 057,94	19,22	94,78	910,69
Rio de Janeiro	250,30	3 781,30	6,89	79,17	784,08
São Paulo	285,67	3 724,73	20,15	100,90	849,26
SUL	258,39	3 868,83	11,95	93,98	874,17
Paraná	261,16	3 918,71	13,47	96,89	880,26
Santa Catarina	265,04	3 898,65	17,19	103,36	948,63
Rio Grande do Sul	253,07	3 811,61	8,48	87,62	840,92
CENTRO-OESTE	247,21	4 191,51	18,90	105,96	895,72
Mato Grosso do Sul	269,05	3 683,30	15,47	115,31	853,62
Mato Grosso	242,99	3 503,04	18,46	96,86	911,15
Goiás	237,62	4 480,37	22,62	124,58	938,46
Distrito Federal	248,78	4 341,19	18,03	98,60	882,77

3 – QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VARIAÇÕES PERCENTUAIS NAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO, COM VARIAÇÕES MÁXIMAS E MÍNIMAS, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES

Mês de referência maio-89

GRANDES REGIÕES E UNIDADES DA FEDERAÇÃO	VARIAÇÕES PERCENTUAIS		
	Mensal	No ano	Em doze meses
NORTE	13,78	85,74	805,95
Amapá – variação máxima	24,13		964,51
Roraima – variação máxima		113,16	
Amazonas – variação mínima	11,52	78,74	753,70
NORDESTE	12,74	95,05	864,66
Alagoas – variação máxima	18,75	108,34	
Sergipe – variação máxima			1 000,59
Rio Grande do Norte – variação mínima	9,03	75,97	
Pernambuco – variação mínima			797,99
SUDESTE	16,33	95,75	840,18
São Paulo – variação máxima	20,15	100,90	
Espírito Santo – variação máxima			910,69
Rio de Janeiro – variação mínima	6,89	79,17	784,08
SUL	11,95	93,98	874,17
Santa Catarina – variação máxima	17,19	103,36	948,63
Rio Grande do Sul – variação mínima	8,48	87,62	840,92
CENTRO-OESTE	18,90	105,96	895,72
Goiás – variação máxima	22,62	124,58	938,46
Mato Grosso do Sul – variação mínima	15,47		853,62
Mato Grosso – variação mínima		96,86	

4 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: maio-89

(continua)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS			
	R1 – 2Q (48)	R1 – 2Q (40)	R1 – 2Q (62)	R1 – 3Q (104)
Rondônia	342,14	376,26	316,40	249,61
Acre	330,31	364,22	302,41	236,94
Amazonas	377,00	415,12	345,34	270,45
Roraima	452,24	494,65	429,43	335,35
Pará	369,58	404,51	346,54	267,83
Amapá	433,71	475,96	400,12	311,58
Maranhão	336,58	368,57	317,62	249,76
Piauí	300,11	329,06	278,49	221,65
Ceará	354,77	389,37	329,93	258,18
Rio Grande do Norte	339,11	371,63	320,99	249,74
Paraíba	326,57	355,33	311,67	244,16
Pernambuco	317,23	347,84	296,45	234,78
Alagoas	348,32	382,34	326,11	257,26
Sergipe	380,36	416,59	360,65	282,38
Bahia	329,03	358,68	311,65	246,24
Minas Gerais	323,92	355,46	301,96	238,45
Espírito Santo	347,33	382,05	323,64	255,76
Rio de Janeiro	366,58	402,24	339,71	269,12
São Paulo	389,12	426,12	364,56	288,55
Paraná	366,34	399,47	342,92	270,43
Santa Catarina	368,20	402,55	344,36	272,22
Rio Grande do Sul	358,00	393,52	332,25	261,82
Mato Grosso do Sul	323,76	353,70	304,29	239,53
Mato Grosso	310,13	340,68	285,89	224,76
Goiás	315,52	345,88	293,50	232,63
Distrito Federal	345,58	381,09	317,09	249,94

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R1 – 4Q (122)	R1 – 1Q (30)	R2 – 3Q (56)	R2 – 2Q (81)	R5 – 2QT (2 125)	R4 – 2QT (1 433)
Rondônia	233,14	438,50	267,35	240,71	196,68	229,52
Acre	221,20	423,49	259,54	228,37	195,12	226,02
Amazonas	253,42	483,37	295,56	265,88	217,12	251,74
Roraima	316,70	571,77	366,42	326,76	268,15	327,39
Pará	252,55	463,55	295,58	258,96	218,87	261,55
Amapá	293,25	552,22	348,34	306,83	276,49	317,67
Maranhão	235,89	421,65	273,08	241,95	213,22	253,88
Piauí	208,54	377,89	237,86	212,80	186,61	219,14
Ceará	243,22	445,91	284,14	254,20	230,22	263,61
Rio Grande do Norte	236,07	424,37	277,60	246,96	221,70	263,06
Paraíba	232,20	402,92	267,36	236,14	213,48	255,48
Pernambuco	221,51	400,33	254,05	226,79	201,90	235,80
Alagoas	243,78	439,10	280,83	249,27	219,35	256,66
Sergipe	267,39	472,22	308,86	268,87	237,68	283,24
Bahia	234,00	406,58	266,77	235,79	209,28	250,21
Minas Gerais	225,75	404,55	261,71	233,99	200,76	236,83
Espírito Santo	242,06	433,82	280,68	252,97	215,34	252,59
Rio de Janeiro	254,71	454,69	289,33	258,27	223,00	259,42
São Paulo	274,04	481,16	313,50	281,16	242,74	288,33
Paraná	256,35	451,80	294,70	261,99	232,72	277,04
Santa Catarina	258,88	451,66	295,10	261,88	234,62	276,27
Rio Grande do Sul	248,37	444,57	284,40	253,45	226,53	259,30
Mato Grosso do Sul	227,10	400,92	263,06	235,53	211,91	250,08
Mato Grosso	212,08	389,27	248,55	222,92	195,70	226,74
Goiás	220,59	393,76	256,14	228,17	204,06	238,44
Distrito Federal	235,93	437,85	273,89	245,22	200,59	233,31

4 – CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO NORMAL DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1989

Mês de referência: maio-89

(conclusão)

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS				
	R4 – 3QT (2 264)	R4 – 2QP (1 643)	R4 – 3QP (2 520)	R6 – 3QP (7 181)	R8 – 2QP (2 620)
Rondônia	200,05	201,98	180,44	159,28	216,70
Acre	195,75	196,12	175,53	152,91	211,83
Amazonas	219,53	220,21	197,33	177,94	236,41
Roraima	280,72	287,90	252,45	220,45	310,10
Pará	221,09	227,62	197,57	169,43	245,97
Amapá	271,48	276,61	243,15	212,18	299,21
Maranhão	218,77	222,97	196,61	171,56	239,92
Piauí	190,80	190,64	170,66	150,05	205,53
Ceará	227,15	230,36	203,70	179,09	248,34
Rio Grande do Norte	223,43	229,89	200,09	173,56	248,69
Paraíba	219,74	223,20	196,81	175,17	240,57
Pernambuco	204,00	206,86	183,15	162,01	222,51
Alagoas	222,38	224,68	199,22	177,74	242,01
Sergipe	238,90	248,53	214,01	180,10	268,04
Bahia	216,45	218,87	194,21	172,67	235,31
Minas Gerais	204,45	206,73	183,31	162,43	222,72
Espírito Santo	219,05	221,47	196,83	172,61	239,18
Rio de Janeiro	226,17	225,96	202,82	180,42	242,93
São Paulo	251,37	252,83	226,42	200,89	271,62
Paraná	239,47	241,41	214,66	187,54	260,67
Santa Catarina	240,40	241,25	216,23	189,76	259,51
Rio Grande do Sul	225,57	224,32	201,32	179,73	242,26
Mato Grosso do Sul	216,78	218,42	194,78	171,10	235,70
Mato Grosso	197,49	197,66	177,50	157,30	213,51
Goiás	207,52	208,08	186,44	163,82	224,72
Distrito Federal	203,19	203,34	182,23	162,04	219,58

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS					
	R8 – 3QP (4 266)	R8 – 3QP (3 176)	R12 – 2QP (3 597)	R12 – 3QP (6 013)	R12 – 4QP (4 050)	R18 – 4QP (5 870)
Rondônia	185,42	178,77	226,34	188,80	173,46	172,82
Acre	180,45	173,25	221,31	183,58	168,67	168,36
Amazonas	202,59	197,64	246,81	206,12	191,36	190,97
Roraima	260,68	249,77	323,72	265,67	244,94	244,93
Pará	204,09	193,33	256,73	207,91	189,46	189,58
Amapá	251,05	238,86	312,90	255,89	234,77	234,54
Maranhão	202,82	194,20	250,50	206,69	188,10	187,96
Piauí	175,70	169,29	214,74	178,91	163,13	162,92
Ceará	210,73	203,09	259,82	215,09	197,43	196,98
Rio Grande do Norte	207,54	199,64	260,15	211,93	194,88	195,07
Paraíba	203,38	198,41	251,29	207,35	193,14	193,35
Pernambuco	188,89	182,63	232,45	192,51	177,78	177,53
Alagoas	205,76	200,09	252,94	209,82	195,02	194,89
Sergipe	221,30	208,84	279,77	225,61	200,81	200,91
Bahia	199,89	194,47	245,59	203,51	188,90	188,73
Minas Gerais	188,55	181,17	232,52	191,87	175,82	175,82
Espírito Santo	203,84	196,85	250,46	208,20	190,91	190,74
Rio de Janeiro	208,57	202,70	253,70	212,33	196,62	196,05
São Paulo	232,86	225,93	283,56	237,05	219,78	219,25
Paraná	221,64	213,87	272,39	225,88	208,30	208,21
Santa Catarina	222,52	216,14	271,02	226,57	209,94	209,31
Rio Grande do Sul	207,82	202,48	253,32	211,79	197,06	196,87
Mato Grosso do Sul	201,21	194,85	246,39	205,14	189,86	189,62
Mato Grosso	183,32	178,53	223,32	186,89	173,51	173,31
Goiás	192,55	187,60	235,10	196,36	182,29	181,86
Distrito Federal	188,07	182,73	229,74	191,75	178,59	178,28

5 - CUSTOS DE PROJETOS NO PADRÃO MÍNIMO DE ACABAMENTO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO - 1989

Mês de referência: maio-89

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PROJETOS						
	R1 - 2Q (46)	R1 - 2Q (40)	R1 - 2Q (62)	R1 - 1Q (30)	R2 - 3Q (56)	R2 - 2Q (81)	R5 - 2QT (2 125)
Rondônia	186,36	195,61	180,48	230,08	144,24	138,51	131,67
Acre	177,70	186,47	171,19	217,12	138,93	130,65	125,12
Amazonas	187,31	195,26	181,74	227,57	148,37	140,08	140,80
Roraima	234,64	241,06	233,66	291,35	187,78	179,47	173,60
Pará	202,68	209,29	198,06	249,25	156,44	146,27	142,14
Amapá	255,73	269,82	243,56	319,07	200,99	185,50	184,54
Maranhão	185,21	191,17	181,27	228,16	145,65	138,41	138,09
Piauí	169,03	177,09	161,97	206,18	129,13	120,46	116,04
Ceará	200,34	209,36	193,14	244,65	157,40	148,30	152,74
Rio Grande do Norte	191,19	197,35	186,27	236,39	152,29	142,44	146,19
Paraná	184,30	188,61	181,63	223,22	147,52	138,06	141,11
Pernambuco	180,50	188,48	174,24	222,92	141,68	132,81	133,95
Alagoas	196,20	204,85	190,77	240,84	155,23	144,77	144,46
Sergipe	214,55	220,72	209,06	269,06	164,55	155,18	154,17
Bahia	185,79	191,09	182,53	224,63	146,19	137,72	135,30
Minas Gerais	178,35	185,71	171,73	220,49	139,78	131,10	126,94
Espírito Santo	186,08	193,78	180,61	228,60	147,85	140,56	142,44
Rio de Janeiro	212,78	222,86	204,53	256,30	164,26	153,80	148,58
São Paulo	224,67	233,86	218,27	273,39	176,14	167,18	162,98
Paraná	213,19	221,54	206,83	258,40	166,67	156,10	153,47
Santa Catarina	220,14	228,98	213,05	265,02	171,00	160,87	158,36
Rio Grande do Sul	207,35	217,84	199,34	249,49	161,83	149,70	148,60
Mato Grosso do Sul	183,06	189,85	178,75	220,98	144,76	137,13	138,52
Mato Grosso	167,19	174,82	161,54	201,20	132,80	123,77	127,29
Goias	178,62	186,60	172,45	216,85	141,97	133,23	132,70
Distrito Federal	182,54	192,07	175,95	223,37	144,40	134,19	132,36

6 - VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS

Mês de referência: maio-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	19,35	7,14	15,62	22,58	15,94
Porto Velho	20,51	20,51	24,32	25,00	28,21
Rio Branco	0,00	20,00	17,07	0,00	2,38
Manaus	12,50	12,50	16,67	14,58	18,37
Boa Vista	3,28	3,57	3,57	3,57	3,57
Belém	16,00	16,00	16,00	16,00	16,00
Macapá	73,08	48,08	97,87	97,87	73,08
São Luís	13,33	13,33	13,33	13,33	13,33
Teresina	25,00	21,05	21,05	21,05	21,05
Fortaleza	0,00	3,92	0,00	0,00	7,84
Natal	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
João Pessoa	4,08	12,24	6,38	10,87	10,87
Recife	11,63	4,35	11,63	11,63	11,63
Maceió	62,16	60,38	61,54	61,54	60,38
Aracaju	26,09	26,09	26,09	26,09	22,92
Salvador	9,09	4,84	3,45	9,09	6,56
Belo Horizonte	16,36	6,67	11,48	19,30	20,75
Vitória	34,69	60,00	36,00	34,69	13,79
Rio de Janeiro	0,00	3,80	5,06	0,00	5,06
São Paulo	28,36	0,00	19,72	34,33	18,07
Curitiba	12,33	12,00	14,86	11,11	12,50
Florianópolis	14,63	14,44	11,76	15,29	4,44
Porto Alegre	25,37	3,70	4,23	23,88	2,56
Campo Grande	19,15	36,96	12,73	22,92	29,63
Cuiabá	33,33	37,21	42,11	40,00	37,21
Goiânia	84,62	84,62	84,62	84,62	84,62
Brasília	13,33	7,94	11,48	13,33	16,39

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	VARIAÇÃO MENSAL DOS SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS (%)				
	Ladrilheiro	Mestre-de-obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	24,62	18,66	20,97	17,19	25,00
Porto Velho	28,21	27,50	18,42	20,51	27,59
Rio Branco	0,00	13,21	2,13	31,91	21,88
Manaus	12,24	15,11	14,58	16,67	15,63
Boa Vista	0,00	0,69	0,00	0,00	30,00
Belém	16,00	15,25	16,00	16,00	29,03
Macapá	126,83	25,25	84,62	126,83	112,50
São Luís	13,33	0,00	13,33	13,33	27,59
Teresina	21,05	16,67	25,00	18,92	33,33
Fortaleza	0,00	23,30	0,00	0,00	5,71
Natal	0,00	0,00	0,00	0,00	23,33
João Pessoa	12,24	8,91	11,63	10,87	27,59
Recife	11,63	17,82	11,63	11,63	15,63
Maceió	75,00	43,53	62,16	62,16	25,81
Aracaju	26,09	18,66	26,09	26,09	26,67
Salvador	12,50	28,66	11,11	11,11	27,59
Belo Horizonte	18,52	10,30	19,30	22,22	25,71
Vitória	24,56	57,89	32,00	34,69	34,38
Rio de Janeiro	0,00	0,00	0,00	0,00	2,00
São Paulo	43,06	23,88	30,43	21,13	39,53
Curitiba	9,33	13,91	11,11	10,67	16,00
Florianópolis	18,95	20,73	15,85	9,78	10,00
Porto Alegre	0,00	25,00	8,98	13,51	4,65
Campo Grande	36,21	24,00	31,25	19,64	18,42
Cuiabá	40,00	8,33	20,00	16,67	23,33
Goiânia	84,62	35,76	84,62	84,62	34,48
Brasília	11,48	28,84	30,77	21,43	29,41

**7 – SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS**

Mês de referência: maio-89

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Armador	Bombeiro hidráulico	Carpinteiro de esquadrias	Carpinteiro de formas	Eletricista
BRASIL	0,74	0,75	0,74	0,76	0,80
Porto Velho	0,47	0,47	0,46	0,45	0,50
Rio Branco	0,41	0,48	0,48	0,41	0,43
Manaus	0,54	0,54	0,56	0,55	0,58
Boa Vista	0,63	0,58	0,58	0,58	0,58
Belém	0,58	0,58	0,58	0,58	0,58
Macapá	0,90	0,77	0,93	0,93	0,90
São Luís	0,51	0,51	0,51	0,51	0,51
Teresina	0,50	0,46	0,46	0,46	0,46
Fortaleza	0,51	0,53	0,51	0,51	0,55
Natal	0,46	0,46	0,46	0,46	0,46
João Pessoa	0,51	0,55	0,50	0,51	0,51
Recife	0,48	0,48	0,48	0,48	0,48
Maceió	0,60	0,85	0,63	0,63	0,85
Aracaju	0,58	0,58	0,58	0,58	0,59
Salvador	0,60	0,65	0,60	0,60	0,65
Belo Horizonte	0,64	0,64	0,68	0,68	0,64
Vitória	0,66	0,80	0,68	0,66	0,66
Rio de Janeiro	0,79	0,82	0,83	0,79	0,83
São Paulo	0,86	0,85	0,85	0,90	0,98
Curitiba	0,82	0,84	0,85	0,80	0,90
Florianópolis	0,94	1,03	0,95	0,98	0,94
Porto Alegre	0,84	0,84	0,74	0,83	0,80
Campo Grande	0,56	0,63	0,62	0,59	0,70
Cuiabá	0,56	0,59	0,54	0,56	0,59
Goiânia	0,72	0,72	0,72	0,72	0,72
Brasília	0,68	0,68	0,68	0,68	0,71

MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS	SALÁRIOS-HORA DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS				
	Ladriheiro	Mestre-de- obras	Pedreiro	Pintor	Servente
BRASIL	0,81	2,48	0,75	0,75	0,50
Porto Velho	0,50	1,02	0,45	0,47	0,37
Rio Branco	0,34	1,80	0,48	0,62	0,39
Manaus	0,55	1,60	0,55	0,56	0,37
Boa Vista	0,71	1,45	0,71	0,80	0,39
Belém	0,58	1,36	0,58	0,58	0,40
Macapá	0,93	1,24	0,96	0,93	0,68
São Luís	0,51	1,07	0,51	0,51	0,37
Teresina	0,46	0,91	0,50	0,44	0,36
Fortaleza	0,51	1,27	0,51	0,51	0,37
Natal	0,46	1,25	0,46	0,46	0,37
João Pessoa	0,55	1,10	0,48	0,51	0,37
Recife	0,48	2,05	0,48	0,48	0,37
Maceió	0,63	1,22	0,60	0,60	0,39
Aracaju	0,58	1,59	0,58	0,58	0,38
Salvador	0,72	2,02	0,60	0,60	0,37
Belo Horizonte	0,64	1,82	0,68	0,66	0,44
Vitória	0,71	1,80	0,66	0,66	0,43
Rio de Janeiro	0,81	2,93	0,79	0,79	0,51
São Paulo	1,03	3,58	0,90	0,86	0,60
Curitiba	0,82	1,31	0,80	0,83	0,58
Florianópolis	1,13	1,98	0,95	1,01	0,55
Porto Alegre	0,74	1,50	0,73	0,84	0,45
Campo Grande	0,79	1,86	0,63	0,67	0,45
Cuiabá	0,56	1,30	0,54	0,56	0,37
Goiânia	0,72	2,05	0,72	0,72	0,39
Brasília	0,68	2,77	0,68	0,68	0,44

ESTATÍSTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA ANUAL

PRODUÇÃO DAS LAVOURAS EM JUNHO E DA PRODUÇÃO ANIMAL EM MAIO DE 1989

Produção das lavouras

1 – Situação de junho em relação a maio

Os dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do mês de junho apresentaram variações significativas na produção de alguns produtos em relação ao mês anterior: arroz (- 2,02%), feijão – 1ª safra (- 3,50%), mamona (- 11,66%) e trigo (+ 5,12%). As modificações nos dados de produção dos três primeiros produtos deveram-se, em maior parte, a produção nordestina, geralmente com um calendário agrícola mais adiantado, no ano, em relação

ao Centro-sul. Assim, o decréscimo na produção de arroz ocorreu, principalmente, no Maranhão, onde estiagens nos meses pós-plantio (janeiro e fevereiro) e chuvas excessivas nos meses de colheita (abril, maio e junho) afetaram fortemente o desenvolvimento dos cultivos que apresentaram uma diminuição de 10,68% em relação ao estimado em maio.

Como se observa, mais de 60% do decréscimo esperado na produção nacional deveu-se à produção maranhense com os 40% restantes explicados por diminuições pequenas, mas generalizadas na produção do Centro-sul.

Quanto ao feijão – 1ª safra, o decréscimo nos rendimentos médios obtidos no Ceará, Bahia e Rio Grande do Norte é que explica a queda de 3,50% na produção nacional. Apesar das três Unidades da Federação juntas representarem cerca de 40%

A – PRODUÇÃO DE ARROZ NO BRASIL E NO MARANHÃO NOS MESES DE MAIO E JUNHO – 1989

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PRODUÇÃO DE ARROZ (t)			
	Maio	Junho	Varição absoluta	Varição relativa (%)
Brasil	11 214 784	10 987 977	226 907	- 2,02
Maranhão.....	1 303 670	1 164 481	139 189	- 10,68

da área plantada com o produto no país, a produção obtida não alcança os 30% da produção nacional, devido, não apenas, às condições climáticas adversas, como as ocorridas no mês de junho, mas também ao baixo nível tecnológico de produção nessas áreas.

Outro produto de significativa importância na região nordestina é a mamona. O Estado da Bahia é tradicionalmente o maior produtor nacional com cerca de 70% da área cultivada e 50% da produção. O cultivo é, geralmente, pouco tecnificado e intercalado, o que explica os grandes diferenciais de produtividade entre Unidades da Federação (cerca de 1300 kg/ha no Paraná e 400 kg/ha na Bahia) e as grandes flutuações nas mesmas, como as ocorridas em junho, com o decréscimo de -40,30% no rendimento médio do cultivo no estado nordestino.

Mas a grande novidade nas estimativas do LSPA, no mês de junho, é a primeira estimativa oficial da produção de trigo. Apenas para cinco Unidades da Federação é que se pode, no entanto, comentar as variações ocorridas em junho em relação ao mês anterior: Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. O acréscimo esperado de 5,12% na produção deveu-se exclusivamente ao aumento nas estimativas de área plantada nos Estados do Paraná (5,71%) e Mato Grosso do Sul (12,59%) em que pese o decréscimo na área de São Paulo (-1,39%). Nas duas outras Unidades da Federação, não houve alteração nas estimativas, aliás, de pouca significância na produção nacional. A situação da lavoura em junho nos cinco estados citados não representa, necessariamente, o comportamento da produção nacional, já que não existiam previsões de produção no mês de maio para o Rio Grande do Sul.

2 – Situação em relação à produção obtida em 1988

As estimativas de produção agrícola, em junho, para 1989, não são muito favoráveis quando comparadas à produção obtida em 1988. Apenas quatro produtos apresentam crescimento: fumo (8,18%), mandioca (9,03%), milho (6,19%) e soja (32,14%). Os produtos restantes apresentam decréscimo na produção: algodão herbáceo (25,01%), amendoim - 1ª safra (10,11%), arroz (6,93%), batata-inglesa - 1ª safra (21,38%), cana-de-açúcar (2,38%), cebola (0,59%), feijão - 1ª safra (32,42%), mamona (10,49%), tomate (0,69%) e trigo (8,75%).

A situação atual é similar à do mês de maio, com ligeiros agravantes para o arroz, feijão e mamona, principalmente, e com o fato novo do decréscimo na produção esperada de trigo (8,75%). A primeira estimativa oficial da produção no Estado do Rio Grande do Sul, com um decréscimo de 34,16% na área plantada em relação à safra anterior, veio confirmar as previsões pessimistas e frustrar as otimistas que viam o crescimento da área plantada no Paraná (4,23%) como um indicador de bom desempenho da lavoura no ano. Na verdade, o cultivo do trigo, no Brasil, está concentrado no Estado do Paraná com mais de 3/5 da produção nacional e Rio Grande do Sul, com cerca de 1/5. A produção restante é quase totalmente originária de São Paulo e Mato Grosso do Sul. O decréscimo na área plantada desses estados, exceto o Paraná, deve trazer subsídios para a formulação das políticas relativas à atividade para as próximas safras.

Como consequência direta da primeira estimativa da produção do trigo, a produção do conjunto de produtos chamados, com pouca propriedade, de grãos decresce em junho, com relação a maio, ficando ao redor

B — PRODUÇÃO DE FEIJÃO NOS MESES DE MAIO E JUNHO, SEGUNDO AS UNIDADES DA FEDERAÇÃO — 1989

UNIDADES DA FEDERAÇÃO	PRODUÇÃO DE FEIJÃO (t)			
	Maio	Junho	Variação absoluta	Variação relativa (%)
Brasil	1 198 809	1 156 800	42 009	- 3,50
Ceará	150 045	119 775	30 270	- 20,17
Rio Grande do Norte	78 211	73 640	4 571	- 5,84
Bahia	79 274	73 826	5 448	- 6,87

GRÁFICO 1 – TRIGO

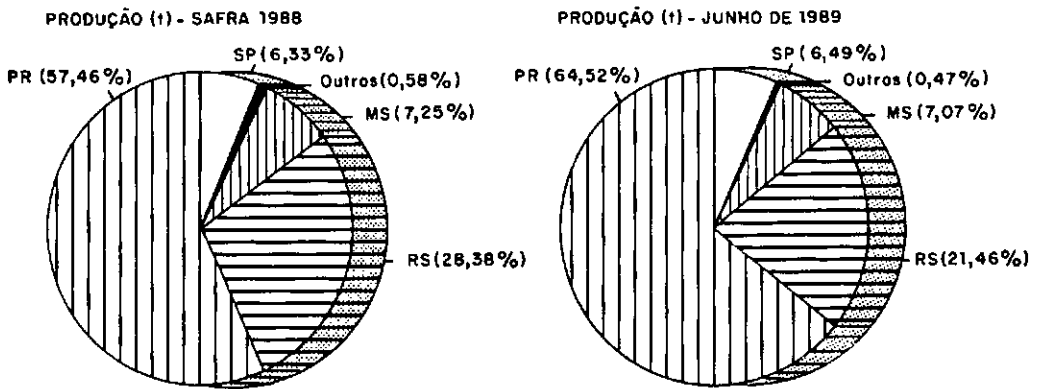
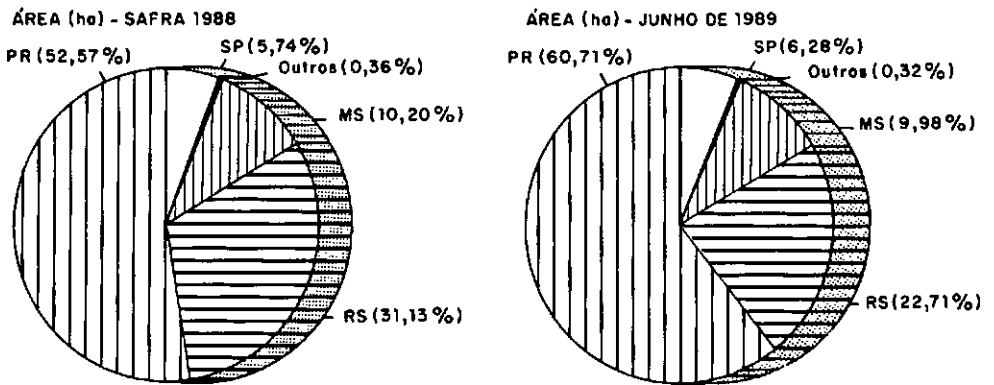


GRÁFICO 2 – TRIGO



dos 71,2 milhões de toneladas, ainda uma produção sensivelmente superior às toneladas obtidas no ano de 1988 (64,5 milhões de toneladas).

Produção animal

Em maio, os resultados do levantamento da produção de leite e do abate de animais configuraram um quadro pouco promissor, considerando-se que é o mês que antecede a entrada do inverno, estação de entressafra, sobretudo para as pecuárias bovina, leiteira e de corte, principais atividades do subsetor. Com a exceção das granjas avícolas de corte, os demais criatórios (gado de corte, de leite, suíno, aves de postura) acusaram queda de produção, agravando o abastecimento dos principais centros urbanos, justamente na fase crítica (descongelamento) do Plano Verão. Neste sentido, assinala-se que a escalada de preços só não

foi mais intensa porque foi contida pela retração da demanda.

Em relação à pecuária bovina, os dados de abate, em maio, alcançaram um total de 1,15 milhões de cabeças, correspondendo ao decréscimo de 7,4% em relação ao mesmo período do ano passado. A forte queda (-15,5%) no abate de vacas constitui o principal registro do mês, caracterizando a continuidade de reversão do processo de descapitalização da atividade, iniciada no mês anterior (Tabela C).

O decréscimo de 2,8% no abate de bois gordos, por sua vez, pode estar configurando uma redução da sua oferta, tendo em vista que o fato coincide com o mês de pico da safra (Tabela C). Os preços relativos dos principais produtos pecuários (bezerro, boi magro e boi gordo) podem ter sido outro fator inibidor da remessa de animais terminados para matança. De fato, em maio, o preço do boi gordo de 16,5 arrobas correspon-

C — ABATE DE BOVINOS, SEGUNDO OS PERÍODOS — 1988/89
(Maio, e Janeiro a Maio)
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE BOVINOS											
	Total			Bois			Vacas			Vitelos		
	1988	1989	Variacão (%)	1988	1989	Variacão (%)	1988	1989	Variacão (%)	1988	1989	Variacão (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)												
Janeiro/maio	5 473	5 564	1,7	3 410	3 355	-1,6	2 048	2 192	7,0	15,0	17,0	13,3
Maio	1 244	1 152	-7,4	782	760	-2,8	459	388	-15,5	3,0	4,0	33,3
Peso das carcaças (1 000 t)												
Janeiro/maio	1 156,7	1 144,5	-1,1	800,4	767,0	-4,2	355,1	376,2	5,9	1,2	1,4	18,1
Maio	265,5	246,0	-7,6	185,3	177,6	-4,2	79,9	67,5	-15,6	2,2	3,6	61,3

dia a 1,70 vezes o preço do boi magro e 3,14 vezes, o do bezerro, enquanto que, em dezembro de 1988, essas relações eram de 2,39 e 5,49 vezes, respectivamente (Tabela D).

Os dados de maio relativos à produção de leite destinada às indústrias revelaram uma queda de 7,0% (Tabela E). Indicando a persistência do clima de desânimo que prevalece no âmbito dos criadores, cujas raízes estão exatamente nos baixos preços estabelecidos pelo governo para o produto. Com efeito, o leite foi o que teve o menor reajuste (50%) no período de janeiro a maio, segundo a Fundação Getúlio Vargas (Tabela D). A melhoria dos preços dos animais de corte e da carne bovina deve ter sido outro elemento de desestímulo do produtor de leite (Tabela E).

D — PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE BEZERRO, BOI MAGRO, SUÍNO, FRANGO, LEITE E OVOS, POR PERÍODOS — 1988/89
(Dezembro — 88, Janeiro e Maio — 89)
Brasil

DISCRIMINAÇÃO	PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES				
	1988	1989			
	Dezembro (1)	Janeiro (2)	Maio (3)	(3)/(1) (%)	(3)/(2) (%)
Bezerro (NCz\$/cab.)	42,86	56,59	147,81	244,9	161,2
Boi magro (NCz\$/cab.)	98,26	119,75	273,03	177,9	128,0
Boi gordo (NCz\$/arrb.)	14,25	15,85	28,18	97,8	77,7
Suíno (NCz\$/arrb.)	8,9	11,53	24,83	179,0	115,4
Frango (NCz\$/kg)	0,58	0,7	1,49	156,9	112,9
Leite (NCz\$/litro)	0,12	0,16	0,24	100,0	50,0
Ovos (NCz\$/dúz.)	0,3	0,4	0,97	223,3	142,5

E — PRODUÇÃO DE LEITE DESTINADO ÀS INDÚSTRIAS
(Maio, e Janeiro a Maio)
Brasil

PERÍODOS	PRODUÇÃO DE LEITE		
	Total (1 000 litros)		
	1988	1987	Variacão (%)
Janeiro/maio	4 097 383	3 908 187	-4,6
Maio	729 144	677 857	-7,0

Quanto ao abate de suínos, a queda de 20,9%, no mês de maio, significa a continuidade do processo de reajuste da produção ao mercado, iniciado pelos criadores, em face da queda vertiginosa dos preços no biênio 1987-88. Neste sentido, as 733 mil cabeças de suínos sacrificadas naquele mês representaram um total de 48 732 t de carcaças, menos 21,8% do que em igual período de 1988 (Tabela F).

De acordo com representantes dos suinocultores, estima-se que a redução da oferta será de 200 mil t no corrente ano. Contudo,

F — ABATE DE SUÍNOS, SEGUNDO OS PERÍODOS — 1988/89
(Maio, e Janeiro a Maio)
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE SUÍNOS		
	Total		
	1988	1989	Variacão (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/maio	4 428	3 587	-19,0
Maio	927	733	-20,9
Peso das carcaças (1 000 t)			
Janeiro/maio	291 719	233 232	-20,0
Maio	82 320	48 732	-21,8

a melhoria verificada nos preços dos produtos suínícolas (a partir de junho, passaram a superar os preços no varejo da carne bovina em muitos mercados) pode já vir constituindo-se em incentivo para a retomada da produção.

O abate de aves, da ordem de 69,8 milhões de cabeças, representa um aumento de 3,7% em maio, correspondendo a 116,4 mil t de carcaças. Esse desempenho constituiu-se, provavelmente, na única compensação do mercado, no que concerne à oferta de produtos proteínicos de origem animal, todos cadentes, durante a vigência do Plano Verão (Tabela G).

G – ABATE DE AVES, SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988/89
(Maio, e Janeiro a Maio)
Brasil

PERÍODOS	ABATE DE AVES		
	Total		
	1988	1989	Variação (%)
Animais abatidos (1 000 cabeças)			
Janeiro/maio	334 221	333 608	-0,2
Maio	67 328	69 804	3,7
Peso das carcaças (1 000 t)			
Janeiro/maio	534 954	546 360	2,1
Maio	111 457	116 364	4,4

Da mesma forma, os resultados da pesquisa de Produção de Ovos relativa ao primeiro trimestre exibiram também um declínio de 1,6% no país (Tabela H).

H – PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA, SEGUNDO OS MESES – 1988/89 (1)
(Janeiro a Março)
Brasil

MÊS/ANO	PRODUÇÃO DE OVOS DE GALINHA		
	(1 000 dúzias)		
	1988	1989	Variação (%)
Total	295 512	290 781	-1,6
Janeiro	98 530	98 190	-0,34
Fevereiro	94 965	92 069	-3,04
Março	102 016	100 520	-1,46

(1) Não corresponde à produção total do país, pois só são levantados os estabelecimentos em produção com 1 0000 ou mais poedeiras.

Produto real da agricultura

Com as informações disponíveis até esta data, estima-se um crescimento do produto real da agropecuária da ordem de 0,95% em 1989, em relação a 1988. Contribuem para este resultado um crescimento, das lavouras, de 3,55% e um decréscimo de 3,11% para a produção animal.

GRÁFICO 3
VARIÇÃO PERCENTUAL – ÁREA (ha)
PLANTADA EM 1989 E COLHIDA EM 1988

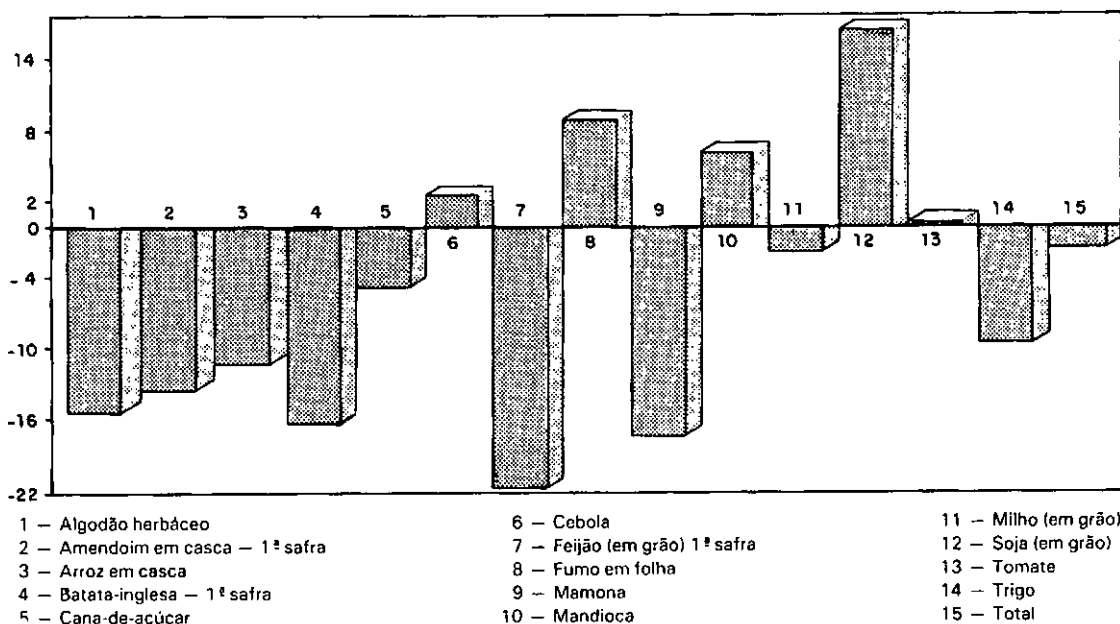


GRÁFICO 4
VARIAÇÃO PERCENTUAL — PRODUÇÃO (t)
ESPERADA 1989/OBTIDA 1988

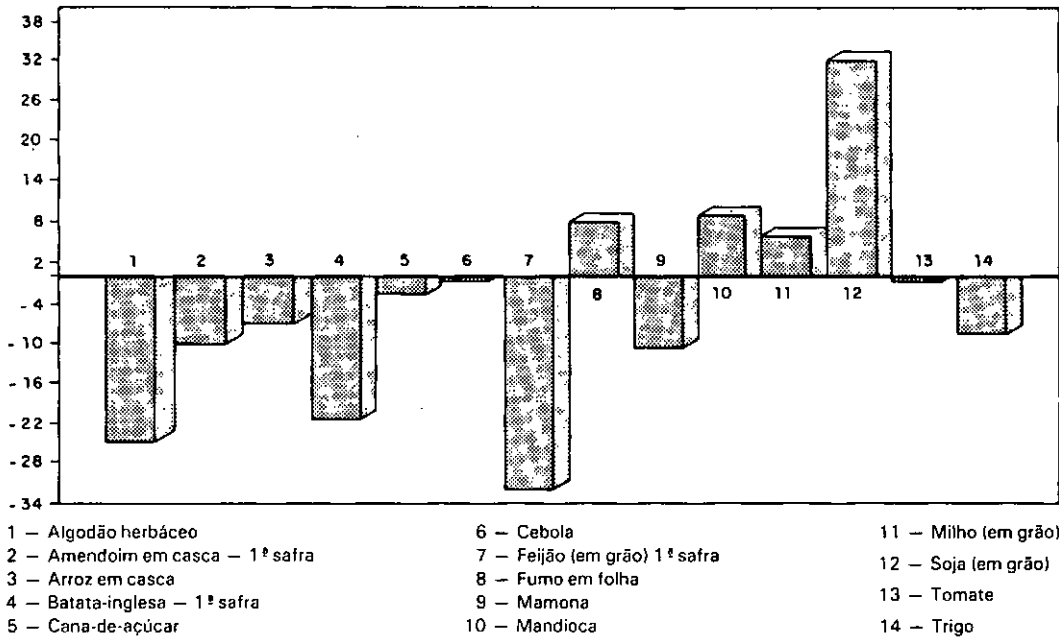
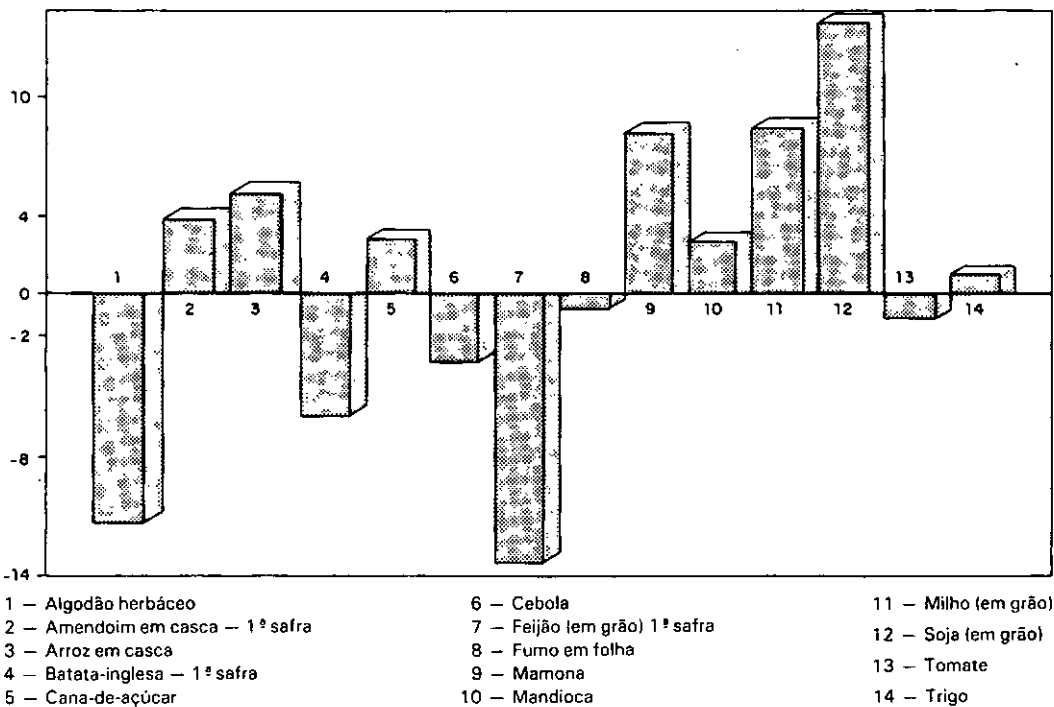


GRÁFICO 5
VARIAÇÃO PERCENTUAL — RENDIMENTO MÉDIO
Kg/ha
ESPERADO 1989/OBTIDO 1988



NOTA — Para informações, dirigir-se ao Departamento de Agropecuária (DEAGRO), Rua Visconde de Niterói, 1 246, Bloco B, 9º andar, telefone: 284-8131.

1 — ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO — CONFRONTO
DAS ESTIMATIVAS MAIO/JUNHO
Brasil

Junho/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Maio	Junho	Variação (%)
Total	42 992 780	43 079 808	0,20
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 551 842	1 531 873	- 1,29
Amendoim (em casca) 1.ª safra	62 032	62 032	-
Arroz (em casca)	5 305 816	5 278 403	-0,52
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	88 709	88 709	-
Cana-de-açúcar.....	(1) 3 516 173	(1) 3 513 747	-0,07
Cebola.....	72 789	71 551	- 1,70
Feijão (em grão) 1.ª safra	2 679 602	2 672 829	-0,25
Fumo (em folha)	277 953	277 981	0,01
Mamona	226 509	226 533	0,01
Mandioca.....	(1) 1 806 876	(1) 1 798 751	-0,45
Milho (em grão).....	12 896 225	12 902 621	0,05
Soja (em grão).....	12 221 438	12 237 641	0,13
Tomate.....	64 126	63 143	- 1,53
Trigo (em grão).....	2 222 890	2 354 194	5,91

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Maio	Junho	Variação (%)	Maio	Junho	Variação (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço).....	1 847 184	1 819 732	- 1,49	1 190	1 188	-0,17
Amendoim (em casca) 1.ª safra	116 159	116 145	-0,01	1 873	1 872	-0,05
Arroz (em casca)	11 214 784	10 987 877	- 2,02	2 114	2 082	- 1,51
Batata-inglesa — 1.ª safra.....	1 102 757	1 102 847	0,01	12 431	12 432	0,01
Cana-de-açúcar.....	234 756 860	234 705 832	-0,02	66 765	66 796	0,05
Cebola.....	755 572	751 115	-0,59	10 380	10 498	1,14
Feijão (em grão) 1.ª safra	1 198 809	1 156 800	- 3,50	447	433	- 3,13
Fumo (em folha)	443 966	444 033	0,02	1 597	1 597	-
Mamona	147 400	130 216	- 11,66	651	579	- 11,06
Mandioca.....	22 782 888	22 725 399	-0,25	12 609	12 634	0,20
Milho (em grão).....	26 357 451	26 282 313	-0,29	2 044	2 037	-0,34
Soja (em grão).....	23 880 650	23 812 467	0,58	1 938	1 946	0,41
Tomate.....	2 407 220	2 390 137	-0,71	37 539	37 853	0,84
Trigo (em grão).....	3 854 730	4 052 193	5,12	1 734	1 721	-0,75

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).
NOTA — Além das Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1.ª estimativa para a safra de 1989, foram excluídas aquelas que passaram a informar em junho, para fins de comparação, como segue: algodão herbáceo (Pará); cana-de-açúcar (Amazonas e Alagoas); fumo (Bahia); mandioca (Amazonas); e trigo (Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal).
(1) Área destinada à colheita.

2 – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO – CONFRONTO
DAS SAFRAS DE 1988 E DAS ESTIMATIVAS PARA 1989
Brasil

Junho/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	ÁREA (ha)		
	Colhida (safra 1988)	Plantada (safra 1989)	Varição (%)
Total	44 512 140	43 783 633	- 1,64
Algodão herbáceo (em caroço)	1 823 208	1 542 532	- 15,39
Amendoim (em casca) 1ª safra	71 672	64 032	- 13,45
Arroz (em casca)	5 960 984	5 278 403	- 11,45
Batata-inglesa – 1ª safra	106 017	88 709	- 16,33
Cana-de-açúcar	3 691 560	(1) 3 513 747	- 4,82
Cebola	69 560	71 551	2,86
Feijão (em grão) 1ª safra	3 422 484	2 672 829	- 21,90
Fumo (em folha)	255 388	277 981	8,86
Mamona	274 030	226 533	- 17,33
Mandioca	1 692 358	(1) 1 798 751	6,29
Milho (em grão)	13 181 987	12 902 621	- 2,12
Soja (em grão)	10 523 629	12 237 641	16,29
Tomate	62 875	63 143	0,43
Trigo (em grão)	3 376 408	3 047 160	- 9,75

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	Obtida (safra 1988)	Esperada (safra 1989)	Varição (%)	Obtido (safra 1988)	Esperado (safra 1989)	Varição (%)
Total	-	-	-	-	-	-
Algodão herbáceo (em caroço)	2 435 774	1 826 642	- 25,01	1 336	1 184	- 11,38
Amendoim (em casca) 1ª safra	129 211	118 145	- 10,11	1 803	1 872	3,83
Arroz (em casca)	10 806 451	10 987 877	- 6,93	1 981	2 082	5,10
Batata-inglesa – 1ª safra	1 402 832	1 102 847	- 21,38	12 232	12 432	- 6,05
Cana-de-açúcar	240 424 464	234 705 832	- 2,38	65 128	66 796	2,56
Cebola	755 574	751 115	- 0,59	10 862	10 498	- 3,35
Feijão (em grão) 1ª safra	1 711 662	1 156 800	- 32,42	500	433	- 13,40
Fumo (em folha)	410 475	444 033	8,18	1 607	1 597	- 0,62
Mamona	145 478	130 216	- 10,49	531	575	8,29
Mandioca	20 844 090	22 725 399	9,03	12 317	12 634	2,57
Milho (em grão)	24 749 550	26 282 313	6,19	1 878	2 037	8,47
Soja (em grão)	18 020 677	23 812 467	32,14	1 712	1 946	13,67
Tomate	2 406 752	2 390 137	- 0,69	38 278	37 853	- 1,11
Trigo (em grão)	5 656 326	5 161 141	- 8,75	1 675	1 694	1,13

FONTE – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária (Levantamento Sistemático da Produção Agrícola).

NOTA – Não foram computados, nos totais referentes à safra de 1988, as Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa para a safra de 1989 da forma como segue: cana-de-açúcar (Amazonas e Alagoas); fumo (Bahia), mandioca (Amazonas); e trigo (Santa Catarina).

(1) Área destinada à colheita.

3 – COMPARAÇÃO ENTRE A SAFRA/88 E AS ESTIMATIVAS PARA 1989
Brasil, Centro-sul e Norte-Nordeste

Junho/89

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)		
	Centro-sul e Rondônia		
	Safra/88	Safra/89	Variação (%)
Arroz.....	9 471	8 885	- 6,19
Feijão – 1ª safra.....	1 077	739	- 31,38
Milho – 1ª e 2ª safras.....	22 346	23 876	6,85
Algodão herbáceo.....	1 363	1 066	- 21,79
Amendoim – 1ª safra.....	125	112	- 10,40
Mamona.....	34	28	- 17,65
Soja.....	17 610	23 190	31,69
Total.....	52 026	57 896	11,28
Feijão – 2ª safra.....	586	600	2,39
Feijão – 3ª safra.....	147	151	2,72
Trigo.....	5 751	5 256	- 8,61
Avela, centeio e cevada.....	264	404	53,03
Sorgo.....	253	223	- 11,86
Algodão arbóreo.....	-	-	-
Amendoim – 2ª safra.....	34	30	- 11,76
Total.....	7 035	6 664	- 5,27
Total.....	59 061	64 560	9,31

PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUÇÃO (1 000 t)					
	Norte-Nordeste			Total		
	Safra/88	Safra/89	Variação (%)	Safra/88	Safra/89	Variação (%)
Arroz.....	2 335	2 103	- 9,94	11 806	10 988	- 6,93
Feijão – 1ª safra.....	634	418	- 34,07	1 711	1 157	- 32,38
Milho – 1ª e 2ª safras.....	2 403	2 406	0,12	24 749	26 282	6,19
Algodão herbáceo.....	342	213	- 37,72	1 705	1 279	- 24,99
Amendoim – 1ª safra.....	5	5	-	130	117	- 10,00
Mamona.....	112	102	- 8,93	146	130	- 10,96
Soja.....	410	623	51,95	18 020	23 813	32,16
Total.....	6 241	5 870	- 5,94	58 267	63 766	9,44
Feijão – 2ª safra.....	456	692	51,75	1 042	1 292	23,99
Feijão – 3ª safra.....	-	-	-	147	151	2,72
Trigo.....	-	-	-	5 751	5 256	- 8,61
Avela, centeio e cevada.....	-	-	-	264	404	53,03
Sorgo.....	43	51	18,60	296	274	- 7,43
Algodão arbóreo.....	70	85	21,43	70	85	21,43
Amendoim – 2ª safra.....	8	8	-	42	38	- 9,52
Total.....	577	836	44,89	7 612	7 500	- 1,47
Total.....	6 818	6 706	- 1,64	65 879	71 266	8,18

NOTA – Para as Unidades da Federação que ainda não forneceram a 1ª estimativa, foram repetidos os dados da safra/88 para efeito de cálculo, como segue: amendoim – 2ª safra (Mato Grosso do Sul); areia (Santa Catarina); centeio (Santa Catarina); cevada (Santa Catarina); feijão – 2ª safra (Piauí e Rio Grande do Norte); e trigo (Santa Catarina).

4 — ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS
Janeiro/Maio de 1988 e de 1989

ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	QUANTIDADE				
	Maio-88	Abril-89	Maio-89	Janeiro/ maio-88	Janeiro/ maio-89
LEITE (1) (2)	729 144	731 159	677 857	4 097 383	3 908 187
PASTEURIZADO					
Vendido ao público	294 843	273 483	279 332	1 506 531	1 425 955
Industrializado na empresa	310 063	340 186	300 352	1 891 403	1 847 276
RESFRIADO OU NÃO					
Vendido ao público	117	148	303	709	968
Vendido a outras empresas	124 121	117 342	97 870	698 740	633 990
ABATE (3)					
Bovinos	265 470	221 615	245 398	1 156 693	1 144 511
Suínos	62 320	45 442	48 732	291 719	233 232
Aves	111 457	107 368	116 364	534 954	546 360
OVOS (4) (5)	-	-	-	295 512	290 781
ABATE DE ANIMAIS, PRODUÇÃO DE LEITE E DE OVOS	TAXAS DE CRESCIMENTO (%)				
	Maio-89 Maio-88	Maio-89 Abril-89		Janeiro/maio-89 Janeiro/maio-88	
LEITE (1) (2)	-7,0	7,3		-4,6	
PASTEURIZADO					
Vendido ao público	-5,3	2,1		-5,3	
Industrializado na empresa	-3,1	-11,7		-2,3	
RESFRIADO OU NÃO					
Vendido ao público	159,0	104,7		36,2	
Vendido a outras empresas	-21,1	-16,6		-9,3	
ABATE (3)					
Bovinos	-7,6	10,7		-1,1	
Suínos	-21,8	7,2		-20,0	
Aves	4,4	8,4		2,1	
OVOS (4) (5)	-	-		-1,6	

(1) Leite beneficiado e industrializado. (2) Mil litros. (3) Peso total das carcaças (t). (4) Quantidade produzida em mil dúzias. (5) Janeiro/março.

PRODUÇÃO ANIMAL RETROSPECTIVA DE 1988

Bruno Marcus Rangel Pessanha*

A performance do subsetor animal em 1988 não foi considerada satisfatória, não obstante a sua contribuição para o Produto Real da Agricultura ter sido positiva (+ 1,23%). As razões são várias, indo desde o desempenho diferenciado das principais atividades que compõem o subsetor, até a descontinuidade do ritmo de produção (extrapolada a sazonalidade) verificada ao longo do ano.

Os fatores que afetaram o comportamento do subsetor foram de natureza diversa. Em primeiro lugar, a instabilidade da economia, característica evidente na presente década, que em virtude do malogro dos planos governamentais a partir de 1986, tornou-se mais marcante em 1988, influenciando globalmente o desempenho da pecuária. A ênfase dos principais efeitos (diminuição do ritmo do desenvolvimento econômico, achatamento do poder de compra das classes assalariadas) recaiu sobre a criação de animais de pequeno e médio portes (avicultura e suinocultura), que, incentivada pelo *Plano Cruzado I*, havia se estru-

turado para expandir a produção. No caso da pecuária bovina de corte, o principal reflexo da evolução instável da economia abrange toda a década e incidiu sobre o tamanho do rebanho, cuja taxa de crescimento caiu fortemente na década atual¹, em razão do abate maciço de matrizes que, à exceção de 1986, vem-se mantendo elevado desde 1982. Relativamente à pecuária leiteira, em que o leite, seu principal produto, tem seus preços controlados em todos os níveis (da produção ao consumo) pelo governo, o processo de estagnação foi também de ordem estrutural, vez que, ao longo da década, não houve evidências claras de avanço, tanto na quantidade como qualidade da sua produção no país.

No plano dos fatores aleatórios, a produção animal em 1988 foi influenciada também pelo inverno longo e rigoroso, caracterizado por geadas precoces e secas prolongadas, que se abateu sobre a região Centro-sul, a principal região produtora de produtos de origem animal. Assinale-se, porém, que os efeitos climáticos atingem de

* Engenheiro Agrônomo do Departamento de Agropecuária — IBGE.

¹ Ver Pessanha, Bruno M. R. — *Produção Animal — Situação Recente e Perspectivas — Indicadores IBGE — Volume 8, nº 1, janeiro de 1989.*

modo direto a pecuária bovina através da queima das pastagens e, por conseqüência, a diminuição do seu poder nutritivo. No caso dos produtos oriundos das granjas (aves, ovos e suínos), a atividade criatória recebeu indiretamente o impacto da queda da produção norte-americana de soja e de milho, fenômeno que acarretou o aumento dos preços internos desses produtos (componentes essenciais da ração) ao longo do ano.

Neste contexto, os preços dos produtos de origem animal, que unitariamente alcançam, de modo geral, um nível mais elevado do que os vegetais, oscilaram bastante durante a década. Neste sentido, atingiram os seus picos nos meses finais de 1986 e iniciais de 1987, espelhando o dinamismo meteórico imprimido à economia pelo *Plano Cruzado I*. Já a partir do primeiro semestre de 1987, os preços praticamente *despenca-ram* mantendo-se em níveis muito baixos (inferiores à média mensal do período 1984/88) (Gráficos 1 a 3 e Tabelas 1 a 3).

É de certo modo surpreendente, pois, verificar que, em 1988, registraram-se crescimentos na produção da carne bovina e de leite. No caso da carne bovina, a produção alcançou um total de 2 446 838 t de carcaças, representando um acréscimo de 8,2% em relação ao ano anterior (Tabela 4). Esse avanço no *desempenho* da pecuária bovina de corte é expressivo apenas na aparência, vez que uma análise mais detalhada põe em evidência que o aumento da produção proveio unicamente do abate intensivo de matrizes, que saltou de 3,2 milhões de cabeças em 1987 para 4,4 milhões em 1988, representando um crescimento de 35,4% no ano e uma proporção de 36,7% sobre o total de bovinos abatidos (11,9 milhões de cabeças) (Tabela 4). Ao contrário, a quantidade de carne bovina proveniente da matança de boi gordo, alcançando um total de 1,7 milhão de t de carcaças, regrediu 0,4% em relação a 1987 (Tabela 4). Esses números demonstram de certo modo a retomada do processo de "liquidação de rebanho", que vem vigorando no país desde 1982, interrompido apenas no período de maio de 1986 a abril de 1987, durante a vigência do *Plano Cruzado I*. A explicação para essa decisão, por assim dizer *autofágica* dos pecuaristas, re-

side na perspectiva pessimista que têm em relação à atividade num horizonte de longo prazo, em face da queda dos preços dos principais produtos pecuários (bezerro, boi magro e boi gordo) verificada a partir de 1987 (Gráfico 1 e Tabela 1). Significam também, que na segunda metade da década a taxa de crescimento do rebanho se equívaleu à do quinquênio 1980-85, que foi abaixo da taxa de crescimento demográfico. Prospectivamente, esses dados podem representar o agravamento da oferta interna de carne bovina na próxima década, fenômeno suscetível de ser atenuado, porém, pela melhoria dos índices zootécnicos do rebanho localizado sobretudo no Brasil Central, a qual leva ao aumento da sua taxa de desfrute.

A pecuária bovina de leite foi a outra atividade que *fechou* o ano de 1988 com um resultado de cerca 9,0 bilhões de litros, representando um avanço de 1,4% em relação ao ano anterior. Mas esse registro não pode ser considerado auspicioso, quando contrastado ao incremento de 13,5% verificado em 1987, ano em que o governo, em face do fraco desempenho (-1,5%) de 1986, implementou uma política de reajuste de preços com base na planilha de custos elaborada pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, da EMBRAPA, em Coronel Pacheco (MG). Para o país, essa inovação na política de controle de preços do leite da SEAP/SUNAB foi compensadora já que, além de estimular a produção interna, representou uma economia de cerca de 100 milhões de dólares de divisas, metade do que foi despendido em 1986, com a importação de leite em pó e outros derivados lácteos. Mas a interrupção da política de reajustes *realistas* dos preços já a partir do terceiro trimestre de 1987 veio repercutir na atividade produtiva no decorrer de 1988, com ênfase para o segundo semestre quando a entrega de leite às indústrias caiu para 3,7 bilhões de litros, representando uma queda de 21,4% em relação a igual período de 1987. Muito embora a queda de preços (de Cz\$ 185,89/litro² em agosto de 1987 desceu para a média de Cz\$ 118,87 no segundo semestre de 1988 — Gráfico 2 e Tabela 2) tenha sido o fator determinante para a re-

² Esse preços e os demais contidos no texto referem-se a cruzado de dezembro de 1988.

1 – PREÇOS REAIS DO BEZERRO, BOI MAGRO E BOI GORDO RECEBIDOS PELOS PRODUTORES – 1984/88

Brasil

1.1 – BEZERRO

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/cabeça)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
1984.....	60 612,26	61 943,09	63 146,19	64 292,66	68 280,99	69 324,33	72 403,73
1985.....	70 480,68	69 463,08	65 905,08	65 418,34	64 342,32	61 995,48	63 601,05
1986.....	77 343,33	73 712,15	73 125,78	78 781,64	84 765,23	95 004,69	101 611,08
1987.....	127 432,37	111 268,08	96 156,94	81 650,95	71 172,56	57 881,88	56 807,75
1988.....	44 824,65	39 270,02	37 173,95	38 050,53	36 557,03	35 764,59	36 784,63

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/cabeça)					
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média
1984.....	73 231,20	77 560,41	77 734,89	77 514,22	73 928,00	69 997,66
1985.....	67 833,43	73 112,43	73 787,13	78 608,05	80 954,79	69 625,16
1986.....	107 020,02	113 099,72	119 646,86	121 383,50	124 476,63	97 487,55
1987.....	59 367,07	58 724,60	57 291,57	54 581,72	49 024,78	73 446,52
1988.....	36 916,01	36 807,27	38 598,58	38 031,29	42 856,76	38 469,61

FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

1.2 – BOI MAGRO

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/cabeça)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
1984.....	123 980,10	127 291,46	123 707,38	125 884,69	133 704,86	137 088,03	137 363,09
1985.....	134 206,19	129 828,24	121 994,92	119 936,51	115 074,64	113 098,30	112 812,32
1986.....	146 754,09	143 528,23	141 194,95	148 828,54	155 533,83	169 193,26	180 297,62
1987.....	233 390,32	208 715,71	184 530,32	156 111,57	134 183,57	112 153,21	109 990,12
1988.....	89 586,09	79 915,01	77 765,92	78 239,64	75 200,98	71 962,72	77 303,53

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/cabeça)					
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média
1984.....	135 169,40	139 659,15	140 941,53	140 774,14	135 206,88	133 397,56
1985.....	123 866,56	132 481,14	136 618,22	143 938,20	151 942,33	127 983,13
1986.....	191 140,23	204 609,87	210 688,76	214 827,23	226 944,93	177 795,13
1987.....	118 482,50	120 545,78	118 138,73	112 768,49	100 467,31	142 456,47
1988.....	78 383,04	81 031,85	86 394,67	87 694,62	98 262,79	81 811,74

FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

1.3 – BOI GORDO

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/15 kg)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
1984.....	16 864,65	16 339,44	15 604,54	15 109,01	16 322,45	16 199,52	16 334,11
1985.....	15 009,12	13 708,86	12 080,49	11 419,61	10 655,65	9 922,46	12 105,20
1986.....	16 558,17	15 031,55	14 411,56	14 606,74	14 777,97	15 697,58	16 778,70
1987.....	27 202,33	21 587,18	18 314,92	15 220,01	14 450,29	12 044,84	12 668,65
1988.....	11 455,99	9 875,56	9 377,42	9 733,83	8 824,00	8 735,04	10 097,90

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/15 kg)					
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média
1984.....	16 510,22	19 211,15	19 288,36	18 223,34	16 540,41	16 878,93
1985.....	15 814,31	16 710,62	17 064,83	19 286,30	19 107,14	14 407,05
1986.....	17 844,62	19 492,24	18 852,47	20 867,88	26 305,55	17 602,09
1987.....	14 373,52	14 909,89	14 374,20	14 482,55	12 864,73	16 041,09
1988.....	11 189,13	11 991,55	12 352,43	12 838,21	14 252,51	10 935,30

FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

2 — PREÇOS REAIS DO LEITE E DOS OVOS DE GALINHA RECEBIDOS PELOS PRODUTORES — 1984/88

Brasil

2.1 — LEITE

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/litro)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho
1984.....	170,37	160,25	155,07	170,12	162,22	152,65	154,63
1985.....	144,92	138,62	144,81	154,97	148,38	141,71	146,85
1986.....	142,98	130,92	124,69	127,46	127,73	133,15	152,45
1987.....	177,56	165,25	152,88	187,15	154,76	157,52	185,85
1988.....	138,07	128,80	122,95	118,73	120,60	121,23	121,34

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/litro)						
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média	
1984.....	149,55	140,68	158,87	153,90	139,55	155,65	
1985.....	154,90	147,73	144,90	148,01	144,11	146,66	
1986.....	155,76	158,00	157,14	155,90	147,29	142,79	
1987.....	185,89	176,62	168,86	160,58	150,39	166,94	
1988.....	120,70	116,33	115,80	120,28	118,75	121,97	

FORTE — Fundação Getúlio Vargas.

NOTA — Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços — IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

2.2 — OVOS DE GALINHA

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/dúzia)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho
1984.....	470,91	520,81	538,86	553,79	550,10	543,56	524,11
1985.....	395,01	398,06	382,22	364,04	362,02	377,84	367,89
1986.....	323,04	355,02	423,53	439,63	443,66	457,58	464,75
1987.....	479,77	484,26	452,64	387,26	361,90	350,44	298,38
1988.....	230,30	257,77	332,30	332,38	318,00	295,04	307,02

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/dúzia)						
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média	
1984.....	499,66	512,56	467,53	421,51	426,78	502,51	
1985.....	386,74	387,68	349,28	359,71	367,25	374,81	
1986.....	468,60	469,42	483,71	486,65	481,77	441,45	
1987.....	284,81	288,83	287,77	251,67	255,16	348,57	
1988.....	342,93	290,36	268,90	290,17	304,48	297,47	

FORTE — Fundação Getúlio Vargas.

NOTA — Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços — IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

3 – PREÇOS REAIS DO SUÍNO PARA CORTE E DO FRANGO RECEBIDOS PELOS PRODUTORES – 1984/88

Brasil¹

3.1 – SUÍNO PARA CORTE

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/15 kg)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho
1984.....	11 528,65	12 588,08	12 828,04	12 826,22	12 993,07	12 211,45	11 429,43
1985.....	10 697,75	10 723,88	10 268,70	9 935,53	9 455,96	9 182,06	9 901,64
1986.....	11 702,39	10 854,75	10 504,24	10 573,01	10 647,80	11 163,03	11 687,26
1987.....	13 688,64	11 025,17	9 160,26	7 523,08	6 312,20	5 713,38	5 555,16
1988.....	6 209,32	5 733,40	6 357,71	6 432,12	6 246,71	6 029,60	6 593,61

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/15 kg)					
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média
1984.....	10 941,92	11 131,28	11 898,08	11 676,08	11 086,12	11 928,20
1985.....	10 971,65	11 555,08	11 210,57	11 237,07	12 357,87	10 625,23
1986.....	12 279,07	13 116,34	13 801,30	13 775,79	14 394,47	12 041,62
1987.....	6 347,29	6 765,08	6 526,14	6 603,85	6 705,05	7 860,42
1988.....	6 724,46	6 682,09	6 916,11	7 284,47	8 902,82	6 676,04

FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

3.2 – FRANGO

ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/kg)						
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho
1984.....	803,03	833,64	798,60	755,24	746,98	733,92	720,51
1985.....	654,31	625,08	569,50	536,75	540,91	559,03	627,39
1986.....	711,98	709,18	688,84	681,60	698,44	717,12	753,54
1987.....	811,31	728,92	664,60	592,69	588,57	536,52	514,96
1988.....	465,10	449,07	454,56	449,34	421,84	415,36	434,19

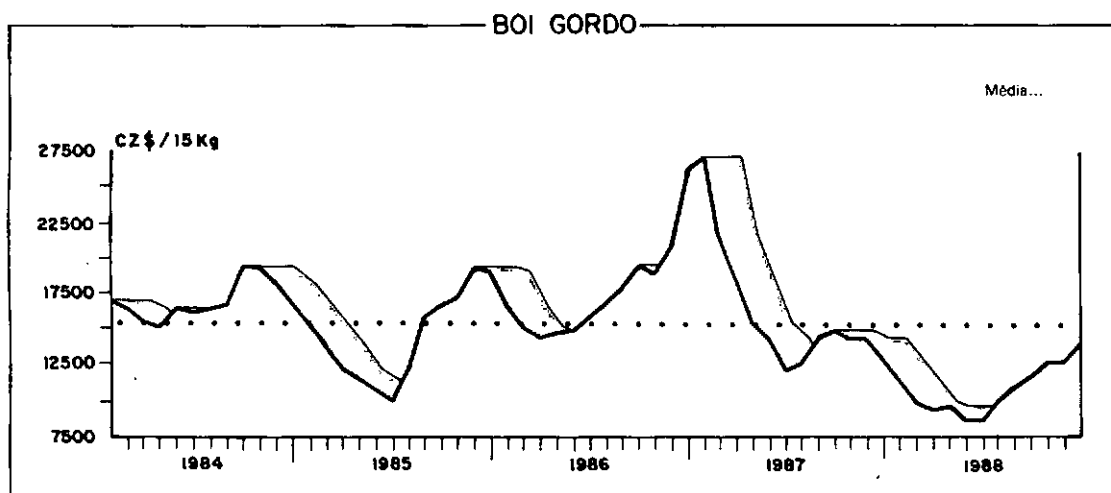
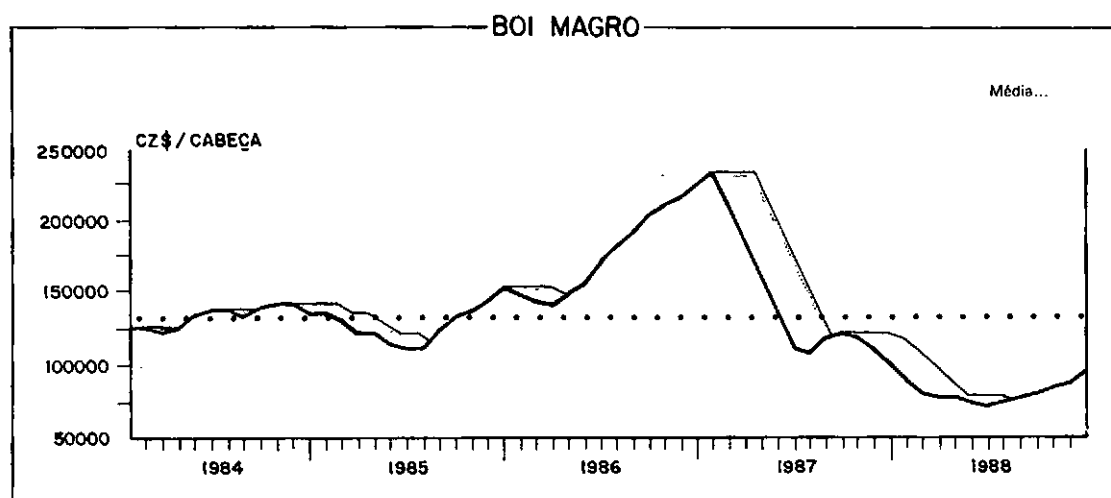
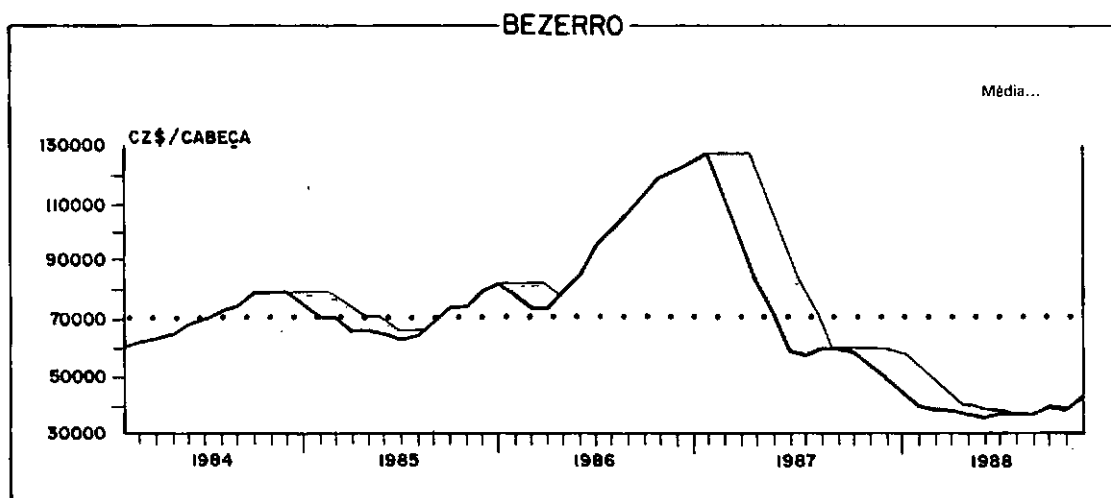
ANOS	PREÇOS REAIS (Cz\$/kg)					
	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Média
1984.....	708,05	771,29	752,15	713,88	675,70	751,08
1985.....	721,44	744,03	707,76	729,29	756,29	647,65
1986.....	770,84	790,68	801,87	847,06	884,32	753,21
1987.....	532,11	544,78	540,54	524,57	512,38	591,00
1988.....	459,69	480,22	503,27	541,67	582,45	471,40

FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

GRÁFICO 1
PREÇOS REAIS DO BEZERRO, BOI MAGRO E BOI GORDO
RECEBIDOS PELOS PRODUTORES – 1984/88

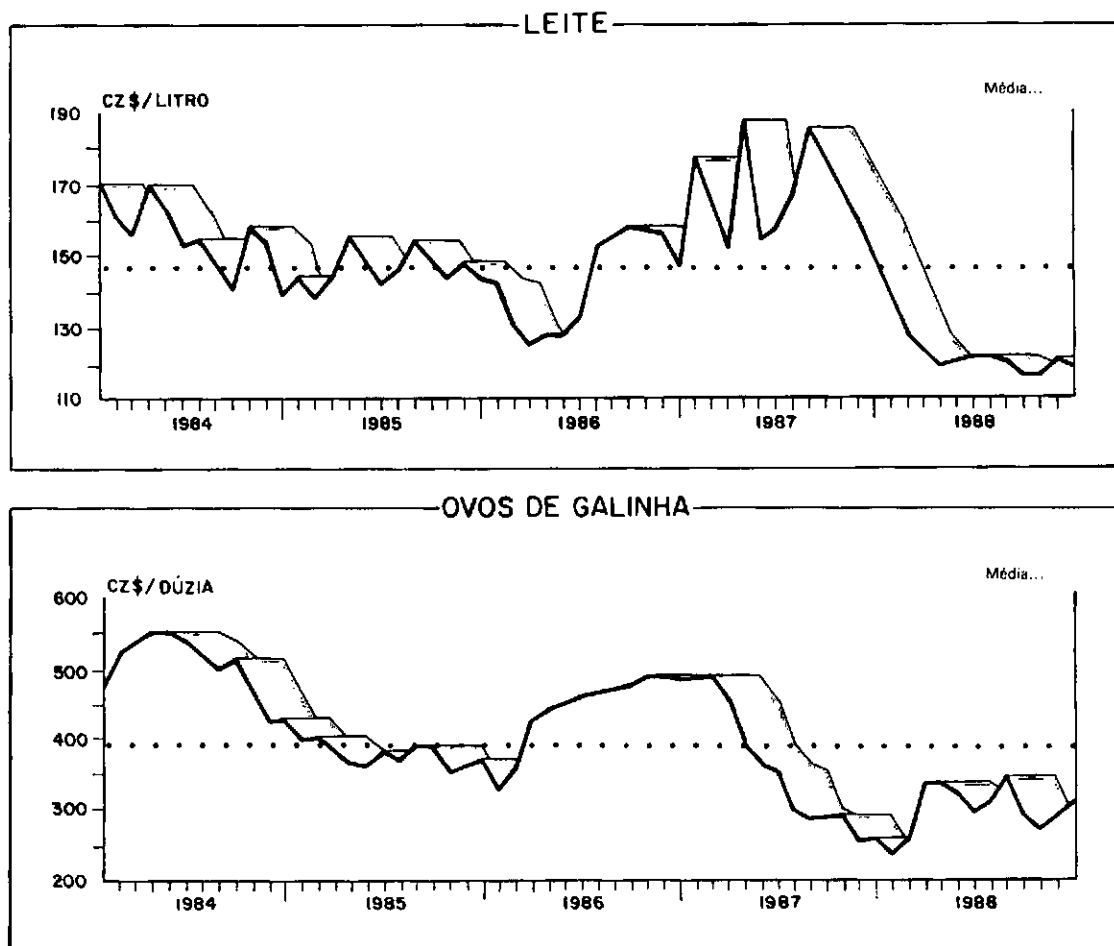
Brasil



FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

GRÁFICO 2
PREÇOS REAIS DE LEITE E DE OVOS RECEBIDOS
PELOS PRODUTORES — 1984/88
Brasil



FONTE — Fundação Getúlio Vargas.

NOTA — Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços — IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

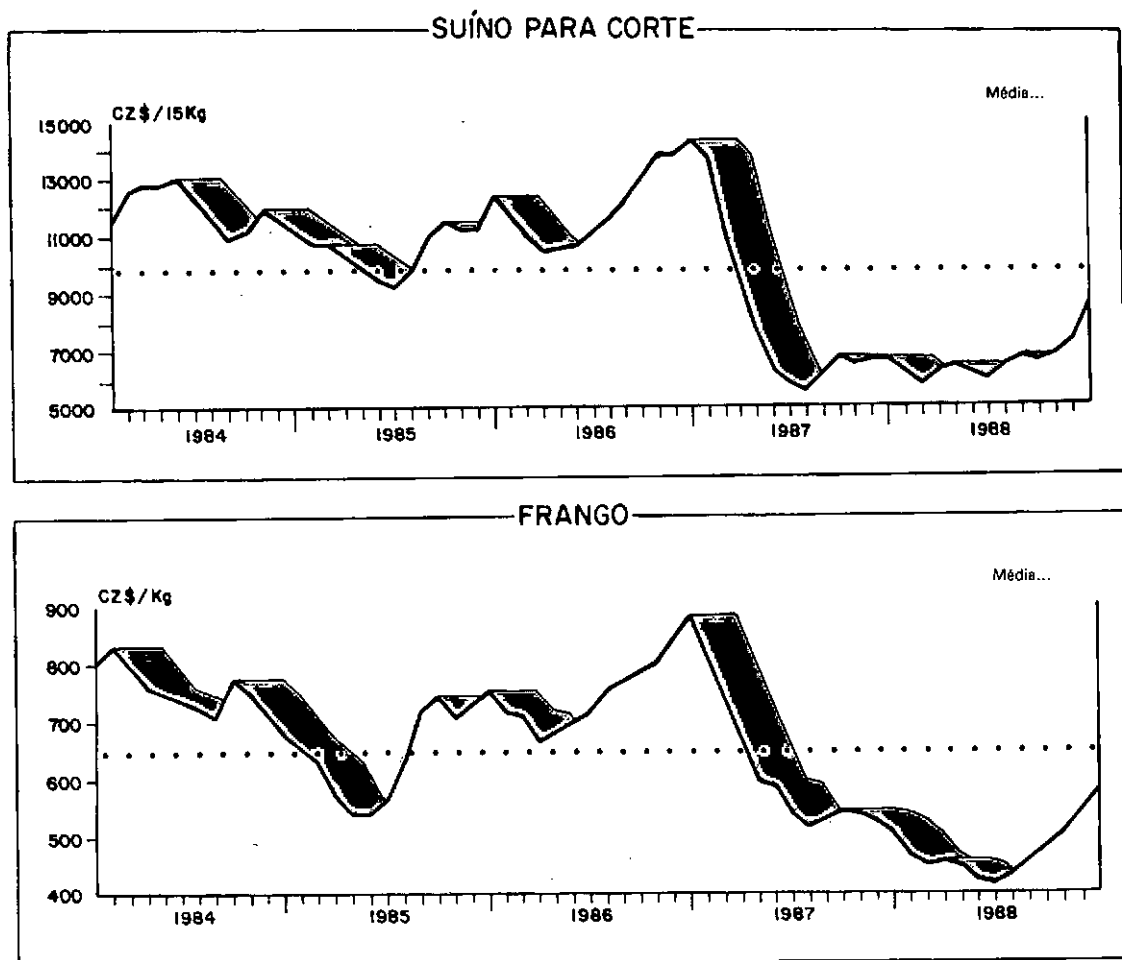
dução da produção, vale observar também que a atividade foi prejudicada pelos rigores do inverno da temporada passada. Digno de nota é o contraste verificado no quadro de produção semestral: enquanto nos primeiros seis meses, a produção de leite destinada às indústrias cresceu 25,8%, no segundo semestre acusou forte queda, embora em percentagem um pouco menor (Tabela 5), razão porque o balanço final de 1988 foi levemente superior ao do ano anterior.

No caso particular da avicultura de corte, o quadro de preços vigentes no período 1984/88 é semelhante aos da pecuária bovina e, em virtude de sua maior capacidade de adaptação ao mercado, a produção de

carne avícola mostrou-se declinante em 1988, ao registrar apenas 1,27 milhão de t de carcaça, 4,6% a menos do que no ano anterior. Especificamente, a produção de carne de frango, que representa cerca de 95% do total de carne avícola, alcançou 1,2 milhão de t, representando um decréscimo de 4,8% em comparação à de 1987 (Tabela 6). No biênio, o preço médio caiu de Cz\$ 591,00/kg de carcaça de frango em 1987 para Cz\$ 471,40/kg em 1988, ou seja, menos 20,2% (Gráfico 3 e Tabela 3).

Quadro idêntico ao da avicultura de corte configurou-se em 1988, para a de postura, tendo em vista que a queda verificada nos preços dos ovos de galinha, contrapôs-se o aumento dos preços das rações ou de seus

GRÁFICO 3
PREÇOS REAIS DO SUÍNO, PARA CORTE E DO FRANGO
RECEBIDOS PELOS PRODUTORES – 1984/88
Brasil



FONTE – Fundação Getúlio Vargas.

NOTA – Os preços reais foram corrigidos pelo Índice Geral de Preços – IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas, para dezembro de 1988.

principais componentes. Destarte, a diminuição do número de ovos produzidos de 1,18 bilhão de dúzias (1987) para 1,14 bilhão de dúzias (1988), refletiu a conjuntura mercadológica pouco favorável ao produtor no ano passado (Tabela 7). De fato, a redução de preços da média de Cz\$ 441,45/dúzia em 1986, para Cz\$ 348,57/dúzia em 1987, levou os granjeiros a providenciarem a redução dos plantéis de poedeiras, temerosos de que a tendência desfavorável do mercado prosseguisse no ano seguinte. E num contexto de recessão econômica, com a perda do poder de compra das classes assalariadas, a previsão do criador configurou-se correta: a média dos preços da dúzia de ovos de gali-

nha em 1988 ficou abaixo da casa dos Cz\$ 300,00 (Tabela 2 e Gráfico 2) no ano passado.

O produtor de carne suína, por sua vez, pode ter sido o mais sacrificado pelo desequilíbrio da economia posteriormente ao *Plano Cruzado I*. O preço da arroba, que havia atingido uma média de Cz\$ 12.041,62 em 1986, caiu para Cz\$ 6.676,04 em 1988, representando uma redução de 44,6% no biênio. Nota-se que essa queda de preços foi vertiginosa, verificando-se em apenas um semestre (de Cz\$ 14.394,47/arroba em dezembro de 1986, despencou para Cz\$ 5.713,38/arroba em junho de 1987) (Gráfico 3 e Tabela 3), induzindo o criador a diminuir drasticamente o seu plantel de ma-

**4 — ABATE MENSAL DE BOVINOS, POR NÚMERO DE ANIMAIS
E PESO DAS CARÇAÇAS — 1987-88
Brasil**

MESES	ABATE MENSAL DE BOVINOS					
	Total			Bois		
	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)
ANIMAIS ABATIDOS (1 000 cabeças)						
Total.....	10 592	11 907	12,4	7 328	7 507	2,4
Janeiro.....	655	949	44,9	489	615	25,8
Fevereiro.....	786	997	26,9	581	638	9,8
Março.....	1 015	1 070	5,5	738	646	-12,5
Abril.....	948	1 077	13,6	661	659	-0,3
Maió.....	978	1 164	19,0	673	742	10,3
Junho.....	996	1 100	10,4	674	684	1,5
Julho.....	943	1 030	9,2	617	642	4,1
Agosto.....	892	1 020	14,3	597	644	7,9
Setembro.....	869	848	-2,4	610	547	-10,3
Outubro.....	831	820	-1,3	575	546	-5,0
Novembro.....	790	851	7,7	514	550	7,0
Dezembro.....	889	981	10,3	599	594	-0,8
PESO DAS CARÇAÇAS (t)						
Total.....	2 261 931	2 446 838	8,2	1 708 576	1 701 319	-0,4
Janeiro.....	145 912	200 300	37,3	117 441	143 867	22,5
Fevereiro.....	176 054	209 874	19,2	140 480	147 905	5,3
Março.....	229 382	225 433	-1,7	180 786	151 181	-16,4
Abril.....	210 307	227 553	8,2	159 794	155 108	-2,9
Maió.....	213 485	248 291	16,3	160 448	175 142	9,2
Junho.....	214 380	228 515	6,6	158 370	157 484	-0,6
Julho.....	196 886	211 141	7,2	141 544	143 681	1,5
Agosto.....	185 458	204 133	10,1	136 849	142 352	4,0
Setembro.....	179 537	165 154	-8,0	137 441	117 191	-14,7
Outubro.....	188 368	161 183	-4,1	126 906	116 796	-8,0
Novembro.....	158 553	169 836	7,1	113 087	120 181	6,3
Dezembro.....	183 579	195 126	6,3	135 430	130 451	-3,7

MESES	ABATE MENSAL DE BOVINOS					
	Vacas			Vitelos		
	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)
ANIMAIS ABATIDOS (1 000 cabeças)						
Total.....	3 223	4 365	35,4	41	35	-14,6
Janeiro.....	164	331	101,8	2	3	50,0
Fevereiro.....	201	356	77,1	4	3	-25,0
Março.....	273	421	54,2	4	3	-25,0
Abril.....	284	415	46,1	3	3	-
Maió.....	302	419	38,7	3	3	-
Junho.....	318	412	29,6	4	4	-
Julho.....	322	385	19,6	4	3	-25,0
Agosto.....	291	373	28,2	4	3	-25,0
Setembro.....	256	298	16,4	3	3	-
Outubro.....	253	272	7,5	3	2	-33,3
Novembro.....	273	299	9,5	3	2	-33,3
Dezembro.....	286	384	34,3	4	3	-25,6
PESO DAS CARÇAÇAS (t)						
Total.....	550 015	742 961	35,1	3 340	2 558	-23,4
Janeiro.....	28 349	56 236	98,4	152	197	29,6
Fevereiro.....	35 232	61 731	75,2	342	238	-30,4
Março.....	48 269	73 998	53,3	327	254	-22,3
Abril.....	50 260	72 230	43,7	253	215	-15,0
Maió.....	52 753	72 930	38,2	284	219	-22,9
Junho.....	55 664	70 774	27,1	346	256	-26,0
Julho.....	55 007	67 208	22,2	335	252	-24,8
Agosto.....	48 298	61 602	27,5	311	179	-42,4
Setembro.....	41 800	47 760	14,3	296	203	-31,4
Outubro.....	41 241	44 528	8,0	221	159	-28,1
Novembro.....	45 225	49 499	9,4	211	156	-26,1
Dezembro.....	47 887	64 465	34,6	262	230	-12,2

FONTE — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS — 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Os resultados de 1988 são preliminares.

**5 – PRODUÇÃO MENSAL DE LEITE DESTINADO ÀS
INDÚSTRIAS – 1987-88
Janeiro/setembro
Brasil**

MESES	PRODUÇÃO MENSAL DO LEITE		
	Total (1)		
	1987	1988	Variação (%)
Total do período	8 906 423	9 026 859	1,4
Janeiro	823 109	931 900	13,2
Fevereiro	699 235	837 882	19,8
Março	706 849	844 360	19,5
Abril.....	689 947	738 956	7,1
Maió	684 044	725 058	6,0
Junho.....	636 489	659 397	3,6
Julho.....	658 753	664 020	0,8
Agosto	668 549	640 167	-4,2
Setembro.....	642 418	606 905	-5,5
Outubro.....	791 914	661 098	-16,5
Novembro.....	912 419	812 899	-10,9
Dezembro	992 697	904 217	-8,9

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Leite.

NOTAS — 1. Dados obtidos da Pesquisa Mensal de Leite reformulada a partir de janeiro de 1984.

2. Os resultados de 1988 são preliminares.

(1) Não inclui o leite (resfriado ou não) transferido para estabelecimentos da empresa, constante da Tabela 2.

trizes para evitar maiores prejuízos. Em consequência, o declínio da produção foi evidente em 1988, descendo das 735,3 mil t de carcaça em 1987 para 687,1 mil t em 1988 (Tabela 8).

Em 1988, as exportações brasileiras de carnes bovina e de frango atingiram 579 080 t de carcaças e 236 924 t de carcaças, respectivamente. Esses resultados representaram um incremento de 84,45% para carne bovina e de 12,37%, para a de frango. O montante de divisas obtido, da ordem de US\$ 869 069 000 FOB, não representou acréscimo idêntico ao da quantidade de carne exportada. De fato, o preço médio final foi de US\$ 1 065,03/t FOB de carcaças, significando um decréscimo de 13,57% em relação ao de 1987 (Tabela 9).

No Plano interno, a repercussão dessas vendas para o exterior significou uma queda no consumo aparente, considerando-se mesmo o caso da carne bovina em que a produção interna aumentou. Isto porque as transações internacionais oscilaram bastante no biênio: as importações decresceram para a metade (de 158 mil t em 1987 para 80 mil t de carcaças em 1988) e as exporta-

ções aumentaram significativamente (de 313 944 t em 1987 para 579 080 t de carcaças em 1988) (Tabela 10). Desse modo, o consumo aparente caiu 9,4%, no período. Com relação às carnes suína e avícola, cujas produções internas declinaram, o consumo aparente também registrou decréscimos: -13,9% e -9,7%, respectivamente. No conjunto, estima-se que o consumo aparente dessas três principais carnes tenha declinado 10,4% em 1988, em comparação ao de 1987 (Tabela 10).

Em relação ao consumo aparente de leite e de ovos, houve declínio também no biênio. A ingestão aparente por habitante acusou uma redução de 8,9% e a de ovos, de 4,9% em 1988 (Tabela 10).

As perspectivas para o ano de 1989 não são alentadoras tendo em vista a persistência das condições críticas prevalecentes no âmbito da economia, as quais não favorecem a retomada da produção, já que o gargalo da questão se situa na órbita do consumo (bastante reprimido no que concerne aos produtos de origem animal), em função das políticas recessivas implementadas atualmente no país.

**6 – ABATE MENSAL DE AVES POR NÚMERO DE ANIMAIS E PESO
DAS CARÇAÇAS – 1987/88
Brasil**

MESES	ABATE MENSAL DE AVES					
	Total (1)			Perus		
	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)
ANIMAIS ABATIDOS (1 000 cabeças)						
Total.....	832 029	786 801	-5,5	7 982	8 110	1,6
Janeiro.....	70 342	70 977	0,9	398	570	43,2
Fevereiro.....	63 597	60 693	-4,6	417	547	31,2
Março.....	66 488	65 616	-1,3	346	521	50,6
Abril.....	67 430	58 850	-8,0	356	548	53,9
Maió.....	66 237	63 663	-3,9	446	609	36,5
Junho.....	68 447	67 793	-1,0	606	577	-4,8
Julho.....	71 621	65 176	-9,0	870	615	-29,3
Agosto.....	66 454	65 665	-1,2	937	846	-9,7
Setembro.....	68 718	62 726	-8,7	1 015	917	-9,7
Outubro.....	75 023	65 661	-12,5	1 077	897	-16,7
Novembro.....	72 637	67 361	-7,3	1 080	749	-30,7
Dezembro.....	75 035	72 420	-3,5	434	714	64,5
PESO DAS CARÇAÇAS (t)						
Total.....	1 328 675	1 266 910	-4,6	44 922	46 496	3,5
Janeiro.....	110 691	112 588	1,7	2 589	2 936	13,4
Fevereiro.....	98 861	95 943	-3,0	2 576	2 866	11,3
Março.....	104 883	103 978	-0,9	2 292	2 840	24,0
Abril.....	106 778	94 579	-11,4	1 911	2 721	42,4
Maió.....	109 480	105 528	-3,6	2 694	3 365	24,9
Junho.....	109 113	110 361	1,1	3 143	3 302	5,1
Julho.....	114 595	105 312	-8,1	4 700	3 671	-21,9
Agosto.....	106 231	105 272	-0,9	5 300	4 992	-5,8
Setembro.....	110 085	101 755	-7,6	5 641	4 901	-13,1
Outubro.....	122 646	106 209	-13,4	6 375	4 963	-22,2
Novembro.....	118 679	108 822	-8,3	5 762	4 733	-17,9
Dezembro.....	116 663	116 563	-0,1	1 939	5 206	168,5

MESES	ABATE MENSAL DE AVES								
	Galos e galinhas			Frangos e frangas			Patos, marrecos e gansos		
	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)
ANIMAIS ABATIDOS (1 000 cabeças)									
Total.....	16 375	11 523	-29,6	806 717	765 629	-5,1	955	1 339	40,2
Janeiro.....	1 263	1 403	11,1	68 591	68 903	0,5	90	101	12,2
Fevereiro.....	1 680	827	-50,8	61 435	59 230	-3,6	65	89	36,9
Março.....	1 604	820	-48,9	64 458	64 135	-0,5	80	140	75,0
Abril.....	1 906	504	-73,6	65 095	57 715	-11,3	73	83	13,7
Maió.....	1 278	736	-42,4	64 454	62 224	-3,5	59	94	59,3
Junho.....	1 069	1 414	32,3	66 722	65 712	-1,5	50	90	80,0
Julho.....	1 338	998	-25,4	69 343	63 443	-8,5	70	120	71,4
Agosto.....	866	924	6,7	64 563	63 767	-1,2	88	128	45,5
Setembro.....	1 019	1 402	37,6	66 588	60 289	-9,5	96	118	22,9
Outubro.....	1 399	907	-35,2	72 454	63 755	-12,0	93	102	9,7
Novembro.....	1 755	803	-54,2	69 707	65 663	-5,8	95	146	53,7
Dezembro.....	1 189	785	-34,5	73 307	70 793	-3,4	96	128	33,3
PESO DAS CARÇAÇAS (t)									
Total.....	24 934	21 437	-14,0	1 256 897	1 196 410	-4,8	1 922	2 567	33,6
Janeiro.....	1 751	2 347	34,0	106 179	107 116	0,9	172	189	9,9
Fevereiro.....	2 254	1 665	-26,1	93 897	91 248	-2,8	134	164	22,4
Março.....	2 248	1 822	-19,0	100 177	99 057	-1,1	166	259	56,0
Abril.....	2 677	1 150	-57,0	102 044	90 557	-11,3	146	151	3,4
Maió.....	1 989	1 402	-29,5	104 676	100 637	-3,9	121	124	2,5
Junho.....	1 711	2 649	54,8	104 154	104 282	0,1	105	128	21,9
Julho.....	2 059	2 002	-2,8	107 694	99 408	-7,7	142	231	62,7
Agosto.....	1 647	1 649	0,1	99 107	98 365	-0,7	177	266	50,3
Setembro.....	1 534	2 163	41,0	102 700	94 431	-8,1	210	260	23,8
Outubro.....	2 273	1 480	-34,9	113 818	99 554	-12,5	180	212	17,8
Novembro.....	2 963	1 569	-47,0	109 773	102 209	-6,9	181	311	71,8
Dezembro.....	1 828	1 539	-15,8	112 678	109 546	-2,8	188	272	44,7

FONTE — IBGE. Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS — 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Os resultados de 1988 são preliminares.

(1) Não estão incluídos os abates de codornas.

7 – PRODUÇÃO MENSAL DE OVOS DE GALINHA – 1987/88
Brasil

MESES	PRODUÇÃO MENSAL		
	Quantidade (1 000 dúzias)		
	1987	1988	Variação (%)
Total.....	1 176 629	1 143 486	- 2,81
Janeiro.....	98 135	93 893	- 4,32
Fevereiro.....	91 804	90 493	- 1,42
Março.....	98 915	97 290	- 1,64
Abril.....	97 778	95 760	- 2,06
Maió.....	97 940	98 548	0,62
Junho.....	96 716	95 968	- 0,77
Julho.....	100 996	95 315	- 5,62
Agosto.....	100 621	96 662	- 3,93
Setembro.....	99 494	94 558	- 4,96
Outubro.....	101 213	95 724	- 5,42
Novembro.....	96 762	94 689	- 2,14
Dezembro.....	96 252	94 579	- 1,73

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Produção de Ovos de Galinha.

NOTA — Os resultados não correspondem às produções totais das Unidades da Federação, uma vez que são pesquisados somente estabelecimentos que possuíam, na época de sua inclusão na pesquisa, 10 000 ou mais poedeiras.

8 – ABATE MENSAL DE SUÍNOS, POR NÚMERO DE ANIMAIS E PESO DAS CARÇAÇAS – 1987/88
Brasil

MESES	ABATE MENSAL DE SUÍNOS								
	Total			Porcos			Leitões		
	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)	1987	1988	(%)
ANIMAIS ABATIDOS (1 000 cabeças)									
Total.....	10 930	10 422	- 4,6	10 766	10 259	- 4,7	164	163	- 0,6
Janeiro.....	788	920	19,8	780	909	19,6	8	11	37,5
Fevereiro.....	747	831	11,3	739	821	11,1	8	10	25,0
Março.....	788	915	16,1	780	905	16,0	8	10	25,0
Abril.....	763	809	5,3	758	799	5,4	10	10	-
Maió.....	891	903	1,3	881	893	1,4	10	10	-
Junho.....	949	915	- 3,6	940	904	- 3,8	9	11	22,2
Julho.....	982	901	- 8,2	970	891	- 8,1	12	10	- 16,7
Agosto.....	942	915	- 2,9	932	905	- 2,9	10	10	-
Setembro.....	996	864	- 13,3	985	854	- 13,3	11	10	- 9,1
Outubro.....	1 040	831	- 20,1	1 026	818	- 20,3	14	13	- 7,1
Novembro.....	986	798	- 19,1	963	781	- 18,9	23	17	- 26,1
Dezembro.....	1 073	820	- 23,6	1 032	779	- 24,5	41	41	-
PESO DAS CARÇAÇAS (t)									
Total.....	735 339	687 114	- 6,6	732 512	684 232	- 6,6	2 827	2 882	1,9
Janeiro.....	50 991	59 766	17,2	50 821	59 557	17,2	170	209	23,0
Fevereiro.....	49 607	53 811	8,5	49 443	53 611	8,4	164	200	22,0
Março.....	53 478	59 986	12,2	53 305	59 777	12,1	173	209	21,0
Abril.....	52 910	54 194	2,4	52 715	53 992	2,4	195	202	3,6
Maió.....	62 489	60 809	- 2,7	62 286	60 605	- 2,7	203	204	0,5
Junho.....	65 934	61 091	- 7,3	65 742	60 875	- 7,4	192	216	12,5
Julho.....	67 642	60 307	- 10,8	67 425	60 105	- 10,9	217	202	- 6,9
Agosto.....	64 099	61 721	- 3,7	63 886	61 524	- 3,7	213	197	- 7,5
Setembro.....	67 093	57 571	- 14,2	66 879	57 379	- 14,2	214	192	- 10,3
Outubro.....	69 133	54 838	- 20,7	68 894	54 622	- 20,7	239	214	- 10,5
Novembro.....	64 561	51 834	- 19,7	64 255	51 558	- 19,8	306	276	- 9,8
Dezembro.....	67 402	51 188	- 24,1	66 861	50 627	- 24,3	541	561	3,7

FONTES — IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária, Pesquisa Mensal de Abate de Animais.

NOTAS — 1. Dados obtidos a partir da amostra reformulada em janeiro de 1984.

2. Os resultados de 1988 são preliminares.

9 – EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA E DE CARNE DE FRANGO – 1987/88
Janeiro/Dezembro
Brasil

DISCRIMINAÇÃO	EXPORTAÇÃO DE CARNE BOVINA E DE CARNE DE FRANGO								
	Quantidade (t)		Variação (%)	Valor (US\$ 1 000 FOB)		Variação (%)	Preço médio (US\$/t FOB)		Variação (%)
	1987	1988		1987	1988		1987	1988	
Carne de bovino congelada, fresca ou resfriada.....	65 556	167 938	156,17	207 665	374 313	80,25	3 167,75	2 228,88	-29,64
Carne de bovino industrializada.....	89 244	130 871	46,64	223 111	259 346	16,24	2 500,01	1 981,69	-20,73
Total em equivalente carcaça.....	313 944	579 080	84,45	430 776	633 659	47,10	1 372,14	1 094,25	-20,25
Carne de frango.....	201 841	236 924	12,37	215 909	235 410	9,03	1 024,04	993,61	-2,97
Total em equivalente carcaça.....	524 785	816 004	55,49	646 685	869 069	34,39	1 232,29	1 065,03	-13,57

FONTE – FUNCEX, Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior.

10 – ESTIMATIVA DO CONSUMO APARENTE DE CARNES BOVINA, SUÍNA E AVÍCOLA, E OVOS E LEITE – 1987/88
Brasil

DISCRIMINAÇÃO	ESTIMATIVA DO CONSUMO APARENTE				
	1987				
	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo aparente (t)	Consumo aparente per capita (kg/1/un)
Carne bovina.....	2 281 931	158 000	313 944	2 105 987	14,89
Carne suína.....	735 339	34 943	8 918	761 364	5,38
Carne avícola.....	1 328 675	-	210 841	1 117 834	7,90
Total (carnes).....	4 325 945	192 943	533 703	3 985 185	28,17
Ovos (1 000 dúzias) (2).....	1 176 629	-	-	1 176 629	99,82
Leite (1 000 l) (3).....	8 906 423	(4) 1 010 077	197 000	9 719 500	68,71

DISCRIMINAÇÃO	ESTIMATIVA DO CONSUMO APARENTE				
	1988 ⁽¹⁾				
	Produção (t)	Importação (t)	Exportação (t)	Consumo aparente (t)	Consumo aparente per capita (kg/1/un)
Carne bovina.....	2 446 838	80 000	579 080	1 947 758	13,49
Carne suína.....	687 714	-	18 976	668 738	4,83
Carne avícola.....	1 266 910	-	236 924	1 029 986	7,13
Total (carnes).....	4 401 462	80 000	834 980	3 646 482	25,25
Ovos (1 000 dúzias) (2).....	1 142 996	-	-	1 142 996	94,97
Leite (1 000 l) (3).....	9 026 859	(4) 45 010	31 920	9 039 949	62,59

(1) Dados preliminares. (2) Não corresponde ao total (ver nota da tabela sobre produção de ovos). (3) Produção destinada às indústrias. (4) Leite em pó reidratado na proporção de 1 kg: 10l.

FONTES – IBGE, Diretoria de Pesquisas, Departamento de Agropecuária – FUNCEX, Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior.

PRODUTO INTERNO BRUTO - BRASIL 1º TRIMESTRE DE 1989

Os anos 80 representam para a economia brasileira um período de forte desaceleração do crescimento, fato que se expressa na expansão média do PIB de apenas 2,04% ao ano e na queda do PIB per capita em 0,16% ao ano. Estas taxas são bem piores do que aquelas observadas na década de 70 (expansão de 8,6% e 6,1% ao ano, respectivamente).

O período 1981/83, quando o PIB caiu em média 2,4% ao ano, marcou acentuado ajuste recessivo na economia que, somente em 1984, inicia uma trajetória de retomada do crescimento, a partir do excelente desempenho dos setores exportadores. Essa fase de recuperação se consolida em 1985 e atinge seu ponto mais alto em 1986, com o aquecimento do mercado interno observado durante a vigência do Plano Cruzado. A partir do primeiro trimestre de 1987, inicia-se um período de redução da taxa de crescimento do PIB que resulta na estagnação observada no ano de 1988.

As oscilações verificadas ao longo da década estão mais fortemente relacionadas com o desempenho dos setores de atividades industriais, segmento que não só pela sua participação na composição total do

produto, mas também pelos seus encadeamentos com os demais setores, é aquele que, em última análise, dita o ritmo da atividade econômica como um todo.

A série de índices de 1980 a 1988 em bases trimestrais, apresentada com pormenores na publicação da metodologia e seu resumo em anexo, permite observações mais detalhadas que serão objeto de análise em documento a ser divulgado brevemente. No momento, o objetivo é tecer algumas considerações mais gerais sobre o comportamento trimestral do PIB real nos dois últimos anos, isto é, de 1987 ao primeiro trimestre de 1989.

Neste primeiro trimestre de 1989, o PIB apresentou, em linhas gerais, resultado pouco favorável. Isto pode ser constatado (Tabela A) tanto na taxa de variação acumulada em 12 meses (- 0,71%), quanto na variação trimestre contra trimestre imediatamente anterior (- 0,28%) da série dessazonalizada. Este resultado representa uma piora em relação à estagnação já observada durante os últimos três trimestres de 1988. Com isto, neste início de ano o patamar do PIB situa-se no mais baixo ponto verificado desde o terceiro trimestre de 1986, segundo a série ajustada sazonalmente (Tabela B).

A – PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988/89

PERÍODOS	PRODUTO INTERNO BRUTO	
	Taxa acumulada em quatro trimestres (anualizada)	Taxa de variação contra o trimestre anterior (dessazonalizada)
1988		
1º trimestre	1,82	0,58
2º trimestre	0,03	0,28
3º trimestre	0,45	0,09
4º trimestre	- 0,12	- 3,04
1989		
1º trimestre	- 0,71	- 0,28

B – ÍNDICES TRIMESTRAIS DO PRODUTO INTERNO BRUTO, SEGUNDO OS PERÍODOS – 1985/89 (1980 = 100)

PERÍODOS	ÍNDICES TRIMESTRAIS	
	Observado	Com ajuste sazonal
1985		
1º trimestre	98,82	103,80
2º trimestre	107,88	103,88
3º trimestre	111,12	108,42
4º trimestre	110,18	111,36
1986		
1º trimestre	106,00	111,16
2º trimestre	116,05	113,22
3º trimestre	120,28	117,06
4º trimestre	118,12	118,98
1987		
1º trimestre	114,23	119,83
2º trimestre	123,96	120,34
3º trimestre	120,82	117,86
4º trimestre	118,10	119,11
1988		
1º trimestre	114,33	119,81
2º trimestre	123,46	120,14
3º trimestre	123,38	120,24
4º trimestre	115,38	116,59
1989		
1º trimestre	111,63	116,27

Ainda na série livre da componente sazonal, o resultado obtido em janeiro/março-89 marca a segunda queda consecutiva de um trimestre em relação ao trimestre anterior, acumulando uma retração de 3,3% desde julho/setembro-88. Apesar disso, no primeiro trimestre deste ano houve uma significativa redução no movimento de queda quando comparado à situação do final do ano passado: de um decréscimo de 3,04% assi-

nalado em outubro/dezembro-88 passa-se para - 0,28% nesse início de ano. Ao nível dos grupamentos de atividades econômicas, esse movimento é determinado fundamentalmente pela atenuação da retração na atividade industrial (de - 6,59% para - 1,69%, nos mesmos períodos). É importante salientar que o último trimestre de 1988 apresentou acentuada queda na produção industrial, na esteira de uma forte aceleração dos níveis inflacionários, afetando negativamente as expectativas dos agentes econômicos.

No comparativo com igual trimestre do ano anterior (série sem ajustamento sazonal), o primeiro resultado de 1989 praticamente reproduz o ritmo da queda observada ao final do ano passado (- 2,36% e - 2,30%, respectivamente). Ressalte-se que, nesse tipo de comparação, desde 1983 não se registram duas quedas consecutivas do PIB.

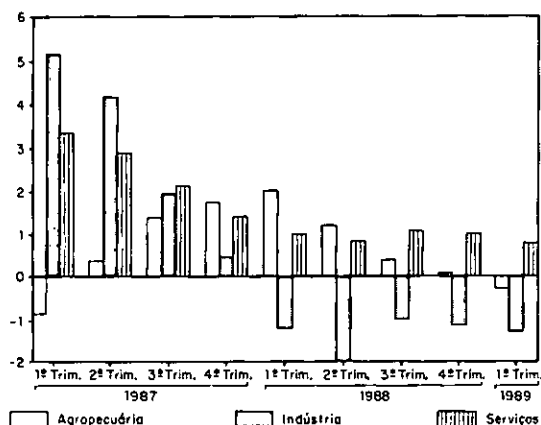
Num horizonte mais amplo, tomando-se a evolução recente dos índices anualizados, os mais apropriados para sinalizar a tendência do PIB (Tabela C e gráfico a seguir), e com base na composição setorial do seu crescimento, verificam-se as seguintes características:

– de modo geral a trajetória dos três grupamentos de setores de atividades (agropecu-

C – COMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO ANUALIZADO DO PIB TRIMESTRAL, POR PERÍODOS, SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE – 1987/89 (1980 = 100)

SETORES DE ATIVIDADE	PERÍODOS								
	1987				1988				1989
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB – Total	7,7	7,5	5,4	3,6	1,8	0,0	0,4	- 0,1	- 0,7
Agropecuária	- 0,8	0,4	1,4	1,7	2,0	1,2	0,4	0,1	- 0,3
Indústria	5,2	4,2	1,9	0,5	- 1,2	- 2,0	- 1,0	- 1,1	- 1,3
Serviços	3,4	2,9	2,1	1,4	1,0	0,8	1,1	1,0	0,9

PRODUTO INTERNO BRUTO
TRIMESTRAL — 1987/89
Composição do Crescimento Anualizado



cuária, indústria e serviços) é declinante. A exceção é o grupamento Serviços que nos três últimos trimestres mostra um quadro de estabilidade;

— os maiores impactos provêm da atividade industrial que varia de 5,18 pontos percentuais no início de 1987, a - 1,98 assinado no segundo trimestre do ano passado; e

— é possível visualizar três fases distintas em termos de liderança na formação do crescimento global. No primeiro semestre de 1987, é a indústria que sustenta as elevadas taxas de expansão do produto que caracterizou o final do Plano Cruzado. A fase que vai do início do segundo semestre de 1987 ao final do primeiro semestre de 1988 é marcada pela ascensão da agropecuária na liderança do crescimento como decorrência dos bons resultados das safras agrícolas. Finalmente, nos três últimos trimestres são os serviços que respondem pela influência positiva, insuficiente, contudo, para sustentar taxas positivas do PIB total.

Em relação ao segundo trimestre do corrente ano, vale salientar que a perspectiva é mais favorável. Isto devido aos impactos positivos no Comércio do congelamento de preços do Plano Verão, que se refletiu, com alguma defasagem também na indústria.

ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS ADICIONAIS

Ainda que o texto *Brasil — Produto Interno Bruto Trimestral: Metodologia e Resulta-*

dos — 1980-88 contemple a descrição detalhada de todos os procedimentos de cálculo para a obtenção dos índices de cada setor de atividade, cabe esclarecer alguns pontos, quais sejam: diferença dos resultados do PIB anual e trimestral, e o tratamento dos indicadores usados para as instituições financeiras, administrações públicas, comércio, outros serviços e na agropecuária, as lavouras.

PIB real anual \times PIB real trimestral — os resultados do PIB anual e trimestral apresentam pequenas diferenças devido ao tratamento das informações. Embora se possam fazer boas estimativas do PIB anual através do cálculo trimestral, o resultado oficial do PIB brasileiro é, e permanecerá sendo, o anual, calculado até o presente momento segundo a metodologia das Contas Nacionais Consolidadas.

Instituições Financeiras — A compreensão e interpretação da contribuição dessa atividade na formação da taxa do PIB está intimamente relacionada ao conceito de Valor de Produção. A maior parte das receitas das Instituições Financeiras vem da diferença entre os juros recebidos e os juros pagos sobre capitais que na maior parte não são propriedade dessas Instituições. Ou seja, o papel de intermediação financeira é o de redistribuir fundos entre unidades superavitárias e deficitárias. Os juros, por isso mesmo, não são considerados um produto (serviço), mas um rendimento, isto é, uma operação de repartição da renda. Eles não advêm diretamente da produção, onde os recursos são gerados. Sua contabilização como produto da atividade das Instituições Financeiras significaria uma dupla contagem: ele já é uma parcela deduzida dos recursos gerados na produção por outras unidades e não poderia ser novamente mensurado nas Instituições Financeiras. Por isso, essa atividade contribui para o PIB apenas naquela parcela referente aos serviços pelos quais são remunerados diretamente. Na ausência de um bom indicador para estes serviços usa-se como *proxy* o pessoal ocupado na atividade.

Administrações Públicas — Por limitações de ordem metodológica e da não existência em séries contínuas de indicado-

res de desempenho desta atividade sua mensuração torna-se muito difícil. Seriam necessários indicadores de curto prazo que refletissem a evolução dos serviços prestados pelo governo tais como: previdência social, saúde e educação pública, segurança, defesa, etc. A hipótese adotada é que os serviços prestados pelo governo evoluem na mesma proporção que o crescimento populacional. Vale lembrar que não estão aí incluídas as empresas produtivas estatais, alocadas nos seus respectivos setores de atividades.

Comércio — Conceitualmente o valor adicionado do comércio está associado à margem de comercialização, isto é, à diferença entre venda e custo das mercadorias vendidas. No entanto, o único indicador mensal disponível está relacionado apenas com o faturamento da atividade (informações das Federações de Comércio), razão pela qual a metodologia aqui adotada opta por considerar que os bens produzidos internamente e os importados são necessariamente distribuídos pelas cadeias de comercialização. Daí, acompanha-se a evolução física da produção e da importação ponderadas por uma estrutura de margem de comercialização, obtida da Matriz de Insumo-Produto de 1980, adotando-se a hipótese de que os estoques são constantes.

Outros Serviços — Neste setor de atividade estão classificadas a produção de serviços de alojamento e alimentação, de reparação, serviços prestados às empresas e às famílias, publicidade e propaganda, rádio e televisão, etc., alcançando 36% do grupoamento de Serviços. Essa diversidade de serviços aí incluídos reflete a dificuldade de se ter para cada um deles indicadores próprios. O caminho seguido é tomar a evolução do emprego conforme calculado pelo Ministério do Trabalho, como medida aproximada do desempenho da atividade.

Lavouras — As informações mensais disponíveis refletem sempre uma produção estimada para o ano, isto é, a cada mês as estimativas de produção anual de um subconjunto das principais lavouras vão sendo atualizadas. O sistema de ponderação adotado procura distribuir ao longo do ano essa

estimativa de produção anual, segundo os meses de colheita das diferentes lavouras.

NOTAS METODOLÓGICAS

1 — Os detalhes da metodologia e das fontes utilizadas no cálculo desse indicador se encontram no texto *Brasil — Produto Interno Bruto Trimestral: Metodologia e Resultados — 1980-88*. Diretoria de Pesquisas (Textos Metodológicos nº 9). A base conceitual mais ampla está contida no texto *Brasil Sistema de Contas Nacionais Consolidadas: Metodologia e Resultados — 1970-87*. Diretoria de Pesquisas (Textos Metodológicos nº 8).

2 — A base de ponderação dos índices é fixa e tem como referência a estrutura do Valor Adicionado das Contas Nacionais Consolidadas, ano-base de 1980.

3 — A fórmula de cálculo adotada é uma adaptação de LASPEYRES base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

4 — São divulgados três tipos de Indicadores:

— Índice Base Fixa Trimestral (número índice): compara o PIB do trimestre de referência do índice com média dos trimestres do ano-base de 1980;

— Taxa Trimestral: compara o PIB do trimestre de referência em relação a igual trimestre do ano anterior; e

— Taxa Acumulada em quatro trimestres (anualizada): compara o PIB acumulado nos últimos quatro trimestres de referência em relação a igual período imediatamente anterior.

Outras taxas (por exemplo, trimestre/trimestre anterior) podem ser obtidas pelo usuário a partir dos índices base fixa.

5 — O ajuste sazonal das séries foi obtido utilizando-se o método X-11, adotado internacionalmente. O método foi aplicado aos índices dos setores de atividade e ao do PIB total.

6 — Os índices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos à retificação em função de modificações nos dados básicos.

**1 – INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL,
SEGUNDO OS SETORES DE ATIVIDADE – 1988/89**

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Índice base fixa trimestral (1980 = 100)				
	1988				1989
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	114,33	123,46	123,38	115,38	111,63
Agropecuária	123,53	171,52	120,06	97,29	124,74
Lavouras	117,81	198,81	123,61	83,95	121,03
Produção animal	132,40	129,48	114,55	117,99	130,52
Indústria	104,93	108,94	117,51	106,55	97,69
Extrativa mineral	186,54	176,10	130,73	180,94	178,80
Transformação	98,66	104,03	115,54	102,30	91,47
Construção	103,66	104,00	101,06	95,76	93,79
Serviços industriais de utilidade pública	170,44	173,27	176,30	176,90	172,58
Serviços	122,56	126,23	131,16	130,92	123,96
Comércio	101,25	106,10	114,41	111,14	96,62
Transporte	117,95	128,86	140,12	137,31	115,38
Comunicações	266,34	278,05	281,91	307,35	307,08
Instituições financeiras	129,67	129,85	130,92	131,80	132,04
Serviços públicos	117,77	118,37	118,98	119,59	120,21
Outros serviços	134,58	136,86	138,57	139,41	139,09

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa (trimestre/igual trimestre do ano anterior)				
	1988				1989
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	0,09	- 0,41	2,12	- 2,30	- 2,36
Agropecuária	13,40	- 2,02	- 5,91	- 1,28	0,98
Lavouras	13,18	- 5,18	- 8,36	3,70	2,73
Produção animal	13,71	6,42	- 1,50	- 6,25	- 1,42
Indústria	- 5,10	- 2,76	2,86	- 5,37	- 6,89
Extrativa mineral	5,30	0,60	0,02	- 4,12	- 4,15
Transformação	- 6,24	- 4,08	2,73	- 6,39	- 7,29
Construção	- 6,05	- 1,91	2,14	- 5,51	- 9,52
Serviços industriais de utilidade pública	3,38	8,51	7,83	5,57	1,26
Serviços	2,11	2,75	3,70	0,55	1,14
Comércio	- 5,16	- 2,55	2,70	- 6,43	- 4,57
Transporte	- 0,52	5,31	7,00	1,73	- 2,19
Comunicações	8,05	11,54	9,56	15,27	15,29
Instituições financeiras	1,05	- 0,54	- 0,45	0,98	1,83
Serviços públicos	2,07	2,07	2,07	2,07	2,07
Outros serviços	7,64	5,20	3,52	2,78	3,35

SETORES DE ATIVIDADE	INDICADORES DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL				
	Taxa acumulada em quatro trimestres				
	1988				1989
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	1º trimestre
PIB	1,82	0,03	0,45	- 0,12	- 0,71
Agropecuária	17,55	10,04	3,09	0,44	- 2,12
Lavouras	17,32	5,34	- 1,05	- 1,02	- 2,93
Produção animal	17,93	18,71	10,54	2,95	- 0,74
Indústria	- 2,55	- 4,33	- 2,20	- 2,56	- 2,95
Extrativa mineral	1,03	2,07	2,00	0,37	- 1,97
Transformação	- 3,02	- 5,22	- 3,06	- 3,42	- 3,62
Construção	- 2,94	- 4,78	- 2,16	- 2,92	- 3,75
Serviços industriais de utilidade pública	1,82	3,24	5,05	6,30	5,73
Serviços	2,35	1,93	2,47	2,26	2,03
Comércio	- 1,16	- 3,41	- 2,07	- 2,90	- 2,73
Transporte	0,80	0,85	2,57	3,42	3,04
Comunicações	8,05	8,07	8,71	11,17	12,97
Instituições financeiras	- 1,71	- 0,19	- 0,34	0,26	0,45
Serviços públicos	2,07	2,07	2,07	2,07	2,07
Outros serviços	5,09	5,62	5,39	4,73	3,70

**2 – ÍNDICE DE BASE FIXA DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL,
SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988/89**

PERÍODOS	ÍNDICE DE BASE FIXA DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (total)	Agricultura	Indústria	Serviços
1980				
1º trimestre	95,49	96,82	95,23	95,40
2º trimestre	103,28	138,92	98,09	98,90
3º trimestre	102,20	89,18	105,45	102,22
4º trimestre	99,03	75,08	101,22	103,48
1981				
1º trimestre	95,34	99,61	93,24	96,54
2º trimestre	100,58	165,74	89,98	96,78
3º trimestre	96,04	99,50	93,45	98,04
4º trimestre	90,94	77,06	88,00	98,40
1982				
1º trimestre	91,16	102,32	84,93	95,15
2º trimestre	101,34	144,26	92,72	98,81
3º trimestre	99,75	98,50	98,46	101,61
4º trimestre	94,06	85,92	89,10	102,20
1983				
1º trimestre	88,25	97,04	79,90	95,38
2º trimestre	97,18	147,02	84,77	97,04
3º trimestre	96,30	105,35	90,47	100,44
4º trimestre	93,18	79,69	88,49	102,55
1984				
1º trimestre	92,03	103,66	82,88	99,25
2º trimestre	101,76	150,74	89,31	101,93
3º trimestre	101,53	102,27	97,26	106,27
4º trimestre	100,00	83,83	96,08	109,52
1985				
1º trimestre	98,82	110,62	90,55	104,97
2º trimestre	107,88	166,19	93,03	108,11
3º trimestre	111,12	116,10	106,99	114,47
4º trimestre	110,18	89,46	107,74	119,05
1986				
1º trimestre	106,00	105,19	99,97	113,23
2º trimestre	116,05	147,82	106,79	117,54
3º trimestre	120,28	103,01	120,93	124,56
4º trimestre	118,12	86,66	117,11	128,49
1987				
1º trimestre	114,23	108,92	110,56	120,03
2º trimestre	123,96	175,06	112,04	122,89
3º trimestre	120,82	127,60	114,24	126,48
4º trimestre	118,10	98,55	112,57	130,21
1988				
1º trimestre	114,33	123,53	104,93	122,56
2º trimestre	123,46	171,52	108,84	126,28
3º trimestre	123,38	120,06	117,51	131,16
4º trimestre	115,38	97,29	106,55	130,92
1989				
1º trimestre	111,63	124,74	97,69	123,96

3 – ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL,
SEGUNDO OS PERÍODOS – 1988/89

PERÍODOS	ÍNDICE DE BASE FIXA COM AJUSTE SAZONAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (total)	Agricultura	Indústria	Serviços
1980				
1º trimestre	99,97	102,04	100,67	98,56
2º trimestre	99,62	101,09	99,34	99,51
3º trimestre	99,64	96,72	99,43	100,74
4º trimestre	100,74	100,50	100,49	101,10
1981				
1º trimestre	99,87	104,83	98,74	99,73
2º trimestre	96,26	112,98	91,07	97,40
3º trimestre	93,96	107,64	88,23	96,63
4º trimestre	92,80	103,19	87,26	96,19
1982				
1º trimestre	95,48	108,01	90,00	98,19
2º trimestre	97,59	105,91	98,83	99,52
3º trimestre	97,41	105,87	92,95	100,12
4º trimestre	95,92	114,02	88,08	99,74
1983				
1º trimestre	92,47	101,87	84,93	98,47
2º trimestre	93,46	108,72	85,85	97,84
3º trimestre	94,17	112,42	85,47	98,96
4º trimestre	94,50	104,69	87,21	100,00
1984				
1º trimestre	96,60	109,86	88,17	102,52
2º trimestre	98,03	110,93	90,60	102,88
3º trimestre	99,09	108,06	92,01	104,69
4º trimestre	101,36	111,08	94,39	106,62
1985				
1º trimestre	103,80	117,83	96,28	108,44
2º trimestre	103,88	122,07	94,57	109,37
3º trimestre	108,42	121,65	101,35	112,77
4º trimestre	111,36	119,52	105,63	115,63
1986				
1º trimestre	111,16	111,65	105,64	117,01
2º trimestre	113,22	110,88	108,86	118,96
3º trimestre	117,06	107,20	114,77	122,60
4º trimestre	119,98	116,68	111,62	124,72
1987				
1º trimestre	119,83	115,81	117,02	124,26
2º trimestre	120,34	129,54	114,44	124,50
3º trimestre	117,86	132,47	108,45	124,53
4º trimestre	119,11	129,43	110,16	126,49
1988				
1º trimestre	119,81	131,79	110,89	126,66
2º trimestre	120,14	128,38	111,35	127,94
3º trimestre	120,24	124,39	111,57	129,11
4º trimestre	116,59	129,13	104,22	127,30
1989				
1º trimestre	116,27	131,99	102,46	127,72

4 – MÉDIA ANUAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL, POR SETORES – 1980-88

ANOS	MÉDIA ANUAL DO PRODUTO INTERNO BRUTO TRIMESTRAL (1980 = 100)			
	Produto Interno Bruto (total)	Agricultura	Indústria	Serviços
1980	100,00	100,00	100,00	100,00
1981	95,72	107,89	91,17	97,44
1982	96,58	107,75	91,30	99,44
1983	93,73	107,27	85,91	98,85
1984	98,85	110,07	91,38	104,21
1985	107,00	120,59	99,58	111,65
1986	115,11	110,67	111,20	120,95
1987	119,28	127,53	112,36	124,90
1988	119,14	128,10	109,48	127,73